FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.752 | DOMINGO, 26 DE MAIO DE 2024 | R$ 9,90

Ilustrada Ilustríssima

'Anora' leva a Palma de Ouro

Filme de Sean Baker sobre romance de stripper e magnata vence em Cannes **C8**

Ciência B6

Einstein chamou cientista de 'macaco' após visita ao Rio, mostram diários

Equilíbrio B4

Mercado avança, mas ainda é difícil encontrar base para tons de pele negra

Esporte B7

Com seis tenistas, participação do Brasil em Roland Garros é recorde

George Lucas entrega troféu ao diretor Sean Baker, em Cannes *Antonin Thuillier/AFP*

Promotoria liga Milton Leite a crimes em viação de SP

Inquérito apura infiltração do PCC no transporte público; vereador critica 'ilação'

O Ministério Público diz que Milton Leite (União Brasil), presidente da Câmara de São Paulo, teve "papel juridicamente relevante na execução dos crimes sob apuração" envolvendo a viação Transwolff, investigada sobre possível infiltração do PCC no transporte público, informa **Rogério Pagnan**.

A possível ligação do vereador com dirigentes da empresa de ônibus da capital foi apontada pela Promotoria em pedido à Justiça, em fevereiro do ano passado, de quebra dos sigilos bancário e fiscal. A solicitação foi aceita. Os documentos, contudo, não dizem qual crime Leite teria cometido.

A suspeita do Ministério Público surgiu ao investigar o presidente da Transwolff, Luiz Carlos Efigênio Pacheco, preso no mês passado. Em documentos, os promotores apresentam mensagem de Pacheco pedindo voto para Leite e emails entre assessoras do parlamentar e integrantes da empresa.

Em nota, o vereador disse que desconhece a quebra de sigilos, colocou seus dados à disposição dos promotores, afirmou que é apenas testemunha do caso e criticou o que chama de "ilações de terceiros". Os advogados de Pacheco negam ligação do dirigente com a facção criminosa. **Cotidiano B1**

Cooperativas driblam regras e criam megaexploração de ouro

Cooperativas e empresários driblam regras do setor de mineração para criar mega-áreas para a exploração de ouro de forma ilegal na Amazônia, em regiões maiores que os limites de grandes capitais do Brasil. **Mercado p.1**

Relação Brasil-EUA, 200, teve novo paradigma no século 20

Mundo A14

Manoel Theophilo Oliveira Filho (1885-1941) *Arquivo pessoal*

Única família com barba no Exército põe fim à tradição

Por cinco gerações, apenas os Theophilos tiveram autorização para usar barba no Exército —proibição veio após a Primeira Guerra, em razão do uso de máscaras de gás. Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho, porém, decidiu trocar a carreira militar pela música. **Política A8**

Ailton Krenak

Peço licença ao provável leitor

Peço licença a um "provável leitor", como certa vez escreveu Machado de Assis. Prometo que, neste ano, vocês me ouvirão mais de uma vez evocando Mário de Andrade. Muita referência, ao menos, a Macunaíma. **Ilustrada Ilustríssima C3**

O escritor e líder indígena passa a assinar coluna mensal

A vida em meio ao horror

Professor de literatura na UFRGS, Luís Augusto Fischer relata o caos no Sul. "Planejar o futuro e viver o presente, esperar e partir para o ataque, encontrar aliados e selecionar culpados." **Ilustrada Ilustríssima C7**

Porto Alegre tem maior volume de chuva desde 1916

Cotidiano B3

ENTREVISTA

Johan Rockström

Estridência de negacionistas é sinal de derrota

Para cientista sueco que pesquisa limites da Terra, negacionistas do clima demonstram desespero com o declínio dos combustíveis fósseis. **Ambiente B5**

Bruno Santos/Folhapress

NOITES MALDORMIDAS E EXAUSTÃO MARCAM A ROTINA EM ABRIGOS DE PORTO ALEGRE

Centro Vida, na capital gaúcha, atende 600 desabrigados pelas enchentes; medo de furtos e falta de água quente também são desafios diários **Cotidiano B3**

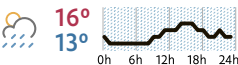
ISSN 1414-5723

9 771414 572018 34752

ATMOSFERA

São Paulo hoje

16º 13º

0h 6h 12h 18h 24h

Fonte: www.climatempo.com.br

	Hoje	Amanhã
Rio	19º 24º	18º 27º
Brasília	14º 28º	15º 28º
Ribeirão	16º 25º	17º 28º

EDITORIAIS A2

IDH indica ineficiência do Estado brasileiro

Sobre carga tributária excessiva e iníqua, além de gastos públicos mal direcionados para o combate à pobreza.

A guerra e a Palestina

Acerca de mais apoios à criação do Estado árabe.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

IDH indica ineficiência do Estado brasileiro

Com carga tributária excessiva para média renda e iníqua, além de gasto público mal direcionado, país não alcança nível elevado de desenvolvimento

Entre os 30 países com maior carga de impostos, o Brasil é o que apresenta o pior índice de desenvolvimento humano (IDH). O dado, apurado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação, evidencia de modo eloquente distorções do Estado brasileiro.

Em 2022, ano que serviu de base para o levantamento, a arrecadação tributária brasileira, nos três níveis de governo, correspondeu a 32,4% do Produto Interno Bruto —a 24ª posição da lista, encabeçada pela Noruega (44,3%) e quase toda composta por economias ricas.

Já nosso IDH, de 0,76 numa escala de 0 a 1, é o único na relação abaixo do patamar classificado como alto desenvolvimento (0,80).

O índice leva em conta renda per capita, educação e longevidade. No primeiro critério, corrige-se o poder de compra em cada país, de modo a se obter uma régua comum, dado que regiões com renda superior têm nível de preços mais alto.

A discrepância entre carga tributária e bem-estar é um indicador da ineficiência do poder público no Brasil. Aqui, o nível dos impostos já é excessivo para uma sociedade de renda média, o que compromete o setor produtivo e o potencial de crescimento econômico.

Ademais, a taxação é mal distribuída e regressiva, prejudicando o combate à desigualdade social.

Onera-se em demasia o consumo, o que pesa em especial sobre os estratos mais pobres da população, enquanto setores influentes desfrutam de regras especiais.

A carga elevada tem como motivo um gasto público ainda mais alto —porém com graves problemas de eficiência e qualidade.

Benefícios sociais, como aposentadorias, Bolsa Família, abono salarial, seguro-desemprego e outros, recebem o equivalente a 16,5% do PIB, patamar raro em países emergentes. No entanto a Previdência, que consome a maior parcela desses recursos, não tem foco nos mais carentes.

Outros 10,8% do produto vão para remunerações de servidores públicos, boa parte deles pertencentes aos setores da elite. Despesas variadas de custeio somam 5,5%. Sobra muito pouco para investimentos, em particular obras de infraestrutura necessárias para elevar o potencial da economia.

O país tem gasto público elevado para padrões internacionais, mas o impacto no bem-estar se mostra inferior ao observado no restante do mundo, ainda mais no contexto de estagnação da produtividade que já dura décadas.

A difícil reforma da tributação nacional enfim teve início. Com as despesas, será necessário um trabalho de revisão contínua.

A guerra e a Palestina

Mais países vão reconhecer Estado árabe, mas terrorismo é um dos obstáculos a superar

Espanha, Irlanda e Noruega prometeram reconhecer oficialmente a Palestina como Estado soberano. Não se trata de iniciativa banal neste momento em que a guerra na Faixa de Gaza prossegue sem horizonte de paz —percepção aqui tragicamente avivada pela morte do brasileiro Michel Nisenbaum, feito refém pelo terrorismo do Hamas.

As decisões dos três países da União Europeia se dão em meio à hesitação do bloco em adotar uma posição coesa sobre o tema, motivo também de conflito interno nas Nações Unidas. A coexistência de dois Estados, israelense e palestino, é defendida por esta **Folha**.

Em abril, os EUA vetaram o reconhecimento do segundo, que contava com 12 votos favoráveis no Conselho de Segurança da ONU, três a mais do que o necessário. A Assembleia Geral reagiu retoricamente neste mês ao aprovar, com 149 votos, resolução que pede ao conselho a revisão de sua negativa.

Demover Washington, idealmente sob a Presidência do democrata Joe Biden, depende sobretudo de uma concertação sólida do Ocidente. A Europa é obviamente parte essencial desse processo, embora o movimento dos três países tenha por ora mais o efeito de reforçar as pressões sobre Israel.

Como bloco, a UE aferra-se aos termos do Acordo de Oslo, de 1993, que prevê a solução de dois Estados independentes, democráticos e soberanos. Mas apenas 8 de seus 27 membros reconhecem a Palestina, conta que subirá para 11.

Ao menos três fatores pesam nessa indefinição: a histórica incerteza sobre o papel do Hamas e outros grupos terroristas e da frágil Autoridade Palestina na consolidação do novo Estado; a guinada de Israel para a extrema direita sob Binyamin Netanyahu; os traumas acumulados ao longo de sete meses de guerra em Gaza.

Da brutal origem no terror do Hamas em Israel aos ataques bélicos de Netanyahu contra civis em Gaza, o conflito aprofunda ódios atávicos. O fracasso da negociação internacional sobre um cessar-fogo deve-se também a esse sinistro.

Não há dúvidas de que, quanto mais coesa a UE esteja em favor da criação de um Estado Palestino, maior será seu poder de pressão.

Glossogênese

Hélio Schwartsman

“Uma língua é um dialeto com exército e marinha.” O chiste é de um autor iídiche, Max Weinreich, mas é perfeito para descrever uma realidade da península Ibérica. Portugal foi o primeiro país europeu a tornar-se um Estado e possuir uma marinha. Com isso, não só proclamou que o falar ali utilizado era uma língua distinta do galego como ainda se lançou no projeto nacionalista de apagar os traços deste idioma do qual o português se origina.

É fundamentalmente essa a história que Fernando Venâncio conta em “Assim Nasceu uma Língua”. Tiro o chapéu para o autor, que conseguiu transformar o que poderia ser um texto aborrecido, repleto de listas de palavras e tecnicismos linguísticos, em obra acessível e gostosa de ler. Há passagens bem divertidas, como aquelas em que ele impreca contra a reforma ortográfica e os gramáticos prescricionistas.

Gostei particularmente da explicação que Venâncio dá para os dobretes do português, aquelas palavras que aparecem duas vezes no idioma e têm a mesma origem etimológica, como “luar” e “lunar”. É que, numa fase posterior, o português recorreu ao espanhol para expandir seu vocabulário. Ao fazê-lo reencontrou as consoantes latinas (no caso o “n”) que derrubara no período de formação da língua. Continuarei a dizer IA gerativa em vez de generativa.

Lamento que Venâncio se concentre muito no léxico e trate pouco de outras partes da gramática. Tenho fascínio pelo infinitivo conjugado, um particularismo do galego e do português inexistente em outras línguas indo-europeias. O infinitivo conjugado é uma contradição que carrega um problema metafísico, já que confere atributos de pessoa e número à forma verbal que exprime a ação em estado puro e, pela lógica, não comportaria flexões. Não é que Venâncio não trate do tema, mas o faz tangencialmente, longe da questão ontológica. Fiquei feliz por descobrir que o húngaro também tem um infinitivo pessoal.

helio@uol.com.br

Uma pizza de R$ 15 bilhões

Bruno Boghossian

Cardeais da Câmara e do Senado assumiram a partilha de R$ 15 bilhões em emendas reservadas para as comissões do Congresso. O critério para dividir a verba ganhou de parlamentares o apelido de “pizza”.

A distribuição é controlada por Arthur Lira (PP), na Câmara, e por um grupo representado por Davi Alcolumbre (União Brasil), no Senado. O líder de cada partido recebe uma fatia da verba para repartir entre os integrantes da bancada. A divisão segue orientações apresentadas num gráfico em formato de pizza, com a porção que deve ser indicada para cada ministério. A palavra final é dos gabinetes de Lira e Alcolumbre.

As emendas de comissão se tornaram uma ferramenta importante de poder porque seu pagamento não é obrigatório nem igualitário —pode ser feito de acordo com negociações políticas. Lira quer o apoio das bancadas para eleger um sucessor na Câmara, e Alcolumbre pretende voltar a presidir o Senado.

A verba também faz parte de um acordo do Congresso com o governo Lula (PT). Segundo o acerto, as emendas devem atender, prioritariamente, às indicações de parlamentares que votam a favor do Planalto.

O fatiamento contempla até a bancada do PL na Câmara. De um lado, Lira tem interesse em reforçar seus laços com a sigla para a sucessão. De outro, o governo estima que 30 deputados do partido de Jair Bolsonaro estejam alinhados ao Planalto.

Boa parte dos recursos passa por ministérios controlados pelo centrão e por siglas da base aliada. Na Câmara, quase metade do dinheiro fica com Cidades (MDB), Integração (União Brasil), Turismo (União Brasil), Esporte (PP) e Agricultura (PSD). Parlamentares citam essa destinação como uma maneira de reduzir a influência do articulador Alexandre Padilha sobre os pagamentos.

O modelo repete vícios das emendas de relator, proibidas pelo STF em 2022. A divisão da verba fica concentrada em dirigentes do Congresso, que não têm obrigação de identificar os parlamentares que são os reais responsáveis pelas indicações.

O Leblon careta

Ruy Castro

A história das duas mulheres que passaram semanas morando no McDonald's do Leblon, aqui no Rio, só me chocou pela escolha do anfitrião. Eu preferiria o Degrau ou o Alvaro's, sexagenários altares da gastronomia e da boemia carioca, típicos do calor humano e da suavidade do Leblon.

Calor humano e suavidade? —perguntará você. O Leblon não é o inferno noturno, com multidões nas calçadas das boates e dos botequins? É. E é também um dos bairros mais pacatos da cidade. Refiro-me ao Leblon diurno, ideal para flanar, com seu morno silêncio, ruas vazias e tudo o que um cidadão pode querer ao alcance das pernas. Duvida?

Sim, temos restaurantes, botequins e cafés, tanto de luxo quanto sórdidos. Mas também cinema de rua, banquinha de frutas na esquina e ambulante de cocada que passa buzinando. Dentista, hospital, correio, metrô, chaveiro, sapateiro, florista, relojoeiro. Teatro, colégio, shopping, igreja (católica), sinagoga e centro espírita. Lojas de moldura, de tecidos e até de pianos. Bazar de caçarolas e açucareiros. Livraria, lavanderia, padaria e loteria. Academias de judô, ioga e meditação transcendental. Ruas muito arborizadas. Jardins, o de Alah, em obras, e a praça Antero de Quental.

Praia histórica, com quiosques (inclusive para bebês), redes de vôlei e futevôlei, tendo ao fundo o morro Dois Irmãos, novo cartão-postal da cidade, e, ao largo, as ilhas Tijucas, onde no verão o sol se põe e as pessoas aplaudem do Arpoador. Clubes sociais, vários. E, ah, sim, um de futebol —o Flamengo.

Este é o Leblon família, careta, com uma farta população de coroas e aposentados. O outro Leblon, que ocupa o mesmo espaço e sai nos jornais, é mais famoso: o das grandes noites nas ruas, com gente jovem, barulhenta, bonita, e que nós, moradores, nem temos o prazer de conhecer porque, quando eles chegam, vindos de toda parte do Rio e de fora, já fomos dormir.

Guerra molecular

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

No anseio necropolítico do Bozo, a ditadura militar deveria ter matado 30 mil pessoas. Não é bizarrice, nem número aleatório, é o total estimado de mortos por Pinochet. Não se conectou essa intenção dolosa ao descaso com a morte de brasileiros na pandemia. Mas uma linha de sentido contínua passa pelo caos golpista até o negacionismo ecocida. A explicação cândida, em look colete laranja, do governador gaúcho para a falta de prevenção da catástrofe apesar dos avisos, é uma derivada: “Tínhamos outras prioridades”. Entre elas, 50 atos ofensivos ao meio ambiente.

A ninguém ocorreria associar a isso o conceito de guerra civil. Exceção é Hans Magnus Enzensberger, que vê na luta travada em maior proximidade física “a forma original de todos os conflitos coletivos” (em “Guerra Civil”). O outro odiado é o vizinho. Para o alemão, “enquanto a guerra de Estado clássica tende à monopolização do poder, fortalecendo o aparelho de Estado acima de todos os níveis, na guerra civil existe a ameaça permanente do colapso da disciplina e da desagregação das milícias em bandos armados que operam segundo os próprios desígnios”. Até Forças regulares incorrem no risco.

Quem restringe “guerra” a conflito entre Estados pode achar excessivo identificá-la ao processo endógeno de violência sistemática. Passa despercebido o fio conceitual que atravessa milicianismo, terrorismos, neonazismos, depredações e formas secundárias de soberania. O mesmo com os urubus do desastre e das fake news em meio ao sofrimento coletivo. No front de guerrilhas digitais, contrapõem-se mentira e ódio à solidariedade. Essa é a “essência” da ultradireita.

O fio essencial é a violência livre de fundamentações ideológicas, “o caráter autista dos criminosos, assim como sua incapacidade de distinguir entre destruição e autodestruição” (Enzensberger). É a guerra civil molecular, travada na trincheira tóxica de uma classe média desiludida, por pessoas emparedadas demais em si mesmas para olhar ao redor. Uma antiecologia visceral. Seu amplo espectro expõe o negacionismo climático como estratégia destrutiva de territorialidade.

Não saber, negar, destruir: em Brasília, duas vândalas idosas, indagadas sobre o 8 de janeiro, nada sabiam. Vestiam amarelo, mas dispensariam uniformes, porque o ódio basta como motivação: hater é identidade sociopolítica. Para o extremismo, inimigos seriam, a depender dos lugares, imigrantes, ciganos, negros ou movimentos organizativos de minorias.

É um novo sentimento social, pós-sindicalista e pós-fabril, que dispensa reflexões e verdades, pois se retroalimenta num vácuo afetivo: o ódio de si mesmo e do outro, seja pessoa ou objeto. Destruir, autodestruindo-se, eis a fórmula da guerra civil molecular em curso.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Neoliberalismo, extrema direita e as mortes no Sul

Governador e prefeito devastaram instituições

Eleonora de Lucena
Jornalista e editora do TUTAMÉIA; ex-editora-executiva da **Folha** (2000 a 2010)

Meus irmãos ainda recolhem o entulho do que sobrou da casa em que vivi na infância e adolescência no Menino Deus, em Porto Alegre. Submersos havia dez dias, móveis, roupas, papéis, livros, quadros, eletrodomésticos formam agora uma montanha de rejeitos na calçada. Em frangalhos e com o fedor de podridão, a história dali vai junto com os destroços reunidos pelos vizinhos, muitos deles moradores do lugar desde os anos 1960, quando o bairro começou a tomar forma, com calçadas largas, plátanos, cinamomos, escolas.

Familiares e amigos ainda não sabem o que restou de suas casas. Nos históricos assentamentos do MST, pioneiros na produção orgânica na região metropolitana, as perdas de uma construção de 30 anos foram imensas: produção, animais, estoque, maquinário. Pequenos agricultores viram a enxurrada levar seus projetos, suas perspectivas de futuro. Nos abrigos, dezenas de milhares choram.

Como é praxe no Brasil, são os mais pobres, os negros que mais sofrem com a lama, o frio, a perda, a desesperança. Mais de 160 pessoas morreram; dezenas ainda estão desaparecidas.

Não precisava ter sido assim. As políticas neoliberais do governador Eduardo Leite (PSDB) e a voraz destruição realizada pelo prefeito bolsonarista Sebastião Melo (MDB) amplificaram em muito as consequências das chuvas. Submetidos aos interesses dos plantadores de soja, das construtoras e dos capitalistas que querem sugar tudo o mais rapidamente possível, o governador que posa de modernoso e o prefeito da extrema direita cumpriram um roteiro já bem conhecido: devastaram as leis de proteção ambiental, demoliram instituições públicas com privatizações, desmantelaram órgãos de planejamento e sucatearam criminosamente sistemas que defendiam a capital gaúcha de inundações.

Pior. Seguem com sua sanha predatória no meio da catástrofe. Têm pressa em entregar nacos do poder público a interesses privados, mirando negócios mirabolantes no processo de reconstrução. Rapidamente, fecham acertos com consultorias que integram o esquema da extrema direita mundial, cujo histórico é de jogadas que beneficiam os mais ricos e descartam os mais pobres, jogando-os para longe dos espaços gourmetizados, colonizados e deslumbrados. Ignoram o conhecimento acumulado de cientistas, engenheiros, urbanistas que, principalmente nas universidades, estudam essas questões há décadas.

Não será surpresa se empresas estadunidenses ou suas aliadas aparecerem para pegar os contratos de construção. Como se sabe, as firmas nacionais do setor foram dizimadas pela Lava Jato, com assessoria do Estado norte-americano, no processo do golpe de 2016 que culminou com a chegada de Jair Bolsonaro ao Planalto, a perda de soberania, a passagem da boiada e a mortandade promovida na pandemia. A extrema direita, como já ficou provado também no Brasil, faz o governo dos ricos, do salve-se quem puder, do entreguismo, da violência, da morte.

Não é outro o desenho das alardeadas "cidades provisórias". Elas desprezam as necessidades dos que não têm onde morar agora, transferindo-os para locais distantes, sem infraestrutura mínima, tirando-os da paisagem para, quem sabe, tentar incentivar o turismo em Gramado!

É sabido que boa parte da elite econômica do Rio Grande do Sul é de direita e flerta com o fascismo. O avanço da monocultura da soja reforçou o domínio dessa ideologia, que foi base da ditadura militar e do governo Bolsonaro. Seu rastro autoritário e reacionário acompanhou a expansão da fronteira agrícola para o Centro-Oeste e o Norte do país.

Agora, os mesmos que propagandeavam as maravilhas do livre mercado olham para suas perdas e correm para pedir socorro ao Estado, aquele espezinhado até anteontem e que trataram de esmigalhar para lucrar. Está cristalino que, sem a ação do Estado, resta o caos—o alvo maior da extrema direita.

Mas a população do Rio Grande do Sul e a de Porto Alegre já demonstraram que podem mudar. Lideraram transformações sociais e protagonizaram avanços. É possível começar a descartar o entulho da obscuridade que encharca com podridão as ruas da metrópole.

Carvall

Congresso pode ajudar a evitar novas enchentes

Agência de Águas é vital para gerenciamento hídrico

Jerson Kelman
Engenheiro e colunista da **Folha**, foi professor da Coppe-UFRJ e dirigente da ANA, Aneel, Light, Enersul e Sabesp

A inundação do Rio Grande do Sul mostrou na prática que não é possível tratar de uma catástrofe dessa magnitude apenas na escala municipal. É preciso alargar o olhar para abranger toda a bacia hidrográfica.

Como se viu, o nível da água em Porto Alegre em dia de céu azul pode subir devido à chegada da água precipitada horas ou dias antes em municípios localizados rio acima. O Guaíba demorou a baixar em 1941, e demora agora em 2024, devido ao represamento causado pela Lagoa dos Patos, águas abaixo de Porto Alegre. Por sua vez, a Lagoa dos Patos demora a esvaziar por efeito dos ventos, das marés e da condição hidráulica do estreito canal que a conecta com o mar.

Na atual emergência, tem sido fundamental contar com as previsões sobre o nível da água produzidas por modelos matemáticos que dependem das informações disponibilizadas pela Agência Nacional de Águas. A ANA também mantém uma "sala da situação", em articulação com instituições do setor elétrico, para operar as usinas hidroelétricas. Cuida-se de evitar o colapso de barragens, tendo em vista que já ocorreram vazões afluentes superiores à capacidade dos vertedores, projetados para a recorrência de 10 mil anos.

O alargamento do olhar para abranger toda a bacia é princípio basilar do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh), gerido pela ANA. O Singreh adota a bacia hidrográfica como unidade de planejamento e gestão e descentraliza o processo decisório por meio dos comitês de bacia.

Cada comitê é responsável pela formulação do plano para a respectiva bacia. Muitos planos não têm claras instruções sobre o que precisa ser feito, e por quem, para manter operacionais as estruturas hidráulicas construídas nos cursos de água. Isso precisa mudar. Não é mais possível dar muita atenção à inauguração de obras públicas e pouca, ou nenhuma, à correspondente manutenção.

No caso específico de Porto Alegre —não das demais cidades gaúchas, que também sofreram o flagelo—, há razões para acreditar que a inundação poderia ter sido evitada, ou ao menos mitigada, se a estrutura de proteção à cidade construída nos anos 1970, formada por 68 km de diques, 14 comportas e 23 casas de bomba, tivesse funcionado conforme projetada.

Não funcionou porque perdeu-se ao longo do tempo a percepção de quão importante seria manter o sistema perfeitamente operacional. Sem a ocorrência de significativos transbordamentos em décadas, as verbas e equipes técnicas foram sendo ceifadas por sucessivas administrações.

Há muitos outros casos no Brasil de definhamento institucional que resultam em riscos como o de Porto Alegre. Talvez a atual tragédia possa causar uma inflexão no desprezo por parte de quase toda a administração pública pela manutenção de infraestruturas. O Congresso pode e deve atuar para que, no caso de obras hidráulicas, o Singreh seja o indutor dessa inflexão. Para começar, deve rejeitar o projeto de lei 2.918/2021 que, ao praticamente zerar o orçamento da ANA, manieta o funcionamento do Singreh.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Políticos covardes

"Prefeito de Porto Alegre encontrou um culpado pelas enchentes" (Bruno Boghossian, Opinião, 25/5). Prefeito anterior, Nelson Marchezan Jr., do MBL e tucano como Eduardo Leite, extinguiu o Departamento de Esgotos Pluviais, que se reportava ao prefeito, para ser área subalterna de outra autarquia, terceirizando a privados a manutenção do sistema de esgotos e de bombas. Políticos covardes terceirizam e privatizam também para não assumir responsabilidades. RS na mão destes neoliberais mostra o mal que fazem.
Daniel Vitorazzi (Dois Irmãos, RS)

*

Infelizmente, não creio em punição de políticos. Veja o governador do Rio. Cheio de provas robustas e consistentes contra ele, provando improbidade e abuso de poder, e ele foi inocentado. Acontecerá o mesmo no RS. Os únicos condenados serão os pobres que perderam tudo.
Erica L. de Souza Silva (Juiz de Fora, MG)

'Desvio de função'

Se a Bolívia quiser uma saída para o mar, só precisa de tanques com água. Molha os pés dos generais, e eles saem correndo ("Mourão justifica ausência em socorro ao RS por ter 70 anos e fala em 'desvio de função'; veja vídeo", Brasília Hoje, 24/5).
Andre Rypl (Porto Alegre, RS)

Unifesp

Durma com essa, reitora ("Unifesp só tem dinheiro para funcionar até setembro, diz reitora", Cotidiano, 24/5). Continuará sem verba, assim como não haverá manifestação de UNE, DAs, DCEs, movimentos estudantis, pois estão todos em conluio com o governo federal de plantão. Neste meio, predomina o "quem faz" e não "o que se faz".
Daniel Marques (Curitiba, PR)

Morte de diretor

Muitos dirão que os efeitos do experimento ajudaram a matá-lo ("Morre diretor de 'Super Size Me', Morgan Spurlock, de câncer aos 53 anos, nos EUA", Ilustrada, 24/5). Mas arrisco dizer que saúde e longevidade têm relação direta com genética e emocional. O resto tem pouco peso. Meu pai não consumia álcool, não fumava, comia verduras. Mas viveu infância difícil e era bipolar. Teve doenças, até câncer. Minha mãe foi filha amada. Fumou e bebeu pouco, alimentava-se sem regras e exagerava no açúcar. Nunca adoeceu!
Adriana Gomes da Silva (São Paulo, SP)

Indenização ou censura?

Esse juiz deveria ficar agradecido à escritora, pois, de obscuro magistrado, está virando celebridade. Daqui a pouco é eleito senador por SC. Que ninguém duvide ("Caso de escritora condenada a indenizar juiz por obra de ficção é levado à OEA", Política, 25/6).
Darci de Oliveira (Porto Alegre, RS)

*

A autora mascarou as críticas porque sabe que não pode fazê-las diretamente. Então está usando a liberdade de expressão para se safar.
Marcia Silva (Ananindeua, PA)

Expectativa e realidade

É pena que sejam tão poucos os jovens que podem pagar os preços exorbitantes ("Com medo do futuro, geração Z começa a comprar imóveis", Mercado, 25/5). O pior é que é ilusão de ganho de qualidade de vida, porque viverão em caixinhas amontoadas entre paredões de prédios quase sem recuos entre si, em ruas não dimensionadas para esta nova superpopulação. A vida em São Paulo está sendo destruída pelos interesses de lucro selvagem.
José Bueno (São Paulo, SP)

ASSUNTO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR É A MELHOR FORMA DE INGRESSO NAS FACULDADES?

Não acho a partir do momento em que estudantes da rede privada realizam a mesma prova que eu, do ensino público, um ensino defasado e que pouco se importa com nosso estado, nosso estudo.
João Vitor Alves da Silva, 17 (Mauá, SP)

*

Não. Acho que esse método é uma forma de pressão que deixa os vestibulandos nervosos e acaba validando outras pessoas que se preparam, muitas vezes, em cursos particulares.
Elisama Kédyma Carreiro, 21 (Serra, ES)

*

Além de ser uma forma de avaliação que serve apenas para um tipo de inteligência e negligencia todos os outros, ela faz mal à saúde mental. Eu passei mal durante o Enem e a Fuvest, me senti inferiorizada e "burra" durante os estudos.
Laysla Rodrigues, 18 (Mauá, SP)

*

Provas são um péssimo método de avaliação, pois são questões de matérias decoradas, e não conhecimentos importantes para o cotidiano.
Ana Lys Malerba Redigolo, 18 (Catanduva, SP)

*

Não, ainda mais para instituições públicas. Todos os que desejassem cursar um ensino superior deveriam ter livre acesso.
Augusto Dorval Lopes, 26 (Belo Horizonte, MG)

*

Não acredito que seja a melhor forma de ingresso nas universidades, uma vez que existem outros fatores que poderiam ser levados em consideração no momento de garantir uma vaga no ensino superior, como o desempenho acadêmico.
Giovani Penido Coutinho, 19 (Bariri, SP)

*

Não, pois essa comparação só beneficia quem tem facilidade de absorver conteúdos específicos.
Oséias da Silva Assunção, 19 (Caxias do Sul, RS)

*

Como naturalmente precisa ter alguma forma de ingresso, o vestibular me parece mais justa, afinal, o corretor não vê a sua cara. Se o acesso é desigual, a culpa não é do vestibular, e sim da desigualdade social e da má qualidade do ensino básico público —estes, sim, devem ser corrigidos.
Angra Anderaos, 25 (São Paulo, SP)

*

Acredito o vestibular é forma legítima de ingressar nas faculdades, justamente pelo embasamento teórico carregado, e exige diversas habilidades para resolver problemas desenvolvidos na preparação.
Caio Leonardo Munhoz, 19 (Belém, PA)

*

Sim. Sistemas de acesso livre, que exigem apenas a conclusão do ensino médio, enfrentam a jubilação maciça do alunado ao final do segundo ano de faculdade, conforme ocorre em alguns países. Sistemas de avaliação contínua ao longo do ensino pressupõe uma excelente estrutura educacional.
Rubens Monteiro de Souza, 66 (Rio de Janeiro, RJ)

*

Sim. As provas buscam exercitar o conhecimento dos estudantes, diante de conteúdos elaborados para abordar os estudos. Nesse sentido, acredito que os vestibulares são a forma mais justa de identificar aqueles que buscam conhecimento para aplicar nas provas e ingressar nas universidades.
Jeferson Antonovicz, 29 (Porto Alegre, RS)

*

Eu acredito que o vestibular é uma tentativa válida de tentar garantir um acesso justo por uma prova que englobe pessoas de diferentes realidades. Mas me questiono se a maneira como constroem a prova é justa. Ou o quanto a forma de correção da redação, às vezes, limita a compreensão de mundo do candidato em prol das inúmeras regras que precisam ser seguidas.
Nalanda Coelho Galvão, 19 (Santarém, PA)

INÊS 249

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Ordem unida

O prefeito de SP, Ricardo Nunes (MDB), diz que a cidade vai aderir ao programa de escolas cívico-militares, proposto pelo governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) e aprovado pela Assembleia Legislativa na terça (21), sob protestos de estudantes. O programa, bandeira bolsonarista, prevê a contratação e remuneração de PMs e bombeiros aposentados para funções administrativas e de vigilância. A implantação não será imediata, no entanto, e deve começar apenas em 2025.

EU QUERO A princípio, essas escolas deverão ser implementadas em unidades com baixo desempenho na avaliação do Ideb e situadas em regiões socialmente vulneráveis. Segundo o projeto de lei, a participação dos municípios ocorrerá por meio de adesão voluntária e de regime de cooperação, que deverá ser tanto financeira como pedagógica.

ESPELHO O deputado estadual Guto Zacarias (União Brasil), vice-líder do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) na Assembleia, registrou voto contra projeto da própria administração estadual que turbinou a remuneração dos procuradores do Estado. "Não há justificativa plausível para tal gasto. Os procuradores já têm remuneração altíssima quando comparados às demais carreiras públicas", diz. O projeto criou um penduricalho para compensar excesso de trabalho.

URNA O delegado da Polícia Civil Roberto Monteiro, idealizador da Operação Caronte, realizada na cracolândia em 2021 e 2022, será candidato a vereador da capital pelo União Brasil. Durante a gestão dele, houve a dispersão de usuários de drogas que estavam na praça Princesa Isabel, nos Campos Elíseos.

CABO... O advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do grupo jurídico Prerrogativas, criticou o uso de força policial contra estudantes que protestavam contra Tarcísio em evento na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo) na sexta (24).

... DE GUERRA "A polícia do [ex-governador João] Doria não era exatamente a mais simpática, cuidadosa do mundo, nunca foi. Mas a polícia do Tarcísio é sanguinária, violenta, uma polícia ainda mais perigosa", diz o advogado.

PIX A deputada estadual Dani Portela (PSOL), pré-candidata à Prefeitura de Recife, recebeu oito diárias da Assembleia de Pernambuco para participar de uma reunião no Ministério da Igualdade Racial em Brasília que não ocorreu por causa da antecipação do parto da parlamentar. Elas somam R$ 10.918,64 e se referem ao período de 23 a 31 de janeiro. A deputada deu à luz em 12 de janeiro.

TUTORIAL A deputada diz que solicitou a devolução dos recursos à Assembleia em 17 de maio —cinco meses após terem sido autorizados e no mesmo dia em que o Painel acionou seu gabinete sobre o assunto. A assessoria da parlamentar diz que ela voltou ao trabalho em 14 de maio. "A solicitação foi realizada assim que recebemos as orientações da Alepe [Assembleia] de como fazê-la", afirmou.

IMAGINA NA COP Os participantes da COP30, que ocorrerá em Belém (PA) em novembro de 2025, não devem esperar estrutura turística e hoteleira semelhante à que encontrariam em Nova York ou Singapura, afirma o ministro Celso Sabino (Turismo). "Essa é a COP da floresta, onde as pessoas vão falar sobre meio ambiente e dentro do meio ambiente", diz. Ele lembra que na edição do ano passado, em Dubai, houve problemas de engarrafamento e desorganização.

UNIDOS O ministro Silvio Almeida (Direitos Humanos) sugeriu na sexta (24) durante a 43ª Reunião de Altas Autoridades sobre Direitos Humanos do Mercosul, no Paraguai, que o bloco tenha um observatório voltado aos direitos humanos, a exemplo do que já existe no Brasil, o ObservaDH. A ideia é que os membros do bloco possam compartilhar políticas regionais de forma integrada.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O senador **Sergio Moro** (União-PR), absolvido pelo TSE com placar acachapante, contrariando as previsões e desejos de petistas e bolsonaristas.

PERDEDORA DA SEMANA
A deputada federal **Carla Zambelli** (PL-SP), que se tornou ré em processo no STF e ainda foi ironizada por dois ministros da corte.

FIQUE DE OLHO
Projeto que taxa **importações** de até US$ 50 pode ser votado na Câmara; Congresso faz sessão que pode derrubar veto do governo às **saidinhas**.

Com Guilherme Seto, Danielle Brant, Ana Luiza Albuquerque e Victoria Azevedo

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90	Digital Premium R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
794.866 exemplares (março de 2024)

Sergio Moro (União Brasil-PR) ao sair de seu gabinete no Senado, em Brasília Pedro Ladeira - 1º.abr.24/Folhapress

Julgamento de Moro no TSE reabre discussão de regras de pré-campanha

Regulamentação do período foi defendida pelo presidente da corte, ministro Alexandre de Moraes, e pelo próprio senador do Paraná

José Marques e Thaísa Oliveira

BRASÍLIA O julgamento do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que livrou o senador Sergio Moro (União Brasil-PR) da cassação levantou discussões a respeito da necessidade de regulamentação do período da pré-campanha eleitoral e de quais gastos podem ser feitos nessa fase.

Na terça-feira (21), o tribunal rejeitou por 7 a 0 ação que acusava Moro de abuso de poder econômico e uso indevido dos meios de comunicação em 2022.

As acusações contra Moro tratavam, principalmente, de temas relacionados aos gastos no período que antecedeu a campanha oficial ao Senado.

O PL e o PT argumentaram que os valores foram desproporcionais já que ele almejava inicialmente a Presidência da República, gerando desequilíbrio entre os concorrentes.

A conclusão do julgamento foi célere por pressão do Senado sobre o TSE e pela intenção do presidente da corte, Alexandre de Moraes, de fazer um aceno ao Legislativo.

Mas também gerou preocupações no Judiciário de que o tribunal acabasse passando o recado a políticos de todo o país, em ano de eleição municipal, de que os julgamentos sobre gastos de pré-campanha serão afrouxados com essa decisão.

A própria ministra Cármen Lúcia, que assumirá a presidência do TSE em junho e comandará o tribunal nas eleições municipais, deu recados ao votar sobre o assunto.

Ela disse que analisava apenas sobre o caso concreto de Moro, e que não foram apresentadas provas suficientes para que houvesse caracterização de conduta irregular.

"Este período de pré-campanha traz uma série de dificuldades, o que se mostra até na nossa jurisprudência", disse a ministra. "Nesta fase não se tem, rigorosamente, de maneira exaustiva e fechada, o que pode e o que não pode [fazer]", afirmou. "[Mas] É preciso alertar que este período [de pré-campanha] não é algo tolerável para qualquer tipo de comportamento."

Ao votar, Moraes também cobrou regulamentação do tema. "Há necessidade de uma alteração no sistema eleitoral brasileiro em relação à pré-campanha", disse, acrescentando que essa divisão em relação à campanha não existe em países como França, Inglaterra e Estados Unidos.

"Aqui nós temos essa figura da pré-campanha que gera alguns problemas. Por exemplo, alguém que é ligado a associações comerciais e é um pré-candidato a deputado federal", exemplificou.

"Ele, durante dois ou três anos faz palestra em todas as associações comerciais e a associação comercial convida, paga o hotel e o transporte, e isso não é considerado pré-campanha. Quem é ligado a universidade é convidado pelas universidades. Há necessidade de uma regulamentação melhor", afirmou.

O próprio Moro disse, num evento de comemoração organizado pela oposição do Senado após a decisão do TSE, que é necessário acabar com a "incerteza jurídica" sobre pré-campanhas.

Ele sugeriu que essa discussão seja feita no âmbito do novo Código Eleitoral, que já foi aprovado pela Câmara dos Deputados e teve o texto modificado pelo Senado. O relatório sobre o tema deve ser votado na Comissão de Constituição e Justiça no dia 5 de junho, e pode ser levado ao plenário no mesmo dia.

"No meu caso, a tentativa de cassação não era porque a gente tinha excedido gasto de campanha, não foi por caixa dois, mas foi questionamento em cima da pré-campanha, que no fundo está mal regulada", disse Moro.

"Por ter um certo vazio de regras, muitas vezes o intérprete quer criar regras, e aí vão criando regras meio absurdas e querem aplicar retroativamente."

A partir da minirreforma eleitoral de 2015, as vedações às pré-campanhas, que eram mais rígidas, foram flexibilizadas. A regra principal é a de que não se pode pedir voto explícito ao eleitor.

A partir de entendimentos da Justiça Eleitoral, outro tipos de restrições foram sendo formadas, como a vedação a pedidos implícitos de voto (como dizer "em outubro conto com vocês"), além do uso de outdoors para exaltar qualidades pessoais dos candidatos. Também não é permitido gasto excessivo que tire a isonomia do pleito.

Especialistas consultados pela **Folha** ressaltam a importância dessas regras, apesar da falta de regulamentação sobre esse período.

"Na pré-campanha é permitido anunciar a intenção de concorrer nas eleições, projetos políticos, ideias e posicionamentos sobre assuntos de interesse do debate público, inclusive pela internet, e participar de eventos partidários", diz Amanda Cunha, coordenadora da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político).

Também é possível "impulsionar conteúdos online e usar anúncios pagos, desde que identificado o CNPJ do partido ou CPF do pré-candidato e moderação de gastos —que nas decisões eleitorais gira em torno de 10% [do total de despesas da campanha], mas isso não está na lei, nem nas resoluções".

O advogado eleitoral Walber Agra, também membro da Abradep, diz que não considera a prestação de contas na pré-campanha "um terreno sem leis, uma anomia".

Ele aponta que resolução do TSE mostra que os gastos da pré-campanha não são "um indiferente eleitoral", mas que devem observar "os impedimentos da campanha" (por exemplo, contribuição de pessoa jurídica) e "devem ser moderados, proporcionais e transparentes".

"Dessa forma, os gastos não podem ser exorbitantes, devem ser escriturados, públicos e não configurar qualquer tipo de ilícito eleitoral", afirma.

A principal discussão sobre a necessidade de regulamentar a pré-campanha é a possibilidade de estabelecer um teto de gastos.

Isso é defendido por parte de acadêmicos e observadores do processo eleitoral, já que a métrica de 10% não está prevista em norma.

"Isso clama por uma regulamentação mais detalhada do Congresso", diz o advogado Fernando Neisser, doutor pela USP e professor de direito eleitoral da FGV-SP.

Para ele, não há necessidade de que haja sistemas de prestação de contas como acontece na campanha, mas que se crie um limite para as despesas.

"Um parâmetro de gastos é uma solução mais inteligente e menos burocrática. Uma prestação de contas da pré-campanha vai criar centenas de processos para a Justiça Eleitoral. Há muito mais pré-candidatos do que candidatos."

+ ETAPAS DO JULGAMENTO DA AÇÃO CONTRA MORO

TRE-PR
Em abril, Moro foi absolvido pelo TRE-PR (Tribunal Regional Eleitoral do Paraná) por 5 votos a 2. A maioria entendeu que não houve abuso de poder econômico durante sua pré-campanha.

TSE
PT e PL, partidos que moviam as ações para cassar Moro, recorreram à corte em Brasília. Na terça (21), o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) decidiu por unanimidade, por 7 votos a 0, rejeitar os recursos e, portanto, negar a cassação

Eleição será novo teste para democracia, dizem entidades

Grupos temem volta de ceticismo sobre urnas e preveem ensaio para 2026

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A eleição de 2024 será "a de 2022 com roupa nova" e poderá servir de laboratório para a de 2026, na avaliação de organizações da sociedade civil que atuam em defesa do sistema eletrônico de votação, contra a desinformação e pelo engajamento democrático. O clima é de apreensão.

No cenário traçado pelas entidades, o pleito municipal será um teste, depois de uma eleição presidencial marcada por intensa polarização entre Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL) e tumultuada com desconfiança sobre as urnas eletrônicas, violência política e contestação do resultado.

Os alertas são lançados por grupos como Pacto pela Democracia (rede com 200 organizações), Transparência Eleitoral Brasil e Politize!.

Além de apontar problemas e gargalos, as entidades têm iniciativas para qualificar o debate e colaborar com autoridades, mas admitem dificuldades.

Representantes de movimentos que intensificaram suas atividades em 2022 —diante das dúvidas inverídicas lançadas por Bolsonaro e das ameaças dele de não reconhecer o resultado e tramar um golpe de Estado— afirmam que o sistema saiu fragilizado.

O ex-presidente ficou inelegível após ser condenado por mentiras sobre o sistema de votação do país.

"O pleito deste ano acontece depois das eleições mais delicadas e decisivas para a democracia no Brasil, num contexto em que o ambiente segue muito imerso em desafios e ameaças", diz a coordenadora-executiva do Pacto pela Democracia, Flávia Pellegrino.

Uma das metas para 2024 é combater discursos de descredibilização das urnas eletrônicas.

Especialistas dizem que não tem se repetido a onda de mensagens sobre o assunto que inundou redes bolsonaristas no ciclo eleitoral passado, mas acreditam que a pauta possa ser retomada caso os pleitos municipais repitam a polarização entre candidatos de Lula e Bolsonaro e haja um acirramento.

O que preocupa é a infiltração do ceticismo em parte da sociedade, como vêm mostrando levantamentos.

Segundo pesquisa da empresa Quaest feita entre os dias 2 e 6 deste mês, 35% dos brasileiros concordam que as urnas foram fraudadas em 2022 para favorecer Lula. Apesar do índice elevado, a maioria da população (56%) discorda dessa afirmação, e 1% não opinou.

"Temos visto dados estarrecedores", diz Flávia. "A pergunta é como essa nova realidade vai ser mobilizada no pleito municipal. Isso ainda não está claro", segue a jornalista e mestre em ciência política, citando a "ascensão da extrema direita e do campo antidemocrático no país".

A ideia de que os resultados eleitorais possam não ser legítimos acaba minando, aos poucos, a confiança nas instituições e no processo de escolha dos governantes, analisa ela.

"Ter discursos infundados ecoando de maneira tão ampla é perigoso para a democracia. Reverter isso é complexo e não existe bala de prata."

Para Ana Claudia Santano, coordenadora da Transparência Eleitoral, o resgate da confiança nas urnas é uma tarefa pendente para 2024 e que precisa estar no horizonte de 2026.

Cerimônia pública de carregamento e lacração das urnas organizada pelo Tribunal Superior Eleitoral em São Paulo Rivaldo Gomes - 12.set.22/Folhapress

> O pleito deste ano acontece depois das eleições mais delicadas e decisivas para a democracia no Brasil, num contexto em que o ambiente segue muito imerso em desafios e ameaças
>
> **Flávia Pellegrino**
> coordenadora-executiva do Pacto pela Democracia

> Por causa da politização do tema, penso que campanhas de informação devam ser perenes, porque não é fácil reduzir essa lacuna de uma hora para outra
>
> **Ana Claudia Santano**
> coordenadora da Transparência Eleitoral

> Hoje há uma parcela grande da população que descredibiliza e tem uma visão estigmatizada da política. A tecnologia trouxe desafios ao colocar as pessoas em bolhas informacionais e sob vieses de confirmação
>
> **Luiza Wosgrau Câmara**
> integrante da Politize!

Ela afirma que é preciso pensar em alternativas porque campanhas de esclarecimento conduzidas pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) têm tido alcance limitado, já que a Justiça Eleitoral "perdeu capacidade de comunicação com todos os grupos sociais" e sofre resistência de certos segmentos.

"Ainda não nos sentimos confortáveis para tirar do radar a questão da desconfiança na urna", diz a professora de direito e ativista.

"Por causa da politização do tema, penso que campanhas de informação devam ser perenes, porque não é fácil reduzir essa lacuna de uma hora para outra."

Para Flávia, do Pacto, o 8 de janeiro foi resultado de uma série de medidas para corroer as bases da democracia e evidenciou o alto risco de radicalização na sociedade brasileira.

Ela afirma que o esforço maior agora deve ser para garantir continuidade e estabilidade democráticas no país.

"Nós vivemos nos últimos anos um ataque explícito e sistemático às instituições", diz.

"Alguns dos maiores alvos do bolsonarismo foram justamente o sistema eleitoral e o TSE. O processo de desinformação foi a grande aposta para a tentativa de virada de mesa e de manutenção do Bolsonaro no poder, semeando descrédito para que pudesse questionar o resultado e mobilizar apoio popular."

Na visão de Luiza Wosgrau Câmara, da Politize!, o problema é mais amplo. "Hoje há uma parcela grande da população que descredibiliza e tem uma visão estigmatizada da política. A tecnologia trouxe desafios ao colocar as pessoas em bolhas informacionais e sob vieses de confirmação", diz.

A organização da qual Luiza é porta-voz atua justamente no ambiente digital para difundir conteúdos didáticos e diz ter projetos com oito governos estaduais para levar conhecimento a professores e estudantes —já atingiu 180 mil adolescentes e adultos com oficinas de educação política.

Segundo ela, a intenção é fazer com que os eleitores votem "de forma consciente e bem informados".

A Politize! também fez campanhas nos últimos meses para incentivar a retirada e regularização do título eleitoral. Em São Paulo, uma coalizão com a participação do Instituto Lamparina e do labExperimental distribuiu sorvetes em cartórios eleitorais para estimular o alistamento de jovens.

Também na trincheira de medidas práticas, o Pacto pela Democracia vem fazendo nos últimos meses reuniões com os parceiros. Ficou decidido que as prioridades para este ano são o combate à desinformação e a recuperação da credibilidade das urnas, pensando num ciclo contínuo até 2026.

Segundo Flávia, a ordem é usar o pleito para reforçar que o sistema é seguro e traçar estratégias que cheguem até a próxima eleição geral. Pelo plano, será estabelecida uma agenda de trabalho "coordenada, criativa e bastante assertiva", em colaboração também com a Justiça Eleitoral.

Outro pleito é reivindicar espaços permanentes de participação da sociedade civil no TSE, para que a interlocução seja mantida mesmo com mudanças no comando da corte. O tribunal, que a partir de junho será presidido pela ministra Cármen Lúcia, terá Kassio Nunes Marques à sua frente em 2026.

A Transparência Eleitoral terá em algumas cidades missões de observadores, formadas por acadêmicos e voluntários, para monitorar a integridades das eleições e a prática de ilícitos como compra de voto. A porta-voz do grupo lembra que 2020 marcou o prenúncio da narrativa crítica às urnas.

"Ao olharmos de perto o que se passará neste ano, podemos ver o que nos espera em 2026 e atuar para evitar os piores cenários, mas estamos esperando algo tão desafiador quanto 2022", diz Ana Cláudia.

"Os discursos mais extremistas não desapareceram, muito pelo contrário", completa.

Conheça os métodos de segurança e auditoria das urnas

Teste público de segurança
Todos os anos anteriores a uma eleição, o TSE realiza o Teste Público de Segurança, quando uma série de profissionais de tecnologia da informação vão à sede da corte eleitoral e tentam atacar atacar a urna

Cerimônia de lacração e código-fonte
O TSE ainda torna disponível o código que forma o sistema usado pela urna eletrônica aberto a todos por um ano para fiscalização

Votação paralela
No dia do pleito, o TSE realiza uma votação paralela com cerca de 2.000 cédulas de papel preenchidas por representantes dos partidos

No momento da eleição
Os mesários acompanham a inicialização do equipamento e a série de verificações internas que a própria máquina realiza. Nenhuma urna eletrônica é conectada à internet

Boletim de urna e apuração
A urna eletrônica imprime o boletim de urna, relatório com a quantidade de votos que cada candidato recebeu. Depois, o mesário rompe um dos lacres da urna e remove a mídia de resultado, um pendrive que carrega o total de votos. Os votos são transmitidos em rede segura para o TSE

Ombudsman
Alexandra Moraes estreia em 9 de junho

O advogado Alberto Zacharias Toron visita exposição em SP Mathilde Missioneiro - 29.abr.24/Folhapress

Supremo repete procedimentos de Moro, afirma Toron

Para criminalista que sempre criticou Lava Jato, postura da corte entra em atrito com visão democrática de Justiça

ENTREVISTA
ALBERTO TORON

José Marques

BRASÍLIA Numa sessão de julgamento na Primeira Turma do STF (Supremo Tribunal Federal) em abril deste ano, o ministro Alexandre de Moraes negou o pedido de um advogado para se manifestar na tribuna em defesa de seu cliente.

Moraes disse que o regimento do Supremo não previa a chamada sustentação oral naquela situação.

O criminalista Alberto Toron, que é conselheiro federal da OAB, pediu a palavra. Ele afirmou que uma lei de 2022, posterior ao regimento, regulamentou o tema e que, pela cronologia, a norma deveria prevalecer.

O ministro discordou e se queixou da manifestação, mas a discussão abriu espaço para que a OAB anunciasse que ia ao Congresso para pedir aprovação de uma emenda à Constituição que assegure de forma mais ampla as sustentações de advogados.

Toron, que sempre foi um crítico da Lava Jato, também passou a ser uma das principais vozes da advocacia contra possíveis quebras do devido processo legal em ações criminais no Supremo —muitas delas sob a relatoria de Moraes—, e um dos poucos representantes da classe a topar falar do tema publicamente.

Entre as pessoas que defendeu estão a ex-presidente Dilma Rousseff (PT), o deputado Aécio Neves (PSDB-MG) e o empresário Meyer Nigri, da Tecnisa, que foi alvo de inquérito de Moraes sobre empresários bolsonaristas.

Em entrevista à **Folha**, ele afirma que os réus do 8 de janeiro não deveriam estar sendo julgados pelo STF, mas, sim, em primeira instância, e chama de "mandraque" a ação para manter os casos na corte.

O advogado compara ainda inquéritos "eternizados e que abrangem a tudo e a todos", como o das fake news, às investigações da Lava Jato.

Ele se queixa da falta de escuta por parte do Supremo, e diz que as posturas recentes atritam "com uma visão democrática de Justiça."

*

Plenário virtual
A mim me parece inadmissível que o Supremo Tribunal Federal julgue ações penais no plenário virtual.

A fase de recebimento de denúncia e a fase do julgamento propriamente dita, como foi no mensalão, deve ser no plenário presencial, porque os advogados podem acompanhar os debates entre os ministros, podem intervir com questões de ordem sobre matérias de fato e, sobretudo, podem fazer a sustentação oral olhando para os ministros.

Você vai dizer, "Toron, mas isso é meio poético, você vai olhar para os ministros". Não, não é. Todo orador, quando olha para o seu interlocutor, modula um pouco a fala quando percebe, por exemplo, que o seu interlocutor não recebe bem a fala. Então, ele pode fazer um outro corte para a fala no meio do discurso.

Por outro lado, a ideia de uma sustentação oral assíncrona, como eles chamam, na verdade é uma fala diacrônica, porque se dá em dois tempos.

Você faz a gravação no seu escritório, na sua casa, no quarto, na sala, no banheiro ou onde estiver, e faz upload dela. Acho uma indecência. Então, você manda isso pela via digital para o STF e quiçá alguém vai ouvir isso.

Tenho para mim, é só um palpite, que se você não quer me ouvir no tempo real, no horário de trabalho, por que vai querer me ouvir na sua casa, ao lado da sua mulher, quando poderia ver um bom filme da Netflix?

Alberto Zacharias Toron, 65
Advogado criminalista e doutor em direito penal (USP), é especialista em direito constitucional (Universidade de Salamanca), professor de processo penal (Faap) e conselheiro federal da OAB

O Supremo teve um papel importantíssimo na defesa da democracia, mas essa defesa da democracia encontra limites, [quando] ultrapassado o período crítico. Ou seja, tem que ser respeitada a Constituição

No meu modo de ver, isso atrita com uma visão democrática de Justiça e com a própria Constituição, que garante aos acusados em geral o direito à ampla defesa. Eu acho que é isso que se está cerceando

É como se estivesse repetindo as mesmas críticas, o mesmo procedimento que se fez em relação ao Moro. [...] O Supremo está repetindo isso, eternizando inquéritos e abrangendo a tudo e a todos

Acho pouco provável que alguém ouça isso. Pode ser que ouça, mas também fica sempre uma pulga atrás da orelha. E esse cenário é muito ruim para o exercício do direito de defesa.

8 de janeiro
Por que esses caras estão sendo julgados no Supremo? A rigor, eles não têm foro por prerrogativa de função e deveriam estar sendo julgados em primeira instância, como aliás, o próprio Supremo decidiu na questão de ordem da ação penal 937 [que restringiu o foro].

Eles fizeram uma operação mandraque de dizer, "olha, mas tem conexão com a apuração dos atos democráticos de uma maneira geral, e, portanto, por conexão é [responsabilidade do] Supremo".

Essa fixação de competência por conexão, ela não poderia se sobrepor à competência constitucional, ao juiz natural. As pessoas têm direito de serem julgadas em primeira instância.

Você tem direito a um apelo, você tem depois recurso especial, extraordinário, você tem um caminho mais longo para firmar uma condenação. Eles estão todos sendo julgados no próprio Supremo.

Agora, se você chamou a si a competência para julgar esses casos, você tem que dar conta de julgar como um manda o figurino.

Acho que todo cidadão, por mais execrável que ele seja e por mais abjeto que seja o crime, tem direito ao devido processo legal. O devido processo legal manda que essas pessoas sejam julgadas em tempo real.

Queixa de Moraes na 1ª Turma
Ele me atropelou, não deixou falar. [Disse em tom de reclamação] "Todas as vezes que nós vamos ter isso, vossa excelência vai vir aqui". Não achei muito polido, para não dizer educado, mas é do jogo, enfim.

Fiquei incomodado com aquilo, e disse: "vossa excelência me permite dizer mais uma coisa? O tribunal se eleva quando ouve outras vozes". Obviamente, por via indireta, o que estava dizendo? Quando não ouve, se apequena.

A gente precisa ter muito claro: uma Suprema Corte, num Estado democrático de Direito, tem que ouvir.

Às vezes ela vai ouvir coisas absolutamente inúteis, vai ouvir tonterías, como dizem os espanhóis, mas às vezes vai ouvir coisas importantes, coisas que têm escapado ao vislumbre deles, ao alvitre deles, e isso pode ser útil para o julgamento.

O julgamento é uma construção de pontos de vista, e o julgamento democrático supõe a interferência das partes, também pela via oral. Eu acho que a negativa disso, ou decorre de uma preocupação com a economia de tempo para julgar mais casos —embora não mudaria a vida deles ouvir um advogado ou dois por 15 minutos—, ou eles se acham muito sábios, numa espécie de despotismo esclarecido.

Numa vertente ou na outra, no meu modo de ver, isso atrita com uma visão democrática de Justiça e com a própria Constituição, que garante aos acusados em geral o direito à ampla defesa. Eu acho que é isso que se está cerceando.

Moraes e a advocacia
Eu acho que o ministro Alexandre Moraes, no trato, é uma pessoa muito boa. Eu, em várias vezes, despachei com ele e é sempre muito atento. Eu me lembro que, uma vez, eu fui despachar com ele e ele era recém-empossado e não tinha nenhum assessor ao lado dele. O ministro falou: "Toron, não preciso disso. Fui secretário de estado, fui ministro, estou acostumado a ouvir pessoas".

Ele é uma pessoa muito atenta. Acho que é um cara muito preparado também, não tenho a menor dúvida disso, mas nós temos recebido críticas de advogados que tem dificuldade tanto de acesso a ele, como de acesso aos autos do inquérito, e são várias vozes reclamando disso.

Eu tenho um caso [nos inquéritos] e nunca tive esse problema, mas outros advogados têm se queixado na OAB de problemas ligados ao acesso aos autos.

Inquérito como das fake news
Vejo de uma forma péssima. É como se estivesse repetindo as mesmas críticas, o mesmo procedimento que se fez em relação ao Moro. Como se ignorasse as mesmas críticas que se fez em relação ao então juiz Sergio Moro, o Supremo está repetindo isso, eternizando inquéritos e abrangendo a tudo e a todos.

Me parece que isso fere de morte duas coisas. Primeiro, a garantia de ser processado e julgado pelo juiz natural. A segunda coisa que me parece importante, que vem à baila, é a questão da duração razoável do processo e da investigação. Isso não pode durar, não pode se eternizar, e está se eternizando.

Acho que o Supremo teve um papel importantíssimo na defesa da democracia, mas essa defesa da democracia encontra limites, [quando] ultrapassado o período crítico. Ou seja, tem que ser respeitada a Constituição e também os princípios que guarnecem o cidadão em relação ao poder punitivo estatal.

Postura da OAB
Eu tenho dificuldade de avaliar, a medida que eu integro o Conselho Federal da OAB. Talvez o conselho deveria ser mais crítico, ter uma voz mais ativa, mais elevada, subir um pouco a temperatura, porque, no meu modo de ver, eu vejo a OAB muito silenciosa. Mas esse é um ponto de vista estritamente pessoal. Acho que o presidente [da Ordem] é quem tem a medida disso.

Elio Gaspari
O colunista está em férias

Cármen Lúcia expõe visão poética dos direitos humanos em livro

ANÁLISE

Uirá Machado

SÃO PAULO A ministra Cármen Lúcia, do STF (Supremo Tribunal Federal), acaba de relançar um livro em que expõe seu olhar poético e esperançoso sobre os direitos humanos.

Publicado pela primeira vez em 2004, "Direitos de/para Todos" ganha agora nova edição na Bazar do Tempo, ilustrada com obras de Candido Portinari.

No livro, Cármen Lúcia comenta cada um dos 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 10 de dezembro de 1948.

Mas que ninguém espere encontrar comentários jurídicos; eles não estão lá. Em vez disso, a hoje ministra oferece interpretações, quase sempre ficcionais, que ajudam a iluminar o sentido da declaração.

Tome-se o artigo 3º, por exemplo, que diz: "Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal".

A ele se segue um pequeno conto sobre um homem que aguarda o nascimento de seu filho. A ministra narra sua ansiedade, sua angústia, seu nervosismo —todos substituídos, ao final, pela alegria da visão da vida e o sentimento de querer "abrigar de toda incerteza a criaturinha enrolada em panos como um ninho".

Nem sempre, porém, a ministra recorre à ficção. Seu tom às vezes assume ares normativos, como quando trata do artigo 16, relativo ao matrimônio e à constituição de uma família.

Cármen Lúcia, em seu comentário, enfatiza que a mulher não deve submissão ao marido, que o único vínculo que une um casal é o do afeto e que não basta formar uma família se não houver respeito aos direitos fundamentais de todos os seus membros.

Diante do artigo 23, que cuida do direito ao trabalho, a autora deixa entrever sua preocupação com o avanço das máquinas, que substituem os seres humanos e provocam ondas de desemprego.

Em outros trechos, já não é mera apreensão, mas decepção com a distância que ainda falta percorrer para que certos direitos sejam satisfeitos.

Cármen Lúcia, ministra do Supremo Tribunal Federal
Jardiel Carvalho - 30.nov.23/Folhapress

Os direitos sociais e econômicos (artigo 22), por exemplo, são miragem para os milhões de excluídos; o direito de ser reconhecido como pessoa perante a lei (artigo 6º) é ficção para os inúmeros que têm negada a sua humanidade.

"A liberdade continua esfacelada, a fome continua a doer em milhares de crianças, doenças põem em sofrimento principalmente crianças e idosos", escreve a ministra, que a seguir cita dados sobre trabalhadores em condições análoga à escravidão e sobre violência de gênero, entre outros.

Ainda assim, ela reitera a esperança nos direitos humanos, cuja base está, em sua visão, no "amor ao ser humano e a toda a humanidade".

Diz que os direitos humanos não se frustraram, embora demandem "mimos e atenções"; afirma que o direito pode não ser suficiente para assegurar a humanidade, mas que é "imprescindível para e reparar a injustiça desumana"; e sustenta que a luta pela expansão desses direitos é sempre renovada.

"Declarações de direitos são candeias a iluminar a rota. O rumo é refeito a cada etapa. Mas sempre é tempo de humanidade", escreve.

Direitos de/para Todos
Autora: Cármen Lúcia Antunes Rocha. Editora: Bazar do Tempo. 212 páginas (R$ 85)

Lula vê evento como 'comício' e enfrenta protesto pelo 2º dia

Presidente divide palanque com pré-candidato do PT e ignora ausência de Tarcísio

Priscila Camazano e Renato Machado

SÃO PAULO E BRASÍLIA O presidente Lula (PT) participou neste sábado (25) da inauguração de obras viárias na rodovia Presidente Dutra, em Guarulhos (Grande SP), e pelo segundo dia consecutivo enfrentou protesto em evento oficial.

O mandatário dividiu palanque com o deputado federal Alencar Santana, pré-candidato do PT à Prefeitura de Guarulhos, e elogiou o direito de um grupo de professores e estudantes universitários de se manifestar na cerimônia que ele chamou de "comício do Lula".

"Eu estou vendo alguns companheiros levantando cartazes ali pra mim 'estamos de greve'. Que bom que vocês podem vir num comício do Lula e levantar um cartaz dizendo que estão em greve. Que bom. Que maravilha que é garantir o direito democrático de as pessoas lutarem, reivindicarem e chegarem a um acordo no momento correto", afirmou Lula.

"Porque há pouco tempo atrás os estudantes não podiam protestar, os professores não podiam reivindicar, os reitores não podiam reclamar e o governo não estava disposto a negociar. Agora, não. Agora vocês têm o direito de protestar, de levantar cartaz e levar faixa, porque nosso governo é democrático e o nosso governo sabe lidar com as diferenças e sabe lidar com as contradições", completou.

No local, manifestantes ligados à Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e ao Instituto Federal levantavam cartazes sobre a greve em universidades federais. Havia estudantes, técnicos administrativos da educação e professores das instituições. Enquanto apoiadores do governo gritavam "Lula guerreiro do povo brasileiro", um grupo dizia: "A nossa luta é todo dia, educação não é mercadoria".

Na sexta (24), em Araraquara (interior paulista), Lula assistiu a um protesto de professores contra a interrupção pelo governo federal da negociação por reajuste salarial.

"A proposta do governo continua sendo zero de aumento para este ano. A gente já esteve duas vezes em Brasília em manifestações. Agora, os estudantes e os servidores estão na marcação para exigir que Lula assuma as negociações", afirmou, na manifestação de Guarulhos, Sidnei Roberto Nobre Júnior, do Instituto Federal de Itaquaquecetuba (Grande SP).

O evento deste sábado com Lula também teve a presença no palanque de quatro ministros do governo: Geraldo Alckmin (que, além de vice-presidente, é titular da pasta de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços); Renan Filho (Transportes), Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar).

Pré-candidato do PT à Prefeitura de Guarulhos, segunda cidade mais populosa do estado, Alencar Santana discursou e foi celebrado no palco por outros ministros de Lula.

O presidente se tornou alvo de pedido de multa de R$ 25 mil pelo Ministério Público Eleitoral por propaganda antecipada com pedido de voto a Guilherme Boulos (PSOL) no evento do 1º de Maio em SP.

Dias antes da inauguração da obra em Guarulhos, houve um mal-estar nos bastidores entre Lula e o grupo político do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

O governador de São Paulo, aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro, foi convidado para o evento e incluído inicialmente no material de divulgação da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência). No entanto, respondeu ao governo Lula que não poderia comparecer.

No discurso deste sábado, o presidente não fez nenhuma menção ao governador.

Aliados de Tarcísio acusam nos bastidores o governo Lula de buscar ofuscá-lo durante a inauguração de uma obra realizada com leilão conduzido por ele próprio, quando era ministro da Infraestrutura.

Eles afirmam ainda que o convite foi feito de última hora, chegando ao Palácio dos Bandeirantes apenas na quarta-feira (22). Ele teria alegado outros compromissos para recusar a proposta.

O ministro Alexandre Padilha negou a existência de mal-estar entre Tarcísio e o governo Lula. "A definição da agenda foi na quarta-feira e o convite foi de imediato. Não só aqui para esse evento como também para o evento de ontem, obra importante em Araraquara", disse. "Sempre convidaremos. Tem uma música do Domenico que ele fala assim: 'te convidamos para o samba, você não foi e eu vou te esquecer'. Vamos esquecer que [Tarcísio] não veio, mas nós vamos continuar convidando para o samba."

Leia mais na pág. A12

Lula discursa em evento de obra viária na rodovia Presidente Dutra, em SP; ao lado, protesto estudantil no local
Fotos Marlene Bergamo/ Folhapress

Única família autorizada a usar barba no Exército encerra tradição

Quinto filho da geração de Manoéis Theophilos abandonou destino militar para viver de música

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho é neto de Manoel Neto. Seu bisavô é Filho e também homônimo de outros cinco Manoéis de sua árvore genealógica. As tradições da família Theophilo estão enraizadas no Brasil Império e se confundem com a história do Exército Brasileiro.

Única família autorizada a usar barba no Exército, os Theophilos encerraram a lenda do militar barbado —após o primeiro Manoel de cinco gerações decidir trocar o destino militar pela música.

O primeiro Manoel Theophilo brasileiro (1816-1859) nasceu em Fortaleza (CE). Era filho de comerciante português e, no Brasil, foi político influente, prefeito de sua cidade natal em 1849.

Entre seus 14 filhos, escolheu um para dar o próprio nome. O segundo Manoel (1849-1894) foi o primeiro militar da família. Como coronel, comandou a Guarda Nacional de Fortaleza. Depois foi para a política e presidiu a Câmara Municipal de Fortaleza até a Proclamação da República, em 1889.

Os únicos registros da imagem de Manoel —o segundo— mostram as barbas e bigodes longos em um momento em que o cultivo de pelos faciais ainda era incentivado pelas normas do Exército.

O segundo Manoel teve o terceiro, Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho (1885-1941); como sua esposa não conseguia engravidar, Filho decidiu adotar o sobrinho, Manoel Theophilo Neto (1924-2008), para manter a tradição.

Neto seguiu a carreira de toda a família e chegou a ser promovido a general em 1979, durante a ditadura militar. Ele foi o primeiro a pegar a transição das normas internas do Exército, que passaram a proibir o uso de barba após a Primeira Guerra Mundial.

"A barba foi totalmente proibida [...] porque você não pode vedar o rosto com uma máscara de gás usando barba. Até consegue: você passa vaselina e põe a máscara. Mas é uma coisa complicada. Usavam muito gás venenoso [na Primeira Guerra Mundial] e você não vai perder tempo passando vaselina. Então a ordem foi que se fizesse a barba", disse Homero Adler, doutor em história pela UFRJ e estudioso sobre os costumes militares.

A regra passou a entrar em vigor no Exército no fim da década de 1920, quando uma comitiva do Exército da França veio ao Brasil contratada para profissionalizar a Força brasileira. Foi só com a norma já estabelecida e fiscalizada que entrou nas fileiras do Exército, em Fortaleza, o cadete Manoel Theophilo (1950) —o quinto da família, quarto militar.

Ele contou à **Folha** que não usava barba no início da carreira porque tinha receio de contrariar os chefes ainda como cadete. Manoel só se encheu de coragem quando o ministro do Exército fez uma revista numa fila de militares em Natal e encontrou Theophilo, já tenente, com o bigode fora dos padrões.

"Eu tinha botado brilhantina, mas, com muito tempo no sol, aquilo arriou. Eu disse: 'Ministro, eu queria pedir permissão a vossa excelência para usar barba'. Ele olhou assim para o meu nome e disse: 'Você é o que do Theophilo?'. Eu disse: 'Do de barba, eu sou filho'."

O pedido para deixar a barba crescer só foi formalizado seis anos depois, em 1982, quando Manoel era capitão e enviou um requerimento para o ministro do Exército, general Walter Pires de Carvalho e Albuquerque.

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho é professor de música Arquivo pessoal

Manoel Filho encontra o pai após salto de paraquedas em cerimônia militar Arquivo pessoal

PERMISSÃO PARA O USO DE BARBA
DESPACHO MINISTERIAL

PO nº 391/82-GMEx

1. Requerimento datado de 01 Fev 82, em que o Cap Art (102892841-2) MAN THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA, à disposição do Comando da Brigada Pára-quedi requer autorização para o uso de barba.

2. Considerando o parecer favorável do Comandante da Bda Pqdt.

3. Considerando a arraigada e comprovada tradição familiar de mais de c co gerações, que obriga os varões com o mesmo nome do requerente a usar bar dou o seguinte

D E S P A C H O

a. DEFERIDO, em caráter excepcional.

b. Publique-se no Boletim do Exército e arquive-se.

Brasília, DF, 22 de março de

Ministro do Exército autoriza Manoel Theophilo a usar barba, em 1982 Arquivo pessoal

Botavam o nome Manoel porque o pai morria muito cedo e a mulher, já grávida, nomeava em homenagem. Foi uma tradição que foi acontecendo naturalmente — tão naturalmente que agora acabou

Manoel Theophilo
Último militar barbado

Um inquérito foi aberto para investigar a tradição barbada dos Theophilos. Pediram fotos, pinturas e registros diversos para comprovar que os pelos na cara seriam uma característica centenária.

"Considerando a arraigada e comprovada tradição familiar de cinco gerações, que obriga os varões com o mesmo nome do requerente a usar barba, dou o seguinte despacho: deferido, em caráter excepcional", dizia o despacho de Albuquerque publicado no Boletim do Exército em 22 de março de 1982.

Ao tempo em que ganhava fama como capitão barbado, Manoel Theophilo viu crescerem resistências entre colegas e chefes. "Mesmo quando eu já era oficial superior, estranhavam, perguntavam por que eu não tirava a barba, e eu dizia que era tradição de família e não prolongava muito a conversa".

Manoel Theophilo, o quinto, era casado com Ana Virgínia. O casal teve três filhas na década de 1980 —nada de nascer um menino, para seguir a tradição. Depois de uma quarta gravidez traumática, eles decidiram encerrar as tentativas.

"Um dia, eu e meus irmãos, tomando uma cerveja, eu disse: 'Eu só vou ter menina, então um de vocês bota o [nome do] filho de Manoel'".

Meses depois da conversa, Ana descobriu nova gravidez —a primeira não planejada. Nasceu em 1988 o Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho.

Filho teve uma típica criação de filho de oficial do Exército. Mudou-se mais de dez vezes de cidade até os 20 anos, estudou em Colégios Militares e acompanhou o pai quando foi nomeado adido militar em Bogotá, na Colômbia.

Manoel Filho morou fora do país quando a TV Globo começou a transmitir a minissérie da Chiquinha Gonzaga: história de uma jovem, filha de militar, musicista com ideais libertários.

"A personalidade daquela mulher me chamou muita atenção, porque era uma mulher completamente disruptiva, que era filha de militares também e não aceitava se casar com o homem que o pai escolheu. E aquilo sempre me deixava: 'Nossa, que legal, olha como ela segue o próprio caminho'", disse Manoel Filho à **Folha**.

A personagem interpretada por Regina Duarte inspirou Manoel Filho a estudar música. "A abertura da minissérie era um piano, a câmera passava assim filmando o piano, a mão da pianista no teclado. Eu falei: 'Pai, eu quero aprender a tocar piano'".

As primeiras músicas tiradas por Manoel foram num teclado infantil, de duas oitavas. Ele conseguia interpretar melodias de ouvido, sem ler partituras. Os pais viram que o menino levava jeito e o colocaram em uma aula de teclado.

Aos 16 anos, Manoel percebeu que precisava decidir o que queria fazer da vida. Podia tentar a carreira militar e, para isso, teria de fazer uma prova para entrar na EsPCEx (Escola Preparatória de Cadetes do Exército).

Mesmo tocando piano desde os 11, o filho do general não conseguia ver alternativas de profissão.

"Eu conversei com a minha professora de piano e disse que estava angustiado com a prova. Ela falou: 'Você quer ser militar?' E eu respondi: 'Eu não sei, acho que sim, não era isso que estava escrito?'"

Manoel Filho conta que havia uma "pressão da história" para que ele fosse militar, usasse barba e seguisse a tradição centenária dos Theophilos. Os pais Manoel e Ana, a contragosto de amigos e familiares, deixaram o filho livre para escolher a profissão.

"O piano, para mim, desde que eu comecei a estudar, sempre foi uma válvula de escape. Nunca pensei em levar a sério profissionalmente. Naquele momento que a professora me disse que era uma possibilidade, eu comecei a pensar a respeito [...] e no terceiro ano eu já estava decidido", completou.

Filho, professor de piano aos 36, não pretende ter o Neto. Mais velhas, as irmãs também não planejam ter novos filhos só para colocar o nome de Manoel Theophilo e manter a tradição na marra. O Exército não terá mais barbados.

"[A tradição] Vai acabar. Foi uma coisa que ocorreu naturalmente. Cada Manoel botava o nome Manoel no filho. Os primeiros botavam até o nome Manoel porque o pai morria muito cedo e a mulher, já grávida, nomeava em homenagem. Foi uma tradição que foi acontecendo naturalmente —tão naturalmente que agora acabou", filosofa Manoel Theophilo, pai do Filho.

Pintura de Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira, primeiro militar da família Arquivo pessoal

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho morreu como tenente-coronel Arquivo pessoal

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Neto foi adotado pelo tio Arquivo pessoal

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira chegou a general de brigada Arquivo pessoal

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Filho não seguiu carreira militar Arquivo pessoal

INÊS 249

Onde fica o centro?

Se sua definição não tem nada de esquerdismo, o radical é você

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Boa parte da discussão política nos últimos meses tem sido sobre quem, entre os políticos de direita, é "de centro". Em parte, trata-se de saber quem herdará o legado político de Jair Bolsonaro. Mas é mais do que isso: trata-se de discutir onde deve ficar "o centro" no debate político brasileiro.

Isso é importante porque, quando marcamos o lugar do centro, fica estabelecido que há uma distância X a partir dali, nas duas direções do espectro político, a partir da qual está a falta de bom senso, o radicalismo e, conforme se ande ainda mais para longe, o extremismo.

Pela definição de "centro" que valeu no Brasil no auge de nossa experiência democrática, entre 1994 e 2014, o centro brasileiro hoje em dia tem um claro ocupante: o governo Lula.

Haddad implementa uma política econômica que caberia perfeitamente no período 1994-2014 (aliás, em 1994-2008). O vice de Lula, que também é seu ministro da Indústria, é Geraldo Alckmin. Qual "centrista" discutido atualmente na direita escolheria como vice alguém que fosse, para a esquerda, o que Alckmin foi para a centro-direita entre 1994-2014? Simone Tebet, a candidata da terceira via em 2022, está no governo Lula. O ministro das Minas e Energia, que acaba de derrubar o presidente da Petrobras, é indicado por Gilberto Kassab, homem forte do governo Tarcísio. No que se refere à política de memória sobre o golpe de 64, Lula 3 é mais conservador que FHC. A ideia mais importante produzida pelo centro nos últimos anos, a reforma tributária, foi implementada por Lula, com enorme custo político.

A única área em que o governo de fato se distanciou do centro de 1994-2014 foi em algumas áreas de política externa. Mas mesmo nisso houve muito mais mudança retórica (OK, muito ruim) do que realinhamento da tradição diplomática brasileira.

Aqui alguém pode dizer: bom, mas o Lula quer fazer estaleiro, Abreu de Lima, essas coisas desenvolvimentistas. Bom, se para você isso desqualifica um centrista, então você está propondo que o centro é o liberalismo econômico puro.

Você tem o direito de defender isso, e, aliás, há bons motivos para cobrar o governo sobre projetos desenvolvimentistas com histórico ruim. Mas você está marcando o centro muito à direita do que ele está nas democracias maduras, e muito longe do eleitorado brasileiro, que não tem essa simpatia toda por liberalismo econômico. Nem na direita.

Vale dizer, aliás, que nem todos os grandes projetos estatistas do PT deram errado. Na briga recente da Petrobras, os acionistas queriam que a empresa se concentrasse no seu "core business", extrair petróleo. Bom, mais de três quartos desse "core business" atualmente vêm do pré-sal, cuja exploração é resultado de um imenso investimento estatal de governos petistas.

E sim, Haddad está tentando cobrar imposto de rico. Mas se isso for radicalismo, quase todo mundo nas democracias desenvolvidas é radical.

Se o centro não tiver esquerdismo nenhum, de duas uma: ou você incorreu em uma impossibilidade geométrica, ou tirou do cálculo metade da democracia brasileira. É razoável?

Se você quer provar que seu direitista preferido é de centro, tente escrever sobre ele algo como o quarto parágrafo desta coluna, mas com o sinal invertido. Se não for possível, lamento, amigão: o radical é você.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizarria, **Camila Rocha** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli

Boulos, Nunes e Tabata travam disputa pelo voto periférico

Postulantes à Prefeitura de SP têm conexão com extremo sul e trocam ataques entre 'perifake' e 'prefake'

Artur Rodrigues

SÃO PAULO Não estranhe se vir algum pré-candidato a prefeito de São Paulo falando mano, vestindo boné de aba reta no estilo usado pelos rappers, produzindo material em cima de uma laje ou exaltando a conexão com a periferia.

É que os principais cotados à vaga sabem que, se quiserem conquistar a sede do Executivo, no centro da cidade, precisarão antes convencer quem vive nos extremos.

A eleição deste ano tem uma condição inédita: pela primeira vez, os três mais bem colocados na disputa cresceram ou vivem na periferia.

Ricardo Nunes (MDB) e Tabata Amaral (PSB) foram criados em bairros pobres da zona sul, enquanto Guilherme Boulos (PSOL) vive mesma região. Na prática, isso gera uma espécie de competição pelo posto de candidato legítimo dessa região.

Um exemplo disso acontece nas provocações do prefeito Nunes a Boulos, a quem chama de perifake.

"Eu morei na periferia, depois eu trabalhei, estou hoje numa outra situação, mas de forma verdadeira, sem ser perifake, sem fazer uma ação de marketing de morar na periferia", disse Nunes, durante uma entrevista, referindo-se ao adversário.

A **Folha** perguntou sobre o apelido a Boulos, que rebateu: "Eu moro em Campo Limpo, vai lá ver a casa que ele [Nunes] mora em Interlagos. Ele é um prefake".

Enquanto ambos se provocam, Tabata tem apostado no arco da própria história –da jovem estudante da periferia que se formou em Harvard.

A disputa pela simpatia da população periférica, claro, vai muito além dos trocadilhos com a palavra fake e histórias de superação. Ela envolve cabos eleitorais graúdos, estrutura político-partidária e todo um planejamento sobre quais são as principais necessidades de quem mora nas regiões mais afastadas do centro.

Como todo prefeito, Nunes tem a máquina municipal ao seu dispor, capaz de atenuar problemas que sempre afetam mais a população periférica.

Embora seja apoiado por Jair Bolsonaro (PL), ele foge da nacionalização da campanha e aposta na resolução de problemas práticos como ruas esburacadas, mato alto e escolas precisando de reforma para conquistar a população mais pobre. Alguns programas como o de tarifa zero no transporte aos domingos e a fila zerada de creches são vistos como de muito apelo.

Ele conta com cabos eleitorais mais discretos que o ex-presidente, mas que possuem capilaridade e podem justamente se dedicar a olhar a vida prática: os vereadores paulistanos e candidatos ao posto. Estima-se entre aliados de Nunes que haverá cerca de 500 nomes concorrendo à Câmara.

Entre os aliados que farão parte desse "exército" está o influente presidente da Câmara de São Paulo, Milton Leite (União Brasil). Leite possui uma rede informal de apoio que inclui movimentos sociais, clubes de futebol, funcionários de empresas de ônibus, escola de samba, entre outros.

Um dos movimentos próximos de Leite que vem divulgando o prefeito é o Salve Periférico. Nunes, inclusive, já elogiou o grupo e até posou com um boné dele.

Nas ruas da zona sul, é comum encontrar placas agradecendo a Leite por melhorias nos bairros. Circulando pela periferia, a reportagem já encontrou materiais similares que também agradeciam a Nunes.

Entre aliados do prefeito, o discurso comum é que ele não faz jogo de cena em relação à periferia e realmente viveu aquela realidade.

Nunes costuma dizer que foi morar no Parque Santo Antônio, bairro periférico da zona sul, quando um negócio de sua família quebrou. Ali, ele estudou em escola pública e usou o SUS (Sistema Único de Saúde), por exemplo.

A história é usada como contraste em relação a Boulos, que nasceu em Pinheiros e viveu na Pompeia, dois bairros de classe média alta da zona oeste. Só depois de adulto se mudou para a periferia e hoje vive em uma casa de dois quartos com a família no Campo Limpo (zona sul).

Filho de médicos conhecidos, Boulos não nega sua origem em bairros de classe média alta. Mas o estilo de vida simples que leva, a começar pelo seu carro, o já famoso Celtinha, acaba fazendo parte da composição de sua imagem. O deputado já repetiu algumas vezes que as pessoas da periferia não são apenas números para ele, mas seus vizinhos.

Pesquisa Datafolha que mostrou Boulos e Nunes empatados tecnicamente aponta que o ex-líder sem-teto tem um desafio pela frente. Ele vai bem entre eleitores mais ricos e escolarizados, mas leva desvantagem em relação a Nunes entre as pessoas mais pobres e com menos estudo, que se concentram na periferia.

O perfil do eleitorado do deputado federal foge do padrão do PT, que vai melhor nos extremos da cidade.

A principal aposta do deputado para conquistar esses votos é justamente o envolvimento direto do presidente Lula (PT) em sua campanha.

Enquanto Nunes conta com a prefeitura para mostrar serviço, Boulos tem se apoiado nas propostas do governo Lula, como o anúncio de uma universidade federal em Itaquera (zona leste).

Marta Suplicy (PT), que deve ser companheira de chapa de Boulos, é outro trunfo neste sentido. A ex-prefeita ainda mantém popularidade nos extremos da cidade, onde vitrines criadas por sua gestão, como os CEUs (Centros Educacionais Unificados) e o Bilhete Único, ainda são lembrados como pontos positivos.

Marta já tem acompanhado Boulos em eventos, e a ideia é que a presença dela cresça quando a campanha propriamente dita começar. Embora não conte com tantos vereadores quanto Nunes, Boulos também terá apoio dos parlamentares do PSOL e do PT.

Correndo por fora, o desafio da deputada federal Tabata Amaral é se tornar mais conhecida. Isso inclui fazer chegar à população a sua história.

O lançamento da pré-candidatura da deputada foi na laje da casa onde cresceu e ainda mora sua mãe, na Vila Missionária (zona sul), numa estratégia para exaltar a imagem de ligação com a periferia e sua origem humilde.

Tabata mora hoje em um apartamento na região do Itaim Bibi (também na zona sul), perto do parque Ibirapuera, para facilitar seus deslocamentos para o escritório político, compromissos externos e as viagens a Brasília para as sessões no Congresso. Ela continua, no entanto, frequentando a casa da família.

Na pré-campanha, a proposta da deputada é eliminar os abismos entre periferia e bairros ricos, apontando para a própria vida como um norte que também pode servir de exemplo a outras pessoas com a mesma origem que ela.

Aliados da parlamentar destacam também que projetos dela, como o de distribuição de absorventes e de criação de uma poupança para estudantes, são voltados a jovens de famílias de baixa renda.

O partido de Tabata só possui dois vereadores na Câmara de SP, o que a deixa em desvantagem em relação a Nunes e Boulos nesse quesito. Uma delas também, porém, é Jussara Basso, moradora da periferia e ex-coordenadora do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), ligada a Boulos.

Guilherme Boulos visita Parelheiros (zona sul) com Marta Suplicy Marlene Bergamo - 22.fev.24/Folhapress

Ricardo Nunes em ação da prefeitura em Paraisópolis (zona sul) Danilo Verpa - 20.abr.23/Folhapress

Tabata durante ato em sua laje, na Vila Missionária (zona sul) Eduardo Knapp - 25.jan.24/Folhapress

INÊS 249

mundo

Guerra da Ucrânia e Trump movem eleições para Parlamento Europeu

Temática do pleito deve favorecer crescimento de forças de direita; votação ocorre em junho

Roberto Dias

BRUXELAS A Guerra da Ucrânia e o espectro de Donald Trump na Casa Branca movimentam a campanha eleitoral para o Parlamento Europeu, que ocorre de 6 a 9 de junho.

Órgão legislativo da União Europeia, o Parlamento é importante para determinar quem vai presidir a Comissão Europeia, braço executivo que toca a máquina no bloco. O cargo está hoje ocupado pela alemã Ursula von der Leyen, candidata favorita à reeleição.

Defesa e segurança são o combo mais citado por cidadãos do bloco quando questionados sobre que tema a UE deveria priorizar para reforçar sua posição no mundo.

Pudera: os eleitores convivem há dois anos com a guerra promovida pela Rússia no leste do continente, de grande impacto em coisas como o preço da energia e de reiteradas ameaças de uso do botão nuclear. E agora podem ver de volta à Casa Branca o líder que ameaça desmontar o sistema de defesa montado ao redor da Otan, não por acaso sediada numa imensa construção de aço e vidro na mesma Bruxelas que comanda o bloco.

E se Trump for eleito, o que a Europa deveria fazer de diferente desta vez?, perguntou a **Folha** a Nicolas Schmit, o principal candidato da esquerda ao cargo de presidente da Comissão Europeia.

"Não podemos mudar o sentido da eleição nos EUA. A Europa tem de defender a si própria. Precisamos investir na nossa segurança, isso é evidente, não há escolha", afirmou o político de Luxemburgo, que é um dos atuais comissários europeus (uma espécie de ministro).

Em debate nesta semana, Von der Leyen disse que "defenderia, por exemplo, um escudo de defesa aérea" —e indicou que o dinheiro para isso poderia sair dos subsídios hoje distribuídos pelo continente.

O eurodeputado espanhol Javi López, do principal bloco da esquerda, concorda que a segurança está no centro destas eleições. "É uma agenda mais relacionada ao mundo, depois de uma década mais introspectiva", afirma.

De fato: a última campanha, em 2019, foi marcada pela crise do brexit. A anterior, em 2014, teve como ponto-chave o debate sobre roaming telefônico.

Nestas eleições, a temática deve favorecer o crescimento de forças à direita do espectro político, com diferentes graus de radicalismo, indicam as pesquisas. Na centro-direita, o grupo da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, por exemplo, tende a sair fortalecido.

Já o bloco da ultradireita sofreu um racha nos últimos dias, após o líder do partido alemão AfD conceder entrevista dizendo que nem todos os membros da SS, agrupamento paramilitar nazista, seriam criminosos. A polêmica afastou gente como Marine Le Pen, líder francesa que construiu sua carreira combatendo os imigrantes.

> "Não podemos mudar o sentido da eleição nos EUA. A Europa tem de defender a si própria. Precisamos investir na nossa segurança, isso é evidente, não há escolha
>
> **Nicolas Schmit**
> comissário europeu e candidato a presidente da Comissão Europeia

A preocupação com a segurança do continente deve impulsionar o comparecimento às urnas. A participação foi caindo desde a primeira votação para o Parlamento, em 1979, até inverter a curva na última, cinco anos atrás, quando atingiu 51% —e agora o percentual de pessoas que dizem que provavelmente votarão é maior do que era na vez passada.

Isso porque até as eleições europeias têm consequências, como brincou artigo de opinião no jornal americano The Wall Street Journal, em chiste com o complexo sistema decisório da política no continente.

Afora a segurança, um ponto de atenção é a política para o clima —a movimentação do pêndulo à direita poderia desacelerar a agenda verde na região.

Outro é o da definição do tamanho do bloco, hoje com 27 membros. A crise do brexit representou a primeira vez que a União Europeia encolheu, após décadas de expansão. Agora, ainda que a fila de pretendentes some nove países, não se antevê novo alargamento tão logo.

Não menos importante, está o problema econômico. A taxa de crescimento europeia há tempos não é páreo para o ritmo americano, muito menos o chinês, a despeito de pequeno soluço mais recente. Com problemas de competitividade e emparedada pela guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo, Bruxelas tenta estabelecer com Pequim uma rota comercial menos truculenta do que a de Washington, num equilíbrio difícil, que Von der Leyen define como "uma abordagem customizada".

Efeito Bruxelas causa orgulho e baliza regras mundo afora

Há um assunto que causa particular orgulho nos políticos e funcionários da máquina pública europeia: o chamado efeito Bruxelas.

Trata-se da ideia de que as leis e regulações aprovadas pela União Europeia têm efeito de conduzir legislações em outros lugares do mundo. Mais recentemente, esse fenômeno se fez notar de maneira especialmente forte em algumas áreas, como na delimitação da esfera de privacidade no mundo digital, nas regras de proteção ambiental e em políticas antitruste.

O efeito Bruxelas batizou um livro lançado há quatro anos pela professora Anu Bradford, da Universidade Columbia. A obra, afirmou ela, "desafia a visão que retrata a UE como um ator global sem poder e mostra que essa crítica recorre a uma visão estreita e ultrapassada do que significa atualmente o poder".

O exercício desse poder desperta fases de febre regulatória, e essas convivem com atritos. Um bom exemplo é a lei sobre inteligência artificial, aprovada neste ano e alvo de críticas por supostamente bloquear o progresso tecnológico.

"Não se trata de limitar a inovação e sim de conhecer os direitos dos cidadãos por cima de outras questões", rebate a eurodeputada espanhola Ana Collado Jiménez, do mesmo grupo de centro-direita de Von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia. "Queremos que o mercado saiba as regras de jogo para que depois inventem coisas que sejam factíveis."

Outra crítica frequente é ao tamanho do funcionalismo público continental: cerca de 60 mil pessoas estão empregadas nos diferentes braços da entidade, com grande concentração em Bruxelas, onde têm sede os principais órgãos da União Europeia.

São eles: o Conselho Europeu (que reúne os 27 chefes de Estado ou governo), o Conselho da União Europeia (que agrega ministros dos 27 países e costuma trabalhar de forma temática), a Comissão Europeia (o braço que toca o dia a dia do bloco, hoje comandado por Von der Leyen) e o Parlamento Europeu (o único órgão que tem uma eleição continental direta).

No caso do Parlamento, as bases são três, em outro exemplo das complicações burocráticas derivadas dos tratados que colocaram o bloco em funcionamento. Além das temporadas em Bruxelas, os eurodeputados trabalham três ou quatro dias por mês em Estrasburgo, na França, e há uma perna administrativa que fica em Luxemburgo.

O jornalista viajou a convite da PrestoMedia

Sede de Bruxelas do Parlamento Europeu, com fachada alusiva às eleições europeias Roberto Dias/Folhapress

Ultradireita lusa poupa brasileiros em discurso anti-imigração

João Gabriel de Lima

LISBOA "A Europa precisa de uma limpeza." Este é o slogan do partido Chega, da ultradireita portuguesa, em seu programa eleitoral para o Parlamento Europeu. Num evento no último dia 19 em Madri, o líder da legenda, André Ventura, deu o tom da campanha: "Não podemos ter essa entrada massiva de imigrantes islâmicos e muçulmanos na Europa".

Ventura foi aplaudido no encontro Viva 24, promovido pelo partido Vox, da ultradireita espanhola, que reuniu representantes de várias siglas do mesmo espectro ideológico. A ultradireita europeia vem atuando em bloco para aumentar sua representação no Parlamento.

O Chega é famoso pelas bravatas xenófobas desde que o partido foi fundado, em 2019, época em que seu líder criticava e ofendia a comunidade cigana em Portugal.

Causou surpresa, assim, a declaração do vice-líder do partido, António Tânger Correa, num debate entre candidatos ao Parlamento Europeu: "Há uma imigração que consideramos excelente, que são os brasileiros. Os brasileiros durante bastante tempo melhoraram, em muito, a parte comercial em Portugal, com um atendimento muito melhor e muito mais humano do que tínhamos antigamente".

O que estaria levando o Chega a poupar os brasileiros no discurso anti-imigração? "Há basicamente dois fatores", diz o cientista político italiano Riccardo Marchi, autor do livro "A Nova Direita Antissistema – o Caso Chega".

"O Chega tem sido financiado por pequenos empresários, muitos deles do setor de restaurantes do sul do país. Esses empresários têm dito a Ventura que precisam dos imigrantes brasileiros." O Chega foi o partido mais votado em Faro, capital da região do Algarve, ao sul de Portugal —destino turístico favorito de europeus do norte em busca de praias ensolaradas.

Entre os cerca de 400 mil brasileiros que vivem atualmente em Portugal com documentos regularizados, muitos efetivamente trabalham em hotéis e restaurantes —o tal "atendimento mais humano". Um relatório do Observatório das Migrações, no entanto, mostra um número cada vez maior de brasileiros entre empresários e profissionais liberais.

O segundo fator seria religioso. "Muitos dos fundadores do Chega foram influenciados por pregadores evangélicos brasileiros, que acompanhavam através do YouTube", diz Marchi. "E hoje são os evangélicos brasileiros que procuram o Chega, convidando os políticos do partido a conhecer os templos."

Outra explicação para a boa vontade do Chega com os brasileiros é a proximidade cada vez maior entre André Ventura e Jair Bolsonaro. Ventura publicou vídeos de apoio ao brasileiro na campanha presidencial de 2022, e Bolsonaro retribuiu a gentileza nas eleições legislativas de 2023 —em que o Chega tornou-se o terceiro partido de Portugal.

Na ocasião, o Chega elegeu um brasileiro com cidadania portuguesa, Marcus Santos, à Assembleia da República. Santos disse em entrevistas que despertou para a militância política ao frequentar comícios de Bolsonaro no Brasil.

Os afagos não impedem que alguns eleitores do Chega ofendam os imigrantes brasileiros. Marcus Santos, que é negro, já foi vítima de memes racistas na internet. O bordão "volta para a tua terra" ainda é recorrente na caixa de comentários quando o Chega posta vídeos sobre brasileiros em seu canal do YouTube.

No Viva 24, em Madri, André Ventura encerrou sua fala com uma peroração anticorrupção: "Como dizem nossos amigos brasileiros, lugar de bandido é na cadeia".

O que está em jogo nas eleições da União Europeia

Quando

6 a 9 de junho

■ Países membros da UE
■ Países europeus não-membros

Votação segue as regras de cada Estado-membro; só quatro países têm voto obrigatório

Onde

27 países que reúnem 450 milhões de pessoas

Dinamarca, Alemanha, Holanda, Suécia, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Irlanda, Bélgica, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Luxemburgo, França, Áustria, Hungria, Romênia, Portugal, Espanha, Itália, Bulgária, Grécia, Chipre, Malta, Eslovênia, Croácia

oceano Atlântico
mar Mediterrâneo

O Parlamento Europeu

- Aprova leis que valem para o continente
- Decide sobre acordos internacionais e expansão da comunidade
- Ajuda a definir a Comissão Europeia
- Estabelece o orçamento da UE

Em disputa

720 vagas no **Parlamento Europeu,** com mandato até 2029

Número de cadeiras por país

As cadeiras se distribuem segundo a população de cada país, havendo um piso e um teto, como no Congresso brasileiro

País	Cadeiras
Alemanha	96
França	81
Itália	76
Espanha	61
Polônia	53
Romênia	33
Holanda	31
Bélgica	22
Grécia	21
Rep. Tcheca	21
Suécia	21
Portugal	21
Hungria	21
Áustria	20
Bulgária	17
Dinamarca	15
Finlândia	15
Eslováquia	15
Irlanda	14
Croácia	12
Lituânia	11
Eslovênia	9
Letônia	9
Estônia	7
Chipre	6
Luxemburgo	6
Malta	6

Quem é quem na política europeia

The Left (Esquerda Unitária Europeia): socialista e comunista, inclui o espanhol Podemos, o grego Syriza e o irlandês Sinn Féin

S&D (Aliança Progressista de Socialistas e Democratas): de centro-esquerda, agrega partidos como o SPD (do chanceler alemão Olaf Scholz), o PSOE espanhol (do premiê Pedro Sánchez), o Partido Democrático italiano e os partidos socialista francês e português

Verdes/EFA (Grupo dos Verdes e Aliança Livre Europeia): agrega partidos ambientalistas, como o Verde alemão, e regionalistas

Renew (Renovação): liberal e europeísta, com agremiações como o francês Renaissance (de Emmanuel Macron)

EPP (Partido Popular Europeu): de centro-direita, reúne siglas como a CDU alemã (da ex-chanceler Angela Merkel), a Forza Italia (fundada por Silvio Berlusconi), o PP espanhol (principal força de oposição) e o Partido Social-Democrata português (do premiê Luís Montenegro)

ECR (Reformistas e Conservadores Europeus): de direita, com inclinação eurocética, inclui o Irmãos da Itália, da premiê Giorgia Meloni, e o espanhol Vox

ID (Identidade e Democracia): direita radical, com partidos antieuropeísta s e populistas, como a Reunião Nacional, de Marine Le Pen

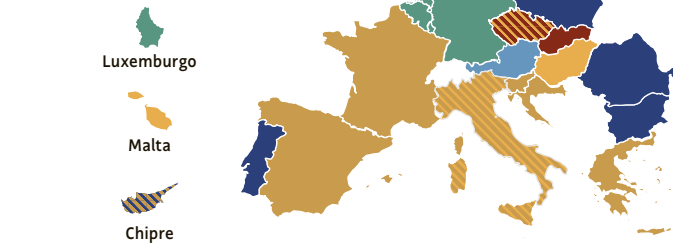
NI (não inscritos): não pertencem aos demais blocos; estão aqui o movimento italiano Cinco Estrelas e o espanhol Junts per Catalunya

Composição atual do Parlamento
Total: 705

Como poderia ficar o Parlamento
Total: 720
Pesquisa agregada do site Politico.com (até 24.mai)

71% dizem pretender votar, nível dez pontos percentuais superior ao da votação passada

As principais preocupações em cada país

Qual assunto deveria ser discutido com prioridade na campanha para o Parlamento?

* O partido AfD (Alternativa para a Alemanha) passou a figurar nessa divisão ao ser excluído do bloco ID após fala polêmica de um de seus líderes

Fontes: Parlamento Europeu, Eurobarômetro, Politico. com
Infográfico Diana Yukari e Gustavo Queirolo

Destino de navio que afundou com tesouro no Caribe é motivo de disputas

Galeão San José naufragou em combate há mais de 300 anos cheio de riquezas extraídas das ex-colônias espanholas

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Londres e em Buenos Aires, onde vive

Louco de paixão e sem saber mais qual estratégia recorrer para atrair a atenção de sua amada, o personagem Florentino Ariza empreende uma infrutífera busca pelo galeão San José, em uma embarcação precária e apenas com a ajuda de um jovem nadador.

A busca do famoso navio que por séculos alimentou o imaginário dos caribenhos foi realizada, sem sucesso, pelo protagonista de "O Amor nos Tempos do Cólera", de Gabriel García Márquez (1927-2014). Esta é apenas uma entre as muitas referências culturais relacionadas ao tesouro perdido nas profundezas do Caribe.

Desde 2015 a existência do galeão San José, que naufragou em combate no ano de 1708 cheio de riquezas extraídas das ex-colônias espanholas, deixou de ser um mito local para chamar a atenção do mundo. Foi naquele ano que a localização exata da embarcação, próxima à cidade de Cartagena, foi confirmada pelo então presidente colombiano, José Manuel Santos.

Nesses quase dez anos desde seu achado, não foram poucas as discussões sobre o que fazer diante da descoberta. Historiadores, antropólogos, povos indígenas, piratas modernos e políticos se enfrentaram pelas opções: retirar o navio inteiro dali a qualquer custo? Repartir suas riquezas entre as distintas nações das quais esses tesouros foram tirados à força? Usá-lo para reparar os crimes da escravidão? Devolver o barco à Espanha? Deixá-lo no fundo do mar como patrimônio arqueológico? Permitir que companhias estrangeiras o resgatem e fiquem com o lucro? São apenas algumas das opções que foram colocadas sobre a mesa.

Depois de muita polêmica, o presidente Gustavo Petro tomou a iniciativa de, por fim, realizar uma aproximação ao navio por meio de um aparato com sensores e câmeras para investigar de perto a embarcação e trazer algumas amostras. Especialistas creem que há uma grande chance de que os objetos possam se dissolver na superfície.

A opinião da gestão Petro, por ora, é de que o valor do navio é simbólico, não comercial. O presidente tende a decidir que ele permaneça no local, mas que alguns objetos sejam devolvidos aos povos dos quais o tesouro foi retirado, como reparação simbólica.

Indígenas bolivianos da nação Qhara Qhara estão em Cartagena para acompanhar a busca. Parte do que o navio levava eram riquezas retiradas das minas de Potosí. Naquela época, todo o ouro e a prata retirados das explorações na América hispânica era reunido no Panamá e daí embarcado para a Europa. Cartagena teria sido a última escala antes da viagem à Espanha, interceptada por navios britânicos inimigos.

Também há uma empresa de exploração americana que diz ter localizado o navio antes e que o tesouro lhe pertence. Em certo momento, a própria Espanha reivindicou o tesouro, alegando que a embarcação era do Estado espanhol e que a Colômbia não era um país naquela data, mas sim parte do império.

Embora se estime que o navio carregava 200 toneladas de ouro e que o total do tesouro seria o equivalente a US$ 20 bilhões, talvez o melhor seja de fato que ele permaneça onde está, como símbolo da exploração e exemplo de respeito aos que sofreram durante a exploração ibérica nas colônias.

No fundo do mar, o San José ainda poderá seguir habitando os sonhos de amantes atordoados, como o da obra do Nobel colombiano.

| DOM. Sylvia Colombo | TER. **Mundo Leu** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Em evento, Lula critica Israel e não cita refém brasileiro morto

Presidente volta a pedir solidariedade a palestinos um dia após mencionar Michel Nisenbaum em rede social

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Priscila Camazano e Renato Machado

SÃO PAULO E BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) voltou a criticar no sábado (25) Israel por sua atuação na Faixa de Gaza, afirmando que não pode se calar "diante de aberrações". Ele também pediu solidariedade às mulheres e crianças palestinas.

Embora tenha abordado o conflito no Oriente Médio, Lula não mencionou a confirmação da morte do brasileiro Michel Nisenbaum, 59, que era um dos reféns do grupo terrorista, durante discurso em Guarulhos, na Grande São Paulo.

O mandatário se manifestou sobre o tema logo após a confirmação da morte, ocorrida nesta sexta-feira (24), mas pelas redes sociais.

Lula participou neste sábado da inauguração de obras na rodovia Presidente Dutra. O evento reuniu ministros e parlamentares, incluindo Alencar Santana (PT-SP), que é pré-candidato a prefeito de Guarulhos.

Ao encerrar a sua fala, após pedir uma salva de palmas para o povo do Rio Grande do Sul, estado atingido por calamidade climática, o presidente pediu solidariedade às mulheres e crianças vítimas dos ataques israelenses em Gaza.

"Quero pedir para vocês uma solidariedade às mulheres e crianças que estão morrendo na Palestina por conta da irresponsabilidade do governo de Israel, que continua matando mulheres e crianças", afirmou o presidente, retomando uma série de críticas que vinha fazendo ao Estado israelense.

"E a gente não pode se calar diante das aberrações, a gente não pode deixar de ser solidário porque amanhã a gente vai precisar de solidariedade."

Na sexta-feira (24), o Exército de Israel anunciou ter recuperado os corpos de mais três reféns que estavam em Gaza desde os atentados do Hamas, em 7 de outubro de 2023. Segundo o comunicado, um deles é o de Michel Nisenbaum, único brasileiro-israelense sequestrado pela facção.

A notícia colocou fim a meses de apreensão e incerteza por parte da família de Nisenbaum, que ainda tinha esperanças de resgatá-lo vivo. Natural de Niterói (RJ), com dupla nacionalidade, ele era pai de duas filhas e vivia em Israel havia mais de 40 anos.

O presidente divulgou ainda na sexta uma mensagem em sua rede social para lamentar a morte do brasileiro. "Soube, com imensa tristeza, da morte de Michel Nisenbaum, brasileiro mantido refém pelo Hamas. Conheci sua irmã e filha, e sei do amor imenso que sua família tinha por ele. Minha solidariedade aos familiares e amigos de Michel", escreveu o presidente.

No fim do ano passado, Lula recebeu no Palácio do Planalto Mary Shohat e Hen Mahluf, a irmã e a filha de Michel Nisenbaum. No encontro, elas pediram ao presidente esforços para a libertação dos reféns.

Lula vem sendo criticado pela comunidade judaica devido a críticas feitas por ele às ações de Israel durante a guerra iniciada há mais de sete meses. O presidente ainda é acusado de ser condescendente com o Hamas.

Brasil e Israel vivem uma crise diplomática, que tomou grandes proporções quando Lula comparou as ações israelenses na Faixa de Gaza com as de Hitler contra o povo judeu. "Sabe, o que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino, não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus", afirmou Lula na Etiópia.

O governo israelense então convocou o embaixador brasileiro Frederico Meyer para uma visita a um importante memorial sobre o Holocausto, numa ação que foi considerada uma humilhação pelo lado brasileiro. Nesta sexta, o assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, Celso Amorim, afirmou que o embaixador do Brasil não voltará ao cargo.

Leia mais na pág. A7 de Política

Coluna de fumaça sobe após bombardeio israelense em Rafah, no sul de Gaza Eyad Baba/AFP

Tel Aviv bombardeia Rafah após Corte de Haia ordenar fim de ataques

SÃO PAULO Israel bombardeou a cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, neste sábado (25), um dia após a CIJ (Corte Internacional de Justiça) determinar que o país cesse suas ofensivas militares na região. Ataques aéreos e disparos de artilharia também atingiram outras áreas no sul (Khan Yunis), no centro (Deir Al-Balah e Nuseirat), e no norte (Jabalia e Cidade de Gaza) do território palestino, segundo a agência AFP.

Como ordem do principal tribunal da ONU (Organização das Nações Unidas), Tel Aviv deve "interromper imediatamente a sua ofensiva militar e quaisquer outras ações na cidade de Rafah que imponham aos palestinos de Gaza condições de vida que possam levar à sua destruição física total ou parcial". A corte de Haia não tem, no entanto, meios para fazer com que o país cumpra a decisão.

A determinação aumenta a pressão sobre as autoridades israelenses. O primeiro-ministro Binyamin Netanyahu enfrenta várias críticas pela guerra —inclusive da CIJ, que chamou de desastrosa a condução de Tel Aviv sobre a questão humanitária em Gaza— e lida com um crescente isolamento internacional.

A decisão atende a um pedido da África do Sul. Na semana passada, uma equipe jurídica do país instou a corte a impor restrições à incursão de Israel a Rafah, afirmando que era "o último passo na destruição de Gaza e seu povo".

Mar Mediterrâneo
Cidade de Gaza
Faixa de Gaza
ISRAEL
Rafah
EGITO
4 km

A Corte de Haia pediu também a "libertação imediata e incondicional" dos reféns sequestrados pelo Hamas no ataque de 7 de outubro de 2023 ao sul de Israel.

O gabinete de guerra israelense faria uma reunião no domingo (26), às 18h do horário local (12h em Brasília), para tentar um acordo de libertação dos reféns e de trégua com o Hamas.

Ainda neste sábado, uma autoridade do governo israelense já havia dito que o país pretendia retomar nos próximos dias as discussões sobre a libertação de reféns. "Existe a intenção de retomar as negociações esta semana e há um acordo", declarou o funcionário, que pediu anonimato, à agência de notícias AFP.

Com AFP e Reuters

China encerra exercícios militares que simularam cerco a Taiwan

SÃO PAULO O Exército de Libertação Popular (ELP), como são chamadas as Forças Armadas da China, anunciou neste sábado (25) ter concluído os exercícios militares iniciados na quinta (23) ao redor de Taiwan. As atividades simularam um bloqueio à ilha.

Em dois dias, o Ministério da Defesa de Taiwan disse ter detectado 62 aeronaves militares e 27 navios da Marinha chinesa. Segundo a pasta, 46 aviões cruzaram a linha do estreito de Taiwan, que serve como uma espécie de barreira não oficial entre os dois lados.

Caças Su-30 e J-16, além de bombardeiros H-6 com capacidade nuclear, estavam entre os aviões que sobrevoaram o estreito e o canal de Bashi, que separa Taiwan das Filipinas.

Na sexta, o Exército chinês publicou um vídeo que mostra caminhões com lança-mísseis preparados para disparar, oficiais a bordo de navios de guerra com binóculos para observar embarcações taiwanesas e soldados que proclamavam lealdade ao Partido Comunista.

No lançamento da missão, em postagens nas plataformas chinesas WeChat e Weibo, o porta-voz Li Xi descreveu as ações como "uma forte punição pelos atos separatistas das forças de 'independência de Taiwan' e um severo aviso contra interferências e provocações de forças externas".

Ele se referia principalmente ao discurso de posse do novo presidente taiwanês, Lai Ching-te, na última segunda-feira (20). O líder afirmou que "a República da China [nome oficial de Taiwan] e a República Popular da China não são subordinadas uma à outra", comentário que Pequim entendeu como uma declaração de que os dois territórios são países separados.

Para Pequim, a China continental e Taiwan são duas partes de uma só China.

Neste sábado, Karen Kuo, porta-voz do gabinete presidencial de Taiwan, criticou os exercícios. "A recente provocação unilateral da China não apenas prejudica o status quo da paz e estabilidade no estreito de Taiwan, mas também é uma provocação flagrante da ordem internacional", afirmou em comunicado.

Com AFP e Reuters

INÊS 249

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

TERRENO URBANO

Barueri/SP

Terreno de 10.211 m² e eventuais benfeitorias. Localizado no bairro Jardim California, a 8 min. da Estrada dos Romeiros e a 12 min. do centro da cidade.

Leilão 28/05 - 11:30hs

Avaliação R$ 6.122.895,25 | Lances a partir de R$ 4.286.026,67

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP

GALPÃO COMERCIAL

Guarulhos/SP

Imóvel com 1.122 m² de construção e terreno com área de 1.063 m². Composto por área fabril, ala administrativa, vestiários, refeitório e banheiro. Localizado a 4 min. da Rod. Fernão Dias e a 15 min. do centro da cidade.

Leilão 28/05 - 14:30hs

Avaliação R$ 3.829.846,46 | Lances a partir de R$ 2.297.907,87

Juiz: Exmo. Dr. Pablo Rodrigo Palaro de Camargo
Setor de Execuções Fiscais de Guarulhos/SP

Galpão Comercial e Residência

Barra Mansa/RJ

Imóvel composto por galpão comercial e residência com 1.615 m² de construção e terreno com área total de 20.633 m². Localizado na Rod. Eng. Alexandre Drable e a 11 min. do centro da cidade.

1º Leilão 28/05 - 09:00hs
2º Leilão 18/06 - 09:00hs

Avaliação R$ 2.994.185,51 | Lances a partir de R$ 1.497.092,75

Juíza: Exma. Dra. Christiane Jannuzzi Magdalena
2ª Vara Cível de Barra Mansa/RJ

Chácara

Elias Fausto/SP

Imóvel com área de 5.000 m² no Condomínio Chácaras Ipiranga, composto por cozinha, sala de jantar, sala de estar com 2 ambientes, 4 dorms, sendo 2 suítes, 3 banheiros, piscina e quiosque.

1º Leilão 28/05 - 09:30hs
2º Leilão 18/06 - 09:30hs

Avaliação R$ 584.972,24 | Lances a partir de R$ 350.983,34

Juíza: Exma. Dra. Patrícia Svartman Poyares Ribeiro
6ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

Imóvel Residencial e Terreno

Jandira/SP

Imóvel no loteamento denominado Jardim Alvorada, com 40 m² de construção e terreno com área de 300 m². Localizado a 5 min. da Rod. Pres. Castello Branco e a 8 min. do centro de Jandira.

Leilão 28/05 - 11:00hs

Avaliação R$ 601.414,02 | Lances a partir de R$ 300.707,01

Juiz: Exmo. Dr. André Luiz Tomasi de Queiróz
1ª Vara Cível de Jandira/SP

Terreno Urbano

Piracicaba/SP

Terreno urbano com área total de 10.000 m², localizado a 5 min. da Rodovia do Açúcar e a 13 min. do centro da cidade.

Leilão 28/05 - 11:00hs

Avaliação R$ 4.800.018,82 | Lances a partir de R$ 2.880.011,29

Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba/SP

Imóvel Residencial

Rio Claro/SP

Imóvel com 81 m² de construção e área de terreno de 127 m². Composto por abrigo, sala, 2 dorms, cozinha e banheiro. Localizado a 2 min. da Av. Nossa Sra. da Saúde.

Leilão 28/05 - 11:30hs

Avaliação R$ 232.493,07 | Lances a partir de R$ 213.126,40

Juiz: Exmo. Dr. Rubens Petersen Neto
2ª Vara Cível de Tatuí/SP

Apartamento com 63 m²

Bairro Vila Divina Pastora/SP

Imóvel no Conj. Residencial das Pedras, composto por sala 2 ambientes, terraço, 3 dorms, banheiro, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.

Leilão 28/05 - 11:30hs

Avaliação R$ 322.081,76 | Lances a partir de R$ 193.249,05

Juíza: Exma. Dra. Melissa Bertolucci
27ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo/SP

Prédio Residencial

Santa Isabel/SP

Imóvel com 390 m², localizado ao lado do Cine Teatro e a 2 min. da ETEC de Santa Isabel. Próximo a alguns comércios locais, com acesso pela Av. Prefeito João Pires Filho.

Leilão 28/05 - 14:00hs

Avaliação R$ 1.570.747,73 | Lances a partir de R$ 1.256.598,18

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

Apartamento com 53 m²

São Bernardo do Campo/SP

Imóvel no condomínio Residencial Portal dos Pássaros II, composto por 2 dormitórios, banheiro, salas de estar e jantar com sacada, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.

Leilão 28/05 - 14:00hs

Avaliação R$ 381.417,57 | Lances a partir de R$ 190.708,79

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

Imóvel Residencial

Franca/SP

Imóvel com 131 m² de construção e terreno com área de 147 m². Localizado a 6 min. da Rod. Eng. Ronan Rocha e a 12 min. do centro da cidade.

Leilão 28/05 - 14:00hs

Avaliação R$ 344.162,47 | Lances a partir de R$ 206.497,48

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP

Imóvel Residencial

Rio Claro/SP

Imóvel com área construída de 49 m² e terreno com área de 287 m². Localizado a 4 min. da Rod. Washington Luís e a 6 min. do centro da cidade.

Leilão 28/05 - 14:00hs

Avaliação R$ 417.007,20 | Lances a partir de R$ 403.975,73

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

Apartamento com 85 m²

Guarujá/SP

Imóvel no Edifício Funchal, composto por 3 dorms, 2 banheiros, sala, cozinha, área de serviço, banheiro de empregada e vaga de garagem.

Leilão 28/05 - 14:00hs

Avaliação R$ 335.504,37 | Lances a partir de R$ 167.752,18

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

Terreno Urbano

Bairro Vila Nova Galvão/SP

Terreno com área total de 20.988 m², localizado a 4 min. da Rod. Fernão Dias e a 16 min. do centro de Guarulhos.

Leilão 28/05 - 14:30hs

Avaliação R$ 17.790.159,12 | Lances a partir de R$ 10.674.095,47

Juíza: Exma. Dra. Fernanda de Carvalho Queiroz
4ª Vara Cível do Foro Regional I - Santana/SP

Imóvel Residencial

Jandira/SP

Imóvel de 2 pavimentos com 138 m² de construção e terreno com área de 315 m². Composto por 4 casas, sendo 1 delas em ponto de laje, 2 garagens e banheiro.

Leilão 28/05 - 14:30hs

Avaliação R$ 451.484,56 | Lances a partir de R$ 270.890,73

Juiz: Exmo. Dr. André Luiz Tomasi de Queiróz
1ª Vara Cível de Jandira/SP

Imóvel Residencial

Franca/SP

Imóvel com 132 m² de construção e terreno com área de 300 m². Composto por dormitório, sala, banheiro, cozinha, lavanderia, quintal e garagem.

Leilão 28/05 - 15:00hs

Avaliação R$ 397.287,67 | Lances a partir de R$ 344.315,97

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP

Imóvel Residencial

Jaguariúna/SP

Imóvel com 120 m² de construção e área de terreno de 530 m². Composto por sala, 2 suítes, cozinha, dorm, banheiro, área de lazer com rancho e salão de festas, 2 garagens cobertas e outras descobertas.

1º Leilão 28/05 - 15:30hs
2º Leilão 28/05 - 16:30hs

Avaliação R$ 765.331,30 | Lances a partir de R$ 459.198,78

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Forli Fortuna
1ª Vara de Jaguariúna/SP

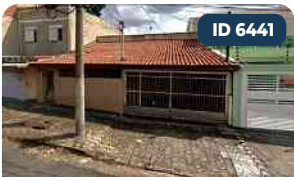
Imóvel Residencial

Bairro Tamboré/SP

Imóvel no loteamento Fazenda Tamboré Residencial, com 615 m² de construção e terreno com área de 1.463 m². Localizado a 4 min. da Rod. Presidente Castelo Branco.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 4.886.269,42 | Lances a partir de R$ 2.443.134,71

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini
1ª Vara Cível de Barueri/SP

Imóvel Residencial

Santo André/SP

Imóvel com 70 m² de construção e terreno com área de 95 m². Localizado a 6 min. do centro de Santo André e a 10 min. do Grand Plaza Shopping.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 390.461,33 | Lances a partir de R$ 292.846,00

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'Olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

Apartamento com 263 m²

Rio Claro/SP

Imóvel no Edifício Manhattan, composto por 3 dorms, sala 2 ambientes com sacada, cozinha, área de serviço, 4 banheiros, lavabo e 2 vagas de garagem.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 1.997.950,30 | Lances a partir de R$ 998.975,15

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luis Pavão
4ª Vara Cível de Rio Claro/SP

Apartamento com 124 m²

Rio Claro/SP

Imóvel no Edifício Itaparica, composto por sala de estar e jantar, lavabo, 2 dorms, banheiro, 1 suíte, closet e banheiro, 2 terraços, copa-cozinha, wc. de empregado e 2 vagas de garagem.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 1.027.517,29 | Lances a partir de R$ 513.758,64

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luis Pavão
4ª Vara Cível de Rio Claro/SP

Apartamento com 81 m²

Bairro Cerqueira César/SP

Imóvel no Edifício Estrela Polar, composto por sala de estar e jantar, 2 dorms, banheiro, cozinha, dormitório e wc de empregados, área de serviço e vaga de garagem.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 991.799,07 | Lances a partir de R$ 495.899,5

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luis Pavão
4ª Vara Cível de Rio Claro/SP

Imóvel Residencial

Osasco/SP

Imóvel com 236 m² de construção e área de terreno de 292 m². Composto por 4 edificações, localizado a 2 min. da R. Padre Kassabian.

1º Leilão 28/05 - 16:00hs
2º Leilão 28/05 - 17:00hs

Avaliação R$ 266.908,67 | Lances a partir de R$ 200.181,49

Juíza: Exma. Dra. Deborah Lopes
2ª Vara Cível do Foro Reg. VI – Penha de França/SP

Imóvel Residencial

Pindamonhangaba/SP

Imóvel no loteamento denominado Jardim Residencial Vila Rica, com 145 m² de construção e terreno com área de 253 m². Localizado a 6 min. do Shopping Pátio Pinda e a 8 min. do centro da cidade.

Leilão 04/06 - 11:00hs

Avaliação R$ 427.080,73 | Lances a partir de R$ 256.248,44

Juiz: Exmo. Dr. Wellington Urbano Marinho
2ª Vara de Pindamonhangaba/SP

Terreno Urbano e Residências

Franca/SP

Terreno constituído de 6 residencias com área construída de 530 m² e terreno com 1.393 m². Localizado a 5 min. da Rod. Cândido Portinari e a 13 min. do centro da cidade.

Leilão 04/06 - 14:00hs

Avaliação R$ 918.254,12 | Lances a partir de R$ 367.301,64

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP

Terreno Urbano

Guarujá/SP

Terreno no loteamento denominado Jardim Acapulco com área de 525 m². Localizado a 7 min. da Av. Marjory da Silva Prado e a 28 min. do centro da cidade.

Leilão 04/06 - 14:30hs

Avaliação R$ 1.062.293,69 | Lances a partir de R$ 531.146,84

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

Imóvel Residencial

Hortolândia/SP

Imóvel com 81 m² de construção e terreno de 580 m². Localizado a 10 min. do Shopping Hortolândia e a 12 min. da Rodovia dos Bandeirantes.

1º Leilão 08/07 - 09:00hs
2º Leilão 29/07 - 09:00hs

Avaliação R$ 557.458,45 | Lances a partir de R$ 390.220,91

Juiz: Exmo. Dr. Carlos Eduardo Mendes
8ª Vara Cível de Campinas/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 · 11 95577 1200 · www.leje.com.br · @lejeoficial · Leilão Judicial Eletrônico

Acervo do Museu do Índio/ FUNAI – Brasil

1

Reuters

2

Lula Marques/Folhapress

3

Relação Brasil-EUA evoluiu desde a doutrina Monroe

Laços bilaterais fazem 200 anos hoje com busca de Brasília por autonomia

BRASIL-EUA, 200

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA A decisão de James Monroe de reconhecer a independência do Brasil, em maio de 1824, ocorreu no contexto da doutrina lançada meses antes pelo então presidente dos Estados Unidos. Sob a justificativa de afastar o risco da recolonização, a chamada doutrina Monroe preconizava que o hemisfério Ocidental (ou simplesmente as Américas) deveria ser parte do campo da influência americana.

A relação bilateral, que completa 200 anos neste domingo (26), atravessou diferentes etapas, com momentos de maior aproximação e outros de afastamento —além de uma mudança de paradigma na década de 1960.

Durante boa parte do século 19 não foi claro se a ambição dos EUA de substituir as potências europeias como principal polo de poder na América Latina iria se concretizar. Afinal, naquela época era com o Reino Unido que os governos latino-americanos, entre eles o Império do Brasil, mantinham seus principais laços econômicos e políticos.

No caso específico do Brasil, segundo explica a professora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) Cristina Pecequilo, a história do relacionamento bilateral nasceu ainda sob uma contradição perigosa para o império: o mesmo país que ajudava o Brasil a consolidar sua independência de Portugal preconizava ideais republicanos e de democracia (ainda que à época bastante limitada) perigosos para um regime essencialmente monárquico.

Segundo a especialista, Washington não via grandes inconvenientes de ter um governo inspirado nas monarquias europeias no hemisfério que, na ótica americana, deveria estar livre dos vícios do velho continente.

Os primeiros diplomatas do Departamento de Estado achavam conveniente um país de expressão regional que servia como força estabilizadora na América do Sul, formada por um apanhado de repúblicas menores. Além do mais, as ações dos EUA direcionadas aos países latino-americanos à época tinham mais foco no México (que perdeu metade do seu território numa guerra com seu vizinho do norte) e na América Central.

As primeiras décadas dessa história tiveram momentos marcantes, como a viagem em 1876 do imperador Dom Pedro 2º aos EUA. Entre outros compromissos, ele participou da abertura da Exposição Universal da Filadélfia ao lado do então presidente Ulysses Grant.

Se no início a influência dos EUA sobre o Brasil foi mais retórica do que prática, a situação começou a mudar a partir do momento em que os americanos resolveram questões internas, principalmente o fim da Guerra de Secessão e a expansão territorial em direção ao Pacífico.

Na virada para o século 20, a consolidação interna permitiu que os EUA fortalecessem a ideia que Monroe havia lançado ainda em 1823.

Do lado brasileiro, o contexto era favorável. A abolição da escravidão e a troca para o regime republicano tinham diluído contradições que persistiam na relação.

Os EUA vinham mostrando uma pujança econômica que indicava uma mudança no tabuleiro da geopolítica mundial. Esse fenômeno foi percebido pelo mais celebrado diplomata brasileiro, José Maria da Silva Paranhos Júnior.

De acordo com a professora Pecequilo, os pioneirismos do Barão do Rio Branco foi justamente enxergar que o polo de poder rapidamente se transferia da Europa para a América do Norte. Diante desse diagnóstico, ele atuou para reposicionar o Brasil.

"Rio Branco estabeleceu como prioridade uma relação pragmática com os EUA. Ele foi um visionário, percebeu que Brasil e EUA eram os dois grandes poderes hemisféricos, e que o eixo do poder mundial estava mudando para a América por causa dos EUA", afirma Pecequilo.

A chegada ao poder de Getúlio Vargas trouxe novos componentes para essa dinâmica. Por um lado, o líder brasileiro usou o flerte com a Alemanha Nazista para garantir financiamento americano para a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), base da sua política industrial.

Entrou na guerra do lado dos Aliados, e mandou tropas para combater na Europa.

Por outro, os EUA então liderados por Franklin Roosevelt —que visitou o Brasil em 1936 e em 1943— apostaram na chamada política da boa vizinhança e na revitalização do pan-americanismo. O principal símbolo na cultura popular dessa época foi a criação do personagem Zé Carioca por Walt Disney.

Ao longo das décadas seguintes, a opção pelos EUA como eixo da política externa começou a sofrer questionamentos sob o argumento de que as concessões esperadas com esse caminho não estavam valendo a pena.

Esse movimento culminou na Política Externa Independente da década de 60, quando o Brasil passou a advogar que também podia se relacionar economicamente com o bloco socialista na Guerra Fria.

Apesar de um realinhamento no início da ditadura militar, afinal os EUA apoiaram o golpe de 1964, a necessidade de manter alguma autonomia em relação à Washington voltou a ganhar força pouco depois.

O fim da ditadura ajudou a retirar a pressão sobre o tema dos direitos humanos e, de acordo com Pecequilo, o governo José Sarney (1985-90) promoveu uma espécie de "limpeza na agenda".

Uma nova reaproximação ocorreu com a chegada de Fernando Collor ao poder, em 1990. Para a professora da Unifesp, o período Collor foi a "alinhamento pleno e automático" com Washington.

Ela define os anos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) como de "alinhamento pragmático", sucedido por um renovado discurso pró-autonomia com Lula.

A primeira passagem de Lula pelo Planalto e a de sua sucessora, Dilma Rousseff, assistiram a uma mudança significativa que trouxe reflexos para as relações econômicas entre os dois países: desde 2009 o principal parceiro comercial do Brasil passou a ser a China, que desbancou os EUA da posição.

No terceiro mandato de Lula, após um hiato de alinhamento radical nos dois anos em que Jair Bolsonaro e Donald Trump coincidiram no poder, prevalece a retórica de autonomia.

O futuro do relacionamento nascido em 1824 tende a ser pautado pela principal disputa da geopolítica na atualidade, a Guerra Fria 2.0 entre China e EUA. Nessa queda de braço entre gigantes, o governo brasileiro alega adotar uma posição de equidistância.

Mas, como a **Folha** mostrou, está cada vez mais difícil para a diplomacia brasileira manter essa posição.

Quem quer que ganhe as eleições na Casa Branca neste ano, seja Biden ou Trump, deve aumentar o tom de cobrança para que outros países se afastem de Pequim ou boicotem produtos chineses.

Colaboraram Isabela Rocha, João Pedro Capobianco e Luana Franzão

Evolução da população e PIB per capita de Brasil e EUA

Em 200 anos de relação bilateral, americanos se descolaram e passaram a superpotência

População
Em milhões
EUA Brasil
350 280 210 140 70 0
10 | 23,6 | 7,2 | 331,5 | 215,6
1820 1850* 2020

* início de dados disponíveis da série histórica do Brasil

Fonte: Maddison Project Database

+ Veja cronologia dos 200 anos das relações entre EUA e Brasil

Relação bilateral passou por guerras mundiais, golpes de Estado e vaivéns na política e economia até chegar ao bicentenário

1824
Início da relação
Menos de dois anos após o Brasil se separar de Portugal, em 26 de maio de 1824, o presidente dos EUA, James Monroe, recebeu o encarregado de negócios do Brasil, José Silvestre Rebello. Washington reconheceu a independência brasileira, e os laços diplomáticos foram estabelecidos

1869
Questão Webb
O embaixador dos EUA no Brasil, James Watson Webb, exigiu o pagamento de indenização por causa de um navio americano que teria sido saqueado na costa brasileira. O Brasil se recusou a pagar e conseguiu a remoção de Webb

1876
Viagem de dom Pedro 2º
Na primeira visita de um governante brasileiro aos EUA, o imperador passou por várias cidades americanas. Na Filadélfia, durante a Exposição Universal, Graham Bell, pioneiro da telefonia, lhe apresentou o aparelho. No ano seguinte, o Brasil instalaria sua primeira linha telefônica

1891
Primeiro acordo comercial
Dois anos após a Proclamação da República, os países firmaram o Acordo Comercial Brasil-Estados Unidos (Blaine-Mendonça). Foram poucos resultados práticos, mas a aproximação foi importante.

1905
Estabelecimento de embaixadas
As representações legais dos países foram elevadas à condição de embaixadas. No ano seguinte, Elihu Root realizou a primeira viagem de um secretário de Estado ao Brasil. O chanceler brasileiro era o barão do Rio Branco, introdutor da ideia de uma aproximação pragmática com os EUA

1913-1914
Expedição Rondon-Roosevelt 1
Já ex-presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, conhecido pelo conservacionismo e espírito aventureiro, foi convidado pelo governo brasileiro para acompanhar o militar e sertanista Cândido Rondon em uma viagem para mapear o curso do rio da Dúvida, na Amazônia, depois rebatizado de rio Roosevelt. A expedição, na qual Roosevelt quase morreu, durou cinco meses

1919
A chegada da Ford
Inaugurada, em São Paulo, a primeira fábrica da Ford, pioneira no Brasil; oito anos depois, Henry Ford criaria a Fordlândia, cidade instalada no meio da Amazônia para produzir borracha; o experimento fracassou

1928
Visita de Hoover
Em giro pela América Latina, o presidente eleito dos EUA, Herbert Hoover, foi ao Rio, então capital federal, e desfilou em carro aberto

1941
Walt Disney no Rio
Incentivado pelo governo Roosevelt como parte da política de boa vizinhança dos EUA com a América Latina –e uma arma de soft power–, Walt Disney passou 22 dias no Rio. Encontrou Getúlio Vargas, reuniu-se com artistas, foi à Portela. Da viagem saiu a inspiração para o personagem Zé Carioca

1942
Conferência do Rio de Janeiro
Em plena Segunda Guerra Mundial, os EUA pressionaram os países latino-americanos a romperem com o Eixo. O Brasil cortou relações com a Itália e a Alemanha; dois anos depois, enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Europa

1947
How 'tru' you 'tru', Truman?
Depois de três visitas do antecessor, Franklin Roosevelt, Harry Truman ficou uma semana no Brasil, onde presidiu a Conferência para a Manutenção da Paz e Segurança Continental, na esteira do fim da 2ª Guerra. No encontro com o líder americano, o presidente Eurico Gaspar Dutra teria ouvido Truman perguntar: "How do you do, Dutra?" e respondido "How 'tru' you 'tru', Truman?"

1964
Apoio ao golpe
A Casa Branca sabia da trama do golpe que derrubou João Goulart. O adido militar Vernon Walters mantinha contato com os conspiradores militares; o embaixador, Lincoln Gordon, garante financiamento a opositores de João Goulart; ocorre planejamento da "Brother Sam", com previsão de operação naval na costa brasileira

1969
Embaixador sequestrado
Numa das ações mais midiáticas contra a ditadura militar, guerrilheiros da ALN e do MR-8 sequestraram o embaixador dos EUA, Charles Elbrick; ele foi solto quase três dias depois, em troca da libertação de 15 presos políticos

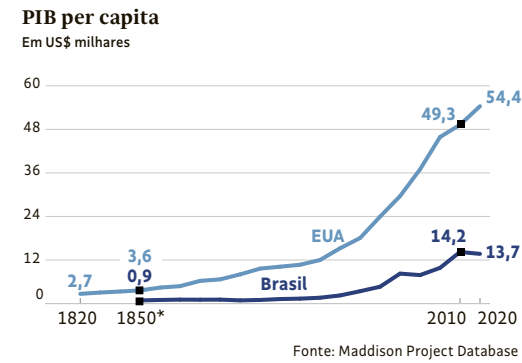
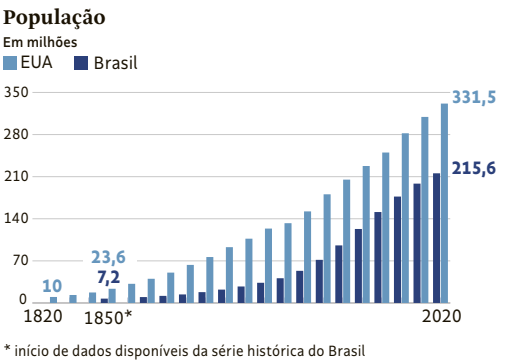
1977
Acordo militar rompido
Após críticas do presidente Jimmy Carter à situação dos direitos humanos no país, o governo Geisel rompeu um acordo militar de 1952, que previa fornecimento de armas ao Brasil e envio de minerais atômicos para os EUA

1987
Vitória histórica no basquete 2
Liderada por Oscar, a seleção masculina venceu os EUA por 120 a 115 e levou o ouro no Pan-Americano de Indianápolis; embora o time americano fosse universitário, o título foi marcante porque os EUA jamais haviam perdido um jogo oficial de basquete em casa

1994
Novo triunfo, agora no futebol
Na condição de favorito, ao contrário do basquete em 1987, o Brasil enfrentou os EUA pelas oitavas da Copa do Mundo no 4 de Julho, dia da independência americana. Gol de Bebeto, e a seleção avançaria até o tetra

2005
Churrasco com Bush 3
Em visita-relâmpago, George W. Bush foi recebido por Lula na Granja do Torto, onde comeu picanha, alcatra e outros cortes bovinos

2013
Escândalo de espionagem
O WikiLeaks revelou que a Agência de Segurança Nacional dos EUA monitorou autoridades brasileiras, inclusive pelo telefone pessoal de Dilma Rousseff; o episódio afastou os países, e o Brasil cancelou visita de Estado de Dilma aos EUA

2019
Amigos, amigos, negócios à parte
Jair Bolsonaro visitou Donald Trump em Washington pouco depois de tomar posse. A viagem marcou o alinhamento ideológico do governo brasileiro ao presidente americano, mas não trouxe ganhos comerciais

Milton Leite teve papel relevante em crimes da Transwolff, diz Promotoria

OUTRO LADO: Vereador afirma que é testemunha e critica o que chama de "ilações de terceiros"

Rogério Pagnan

SÃO PAULO Na investigação sobre a possível infiltração do PCC no transporte público da capital, promotores do Gaeco (grupo de combate ao crime organizado) afirmam que o presidente da Câmara de São Paulo, Milton Leite (União Brasil), teve "papel juridicamente relevante na execução dos crimes sob apuração" envolvendo a Transwolff.

Os sigilos fiscal e bancário do parlamentar foram quebrados com autorização da Justiça. É justamente no documento em que pede essa quebra de sigilos que o Ministério Público apontou, em fevereiro do ano passado, a possível ligação do político com os dirigentes da empresa de ônibus da zona sul.

O juiz Guilherme Eduardo Martins Kellner, da 2ª Vara de Crimes Tributários, Organização Criminosa e Lavagem de Bens e Valores, concordou com os argumentos da Promotoria:

"[...] O afastamento dos sigilos bancário e fiscal se justifica pela necessidade em se combater a prática de ilícitos penais, tratando-se de medida judicial em processo preparatório imprescindível à colheita de provas necessárias à instrução da investigação criminal", cita a decisão.

Procurado, o vereador disse que desconhece a quebra de sigilo pela Justiça, mas coloca todos os dados à disposição da Promotoria. Diz, ainda, que é apenas testemunha nesse caso e critica o que chama de "ilações de terceiros" (leia a nota na íntegra no final do texto).

A investigação em que o sigilo do vereador foi quebrado é a mesma que resultou na operação desencadeada pelo Gaeco no início do mês passado, batizada de "Fim da Linha", e que levou à prisão de um grupo de pessoas, entre elas o presidente da Transwolff, Luiz Carlos Efigênio Pacheco, o Pandora.

O presidente da Câmara de São Paulo, Milton Leite, durante sessão Danilo Verpa/Folhapress

> O afastamento dos sigilos bancário e fiscal se justifica pela necessidade em se combater a prática de ilícitos penais
>
> **Guilherme Eduardo Martins Kellner**
> juiz da 2ª Vara de Crimes Tributários, Organização Criminosa e Lavagem de Bens e Valores

Apesar das afirmações, Leite não estava entre os alvos da operação "Fim da Linha".

Na denúncia oferecida pela Promotoria à Justiça, em abril passado, Milton Leite é arrolado apenas como testemunha. Além dele, também foi chamado para testemunhar o deputado federal Jimar Tatto (PT).

Nos documentos aos quais a **Folha** teve acesso, não há suspeitas semelhantes contra o petista.

Nos documentos da Promotoria não é apontado qual crime foi eventualmente cometido pelo político. A reportagem apurou que a investigação contra o vereador ainda continua.

A principal suspeita dos promotores é de que empresas de ônibus estejam sendo usadas para lavar dinheiro para o PCC. A defesa de Pandora nega qualquer ligação dos empresários com o crime.

O advogado Roberto Vasco, um dos defensores de Pacheco, disse desconhecer qualquer "participação societária de fato ou de direito" de Leite "na referida empresa". Os advogados não falam em nome da Transwolff porque, segundo eles, a empresa encontra-se sob intervenção determinada pela Justiça.

Entre os documentos apresentados pelo grupo de combate ao crime organizado, há um relatório da polícia paulista de junho de 2006 em que um informante cita o nome de Leite.

"A equipe policial relatou que um cooperado Cooperpam informou que os cooperados são extorquidos pela diretoria e que os valores indevidamente exigidos ou retidos estavam sendo utilizados na construção da garagem, [...] atual sede da Transwolff Transportes. Afirmou também que o comando de fato da cooperativa era de Milton Leite, atual presidente da Câmara", diz trecho.

Conforme documentos aos quais a **Folha** teve acesso, a investigação que deu base à operação "Fim da Linha" teve início com suspeitas de irregularidades em um contrato firmado em 2017 entre pessoas ligadas aos dirigentes da Transwolff e a Prefeitura Municipal de Cananéia, distante a 256 km da capital.

Após quebra de sigilo telefônico dos suspeitos, o Ministério Público chegou ao nome de Pacheco e de alguns diretores da empresa. Foi em meio a essas comunicações que surgiram as suspeitas de ligação do vereador paulistano com a cúpula da Transwolff.

Uma das mensagens anexadas, de outubro de 2012, Pacheco aparece pedindo voto para Leite.

"Olá, peço a licença de vocês para pedir que nos apoiem a eleger nosso candidato a vereador por São Paulo, Milton Leite 25.250. Estamos juntos nessa luta para colocar um candidato que é o nosso representante no Poder Legislativo, e luta por nossa categoria e principalmente pelos interesses de nossa região."

Também há um email que seria de uma assessora do gabinete de Leite pedindo que integrantes da Transwolff participem da 22ª Reunião do Conselho de Transportes, em 2017. "Obrigado. Os representantes estarão lá", diz trecho da resposta, supostamente enviada por Pacheco.

Também há uma troca de emails entre uma assessora de Leite com um dirigente da empresa de ônibus no qual ela solicita o envio de documentos de funcionários da Transwolff que, supostamente, trabalhavam no gabinete do vereador na Câmara Municipal.

"Solange, da equipe de Milton Leite e 'do DEM' [atual União Brasil], solicita a Cícero a assinatura nos recibos para fins de Imposto de Renda, provavelmente se referindo a funcionários da Transwolff que tenham prestado algum serviço para o gabinete de Milton Leite", diz outro trecho.

No final do ano passado, o Ministério Público ainda trabalhava nos dados recebidos e prorrogavam por mais três meses o prazo para a conclusão da análise. Nos documentos aos quais a **Folha** teve acesso, não há informação se o relatório financeiro sobre esses dados do vereador foi concluído.

"Inicialmente, anoto a chegada dos dados complementares do caso [...], solicitados através da medida cautelar [...], relacionados ao alvo Milton Leite. O referido material está em minuciosa análise pelo setor técnico deste Gaeco e requer um tempo próprio deste tipo de atividade", diz trecho.

A Transwolff possui mais de 1.200 veículos e transporta cerca de 700 mil pessoas por dia, em 90 linhas no extremo sul da capital. Após a operação, a empresa passou por uma intervenção e é gerenciada pela Prefeitura de São Paulo.

Leia na íntegra a nota de Milton Leite

"Eu fui arrolado pelo Ministério Público como testemunha no caso em questão, conforme informação confirmada publicamente pela Promotoria. Não recebi nenhuma comunicação do Ministério Público, muito menos da Justiça, sobre qualquer tipo de quebra de sigilo. Reforço que, como homem público e transparente que sou, coloco à disposição do MP todos os meus dados fiscais e bancários. Sobre os emails citados, não tenho nenhum tipo de conhecimento. Lamento, mais uma vez, que divulguem ilações de terceiros e envolvam irresponsavelmente meu nome ao tratar de apurações que, segundo o próprio Ministério Público, são sigilosas."

Polícia Militar de SP mata suposto chefe do PCC ligado à escola de samba Vai-Vai

Rogério Pagnan

SÃO PAULO Policiais militares de São Paulo mataram na madrugada de quarta-feira (22), na zona sul da capital, dois homens considerados pela polícia integrantes do PCC em uma suposta troca de tiros. Um dos mortos, Márcio Silva de Oliveira, 40, o Fatioli, é apontado pelas polícias como um dos principais chefes do grupo em liberdade.

Conforme o governo paulista, Oliveira teria uma função no PCC conhecida como resumo, responsável pelo compartilhamento de informações da cúpula com o restante do grupo.

Horas após as mortes, integrantes da Vai-Vai postaram nas redes sociais homenagens à dupla morta. "É com profundo pesar que comunicamos o falecimento do Márcio. Vai-Vai e Bixiga de corpo, alma e coração. Obrigado por tudo o que fez pela nossa escola. Que Deus o receba em bom lugar e conforte o coração dos seus familiares e amigos", diz uma publicação.

Conforme integrantes da agremiação ouvidos pela reportagem, a homenagem teria partido da própria escola em seu Instagram oficial. Após reação negativa entre integrantes da agremiação, a postagem foi apagada.

Procurada, a escola não negou ter feito a publicação. Refutou, contudo, que Márcio fosse diretor da agremiação. "Não há homenagem nas redes da escola. Ambos os rapazes mortos eram frequentadores do Vai-Vai. [...] Apenas frequentavam ensaios", informou a Vai-Vai em nota.

A escola também negou ter recebido ajuda financeira por parte de Oliveira, como indicaram à reportagem pessoas ligadas à agremiação. "Nunca."

Reportagem publicada pela **Folha** revelou, em dezembro passado, que investigação da Polícia Civil de São Paulo apontava a Vai-Vai, uma das mais tradicionais escolas de samba de São Paulo e dona de 15 títulos do Carnaval, como um reduto do PCC.

> Não há homenagens nas redes da escola. Ambos os rapazes mortos eram frequentadores do Vai-Vai. [...] Apenas frequentavam ensaios
>
> **Escola de samba Vai-Vai**
> em nota à **Folha**

A informação estava em documentos integrantes de um processo de lavagem de dinheiro que corre em segredo na Justiça de São Paulo e tem entre os alvos o então diretor financeiro e conselheiro da agremiação, Luiz Roberto Marcondes Machado de Barros, o Beto da Bela Vista.

"Escola [Vai-Vai] que BBV [Beto Bela Vista] pertence ao quadro diretivo e sabidamente é reduto da mencionada facção criminosa [PCC], tendo, inclusive, procedendo há algum tempo a expulsão de alguns componentes que eram policiais justamente por este motivo", diz o documento.

A escola e Barros sempre negaram ligação com a facção criminosa.

A Vai-Vai diz que Beto Bela Vista integra o conselho e foi diretor no mandato anterior, que terminou no final de 2022. "Ele é membro do conselho, foi eleito e nenhuma condenação inviabiliza sua atuação", dizia a nota. A escola também afirma que, entre os seus quase 1.500 componentes cadastrados, há policiais em diversos segmentos, sem dizer quantos.

O suposto chefe do PCC morto pela Rota na quarta teve seu primeiro registro no sistema prisional em 2003. Ele deixou a prisão em dezembro de 2020. Nesse período, chegou a ficar preso por cerca de três anos (julho de 2017 a outubro de 2020) na Penitenciária 2 de Venceslau, destinada à cúpula da facção.

Em parte do período também esteve na unidade Luiz Eduardo Marcondes Machado de Barros, o Du Bela Vista, irmão de Beto. Du foi transferido para o sistema federal em janeiro de 2019 junto com Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, quando 22 chefes da facção foram transferidos pela gestão Doria.

Advogado de Luiz Eduardo, Marcio Cavicchioli, afirma que o seu cliente não tem relacionamento com a Vai-Vai nem o PCC. A Vai-Vai nega ligação com Du Bela Vista.

Além de Oliveira, também foi morto no suposto confronto Lucas Rodrigues Gomes Chaves, 25, outro apontado pelo governo como integrante da facção criminosa. Conforme a versão oficial, ambos morreram após atirar contra policiais na madrugada de quarta, na avenida do Estado, no Ipiranga.

"Na tentativa de abordagem, os suspeitos reagiram e atiraram. Houve intervenção e os dois foram baleados. Os suspeitos foram socorridos, mas não resistiram", diz trecho da nota da Segurança Pública.

A polícia afirmou ter encontrado no interior do carro um fuzil, um colete balístico, uma mochila e o revólver e a pistola usados pela dupla.

O caso foi registrado como morte decorrente de intervenção policial e porte ou posse ilegal de arma de fogo de uso restrito no DHPP.

Adams Carvalho

No aeroporto

Dois homens bebem cerveja e comem x-burgers. São nove e quarenta e sete da manhã fora do aeroporto. Ali dentro o tempo é outro

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Sete meninas altas, de uniforme esportivo, passam à minha frente. Tento ler nas mochilas, perto do logo do Banco do Brasil, umas letrinhas que devem revelar a modalidade. Não consigo, elas se movem rápido, com a pressa de seus dezesseis ou dezoito anos. Penso: é um pouco irônico os jovens terem pressa e os velhos, paciência. Não deveria ser o contrário?

Acho que elas jogam vôlei, são todas altas, mas não tão altas como as profissionais. Imagino-as daqui a algumas décadas —advogadas, veterinárias, engenheiras— contando para amigos, namoradas ou namorados surpresos, "sim, eu era federada, cheguei a ficar em terceiro no sub-17 paulista".

Dois homens bebem cerveja e comem x-burgers. São nove e quarenta e sete da manhã —fora do aeroporto. Ali dentro o tempo é outro. Quem sabe eles estejam no fuso da Alemanha? De Kiribati? Ou talvez seja apenas a licenciosidade concedida pela proximidade da morte. (Uma proximidade apenas imaginada, claro, é muito mais perigoso andar de carro do que de avião, mas vai explicar isso para nossos cérebros que se formaram durante milhares de anos com os pés no chão.).

Não só a gula decola nos aeroportos. Um cara de uns 30 anos, tênis Vert e coletinho estilo XP, com a segurança de quem acaba de receber 10 milhões de investimento em sua startup, troca olhares com uma moça mais ou menos da mesma idade, calça preta, paletó e salto alto, com a segurança de quem acaba de aportar 20 milhões numa startup. (Gostaria de obter dados comparando as vendas de camisinha e Viagra nas farmácias dos aeroportos as das existentes fora dali. Certeza que deve comprovar a minha teoria).

Com todo respeito à sacrossanta Igreja Católica, não pretendia passar do citrato de sildenafila às freiras em um parágrafo, mas três delas cruzam meu caminho. Por que será que freira viaja tanto? Eu nunca as vejo caminhando pelas ruas. Passeando num shopping. Tomando sol num parque. Mas basta eu pisar num aeroporto que elas brotam, sempre aos cachos. (Não existe a freira individual, assim como não existe padre em grupo).

Uma vez viajei ao lado de uma freira. Confesso que, apesar de ateu, me deu uma certa segurança. É sempre bom, numa situação tensa, ter ao lado alguém que fala diariamente com Deus. Mas bastou o avião correr na pista pra ela puxar um papo não muito tranquilo com o divino: começou a rezar fervorosamente, apavorada. Quase a repreendi. "Minha senhora, se você que acredita ir pro céu depois da morte fica assim, o que espera de nós outros que imaginamos virar minhoca? Por favor! Recomponha-se!". Acabei não falando nada, apenas olhei em volta, instintivamente, procurando as outras freiras, que obrigatoriamente estariam no voo. Uma dormia, outra comia uma barra de cereais —o que me pareceu, não sei explicar porquê, uma atitude repreensível.

Um piloto cruza o salão com seus passos imperiais. Gosto de ver o orgulho com que os pilotos transitam pelos aeroportos. Não gosto de como os médicos se portam em hospitais. Há neles uma arrogância que não vejo nos pilotos. Os pilotos são os mágicos da festa. Os médicos são domadores de leão.

Um cara de uns quarenta e cinco anos abre o notebook sobre a mesa de um café. Pensa no trabalho que precisa ser feito. Pensa nos filhos que deixou em casa, dormindo. Pensa numa moça de mansos olhos verdes e revoltos cabelos negros de quem não queria se afastar. Sete meninas altas, de uniforme esportivo, passam à sua frente.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Francisco Leandro Dutra, o Barão, no abrigo do Clube Náutico União Bruno Santos/Folhapress

Abrigos de Porto Alegre (RS) têm exaustão e noites maldormidas

Cidade improvisou locais de acolhimento e lida com desafios como falta de água quente e medo de furto

Paula Soprana e Bruno Santos

PORTO ALEGRE Na grande cheia de 1941 no Rio Grande do Sul, superada pela atual, Francisco Dutra tinha sete anos. Morava em Jaguarão, na divisa com o Uruguai. "Choveu mais de 20 dias sem parar, transbordou tudo, mas, como a gente morava alto no campo, nada aconteceu conosco", relata o senhor de 90 anos.

Oito décadas depois, a cheia de 2024 inundou o térreo de seu apartamento em Porto Alegre e Dutra precisou ser carregado pelos bombeiros. Há mais de 20 dias, ele divide o teto com mais de 250 pessoas em um abrigo improvisado no Grêmio Náutico União.

Bem-humorado e conhecido por outros desalojados como "barão", apelido que diz ter devido a uma fama pregressa de galã, não reclama. Pelo contrário, gosta de manter o espírito jovem e resume a convivência no abrigo como uma experiência nova. "A gente conversa com muita gente diferente aqui, e a turma do clube não deixa faltar nada."

Dutra e todos os outros fazem três refeições diárias e precisam se forçar a dormir às 22h, quando a coordenação apaga a luz da quadra. Quase todas as roupas, colchões, carrinhos de bebê, remédios e cobertores do local provêm de doação.

Há atendimento médico, água, frutas, e as crianças têm um espaço para atividades recreativas. Voluntários recolhem o lixo, e os moradores provisórios cuidam da limpeza.

É um abrigo funcional e cumpre seu papel, segundo as vítimas da enchente. "Não tenho do que me queixar de médicos, psicólogos, assistentes sociais, dentistas, nutricionistas", diz Fernanda Souza, 35, que está ali com o marido e os três filhos.

Tirando a impossibilidade de dormir mais de três ou quatro horas —as pessoas roncam, as crianças choram e às vezes faz muito frio—, Fernanda relata um episódio que se repetiu em outros abrigos. "Teve um homem que tentou colocar a mão debaixo da coberta de uma menina", diz. A criança o denunciou à polícia e ele deixou o local.

Não foi um caso recorrente no abrigo do Grêmio Náutico, mas, sim, em outros locais, o que levou a prefeitura a criar espaços só para as mulheres.

Além disso, ela diz que a comida, às vezes, chega fria e cita uma vez que estava estragada.

A gerência do clube afirma que a única reclamação que recebeu foi a de que as pessoas preferiam macarrão com linguiça em vez de arroz com carne moída.

Joel Prates, um dos coordenadores, afirma que o abrigo dispõe de um posto médico com cinco voluntários. As equipes trabalham por turnos.

Atualmente, há mais de 647 mil pessoas vivendo fora de casa no estado, sendo 65.762 desabrigados em 805 locais.

O abrigo no Colégio Júlio de Castilhos chegou a alojar 138 pessoas de diferentes cidades, mas também a população em situação de rua.

A bióloga Rafaela Delacroix virou voluntária por acaso. Levou um cachorro ao colégio e, ao chegar, não encontrou ninguém para receber os animais. Virou a responsável pelo setor.

Criaram grupos de trabalho, escalas para os voluntários e reuniões para alinhar as estratégias e deliberar sobre decisões.

"Nos últimos dias enfrentamos o desafio da exaustão dos coordenadores que estão há três semanas sem parar, alguns trabalhando voluntariamente 15 horas por dia. Há uma diminuição drástica de voluntários e a prefeitura começou a chegar só na segunda semana", afirma. Hoje, segundo ela, contam com profissionais municipais de assistência social, de saúde mental e de atenção primária de saúde.

"O grande problema é que, a partir de agora, não só o Rio Grande do Sul mas o Brasil terá que lidar com uma outra situação, que é a de fazer um acolhimento permanente de pessoas deslocadas. Isso já é uma realidade", diz João de Freitas Castro Chaves, defensor público federal.

Segundo ele, por tratar-se de uma situação de deslocados internos por mudanças climáticas, o trabalho do Acnur pode servir como parâmetro.

Também não é difícil encontrar refugiados nos abrigos da capital gaúcha. A venezuelana Alejandra Ferman, 34, foi salva de jet ski e não conseguirá voltar para o apartamento onde morava. A engenheira de gás deixou o país de origem em 2020 porque estava sem emprego. Foi refugiada em Roraima por três meses antes de se mudar para Porto Alegre. "Perdemos tudo na Venezuela e agora perdemos tudo aqui de novo. Mas imigrante só se apega à vida, não a coisas materiais."

No Centro Vida, que abriga mais de 600 pessoas na zona norte de Porto Alegre, uma equipe da ONU passava entrevistando os imigrantes.

Jesus Daniel, outro venezuelano que morava no bairro Sarandi, diz que o abrigo lhe proporciona condições adequadas. "Ah, tem água, comida, não vou reclamar."

Outras pessoas reclamam da falta de água quente, da comida e do clima de insegurança à noite.

Os moradores temem que outros roubem suas doações. Por isso, as famílias criam espécies de barricadas em volta de seus colchões.

O ambiente tem um odor forte e muitos o atribuem à dificuldade de tomar banho com calma. Também há cachorros no espaço ao lado.

Daniel Frittoli, diretor da Agência Humanitária da Igreja Adventista do Sétimo Dia no RS, que administra o abrigo, afirma que é responsável pelo cuidado social dos assistidos, mas que a infraestrutura cabe ao governo estadual. "Oferecer quantidade de chuveiros suficiente em uma estrutura provisória não desenhada para isso é um desafio. A grande demanda exige bastante dos equipamentos, que às vezes queimam."

Luiz Carlos Pinto, secretário de Inovação de Porto Alegre e coordenador da central de abrigos, afirma que a prefeitura trabalha para colocar geradores em locais com energia insuficiente.

Capital gaúcha soma maior volume de chuva para um mês desde 1916

SÃO PAULO Ainda falta quase uma semana para maio terminar, mas a cidade de Porto Alegre já registra o maior volume de chuva para um mês, ao menos desde 1916, quando começaram as medições.

A informação é da Defesa Civil gaúcha a partir de dados do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia).

De acordo com o órgão municipal, até sexta-feira (24), a cidade acumulava o volume de 486,7 mm de chuva no mês. A marca supera os 447,3 mm de setembro do ano passado, quando o Rio Grande do Sul também foi atingido por temporais.

Na comparação entre meses de maio, a atual marca supera os 405,5 mm de todo o mês da histórica cheia de 1941, até então apontada como a maior tragédia provocada pela chuva no estado, mas que foi superada agora.

Na manhã deste sábado (24), a Defesa Civil atendeu 33 ocorrências com pedidos de vistoria e verificação de perigo de deslizamentos. Não houve registro de nenhuma remoção.

Na véspera, foram 268 ocorrências por causa da chuva, que havia voltado a cair com força na Região Metropolitana de Porto Alegre.

A maioria dessas ocorrências foi provocada por deslizamentos e desabamentos causados pela chuva em 24 h.

O nível do lago Guaíba continuava acima da faixa dos 4 m. Na manhã de sábado (25), a régua instalada no cais Mauá —onde a cota de inundação é de 3 m— marcava 4,16 m. Na medição feita às 15h15, o nível do Guaíba havia baixado para 4,11 m.

"A intensificação da cheia é resultado das intensas pancadas de chuva registradas no Rio Grande do Sul entre a quinta e a sexta-feira", diz a Prefeitura de Porto Alegre.

A previsão indica cheia duradoura, com manutenção dos níveis elevados nos próximos dias, segundo o IPH (Instituto de Pesquisas Hidráulicas) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

O cenário mostra que os níveis devem oscilar em torno da marca dos 4 m e devem ocorrer elevações em consequência dos ventos e chuvas previstos para a próxima semana.

O lago Guaíba atingiu o nível de 5,33 m no último dia 2, superando o recorde histórico de 4,76 m da enchente de 1941. Desde então, as águas estavam baixando lenta e constantemente, mas nesta sexta-feira houve repique.

Não há previsão de chuva para este fim de semana no Rio Grande do Sul. Entretanto, a Sala de Situação, montada pelo governo estadual em decorrência da tragédia, afirma que deve voltar a chover forte na segunda-feira (27), com possibilidade de rajadas de vento de até 60 km/h.

O boletim informa que os acumulados de chuva devem variar de 40 mm a 60 mm no sul e nordeste do estado, na Costa Doce, região dos Vales, Região Metropolitana de Porto Alegre e litoral.

Na terça-feira (28), chuvas pontualmente fortes devem seguir no litoral gaúcho.

A tendência, afirma a Sala de Situação, é que, na quarta-feira (29), o tempo permaneça instável na faixa leste, com chuva fraca. "Com um ciclone extratropical em alto-mar, o mar fica agitado e há risco de ressaca sobre a costa gaúcha", diz.

Protocolado na Câmara pedido de impeachment contra prefeito

SÃO PAULO Um pedido de impeachment do prefeito Sebastião Melo (MDB) foi protocolado na última quinta (23) na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre por Brunno Mattos da Silva, secretário-geral da União das Associações de Moradores de Porto Alegre e integrante do PT na capital gaúcha.

No texto, Mattos diz que o pedido se justifica por "negligência no cuidado das estações de bombeamento e do sistema de drenagem urbana da cidade".

A Prefeitura de Porto Alegre informou que Melo vai aguardar a deliberação da Câmara. Em entrevista à rádio Guaíba, o prefeito atribuiu o pedido à disputa política. "Não vou entrar nessa narrativa de eleições. Tenho uma boa relação com o ministro Paulo Pimenta, mas o time dele daqui faz o contrário. Não vou entrar neste processo."

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Foi uma avó absolutamente única e múltipla em talentos

MARIA DAS DORES SILVEIRA GNACCARINI (1938 - 2024)

Lorena Gnaccarini Falavigna

SÃO PAULO Minha avó. Que pessoa absolutamente única. Independente e livre como nenhuma outra mulher de seu tempo; carente e suplicante como todas elas. Ao mesmo tempo magnânima e frágil. Nasceu em Capivari, interior de São Paulo, em 1938, mas logo no início da juventude se casou com meu avô, José César Aprilanti Gnaccarini, então professor da UnB (Universidade de Brasília), e foi morar na modernidade de Brasília recém-construída.

No dia de seu aniversário de 24 anos, o cosmonauta soviético Iuri Gagárin desembarcou na capital do país, iniciando sua passagem histórica pelo país, onde encerraria um tour pela América Latina sendo condecorado por Jânio Quadros com a Ordem do Mérito Aeronáutico; minha avó teve a oportunidade de vê-lo e cumprimentá-lo, coisa de que falou por toda a vida.

Sua origem interiorana, em uma cidade muito marcada pelo conservadorismo, misturava-se ao seu espírito livre e aventureiro. Ela era mesmo um emaranhado de contradições, e cultivava cada uma delas: se deixou ser várias até o fim.

Maria das Dores Silveira Gnaccarini. De casada, conservou o nome e o coração —demorei tanto a perceber! A vida toda andou por aí com as iniciais do meu avô penduradas no pescoço, com a foto dele dentro da Bíblia. Falava mal em toda oportunidade.

Dodô. Funcionária pública da qual Machado de Assis teria tirado muito sarro. Não por nada: só que não tinha nascido para isso. A vida toda trabalhou no tribunal federal e esbanjou o senso de justiça de uma Rainha de Copas. Na verdade, assim como Machado, guardava por trás da profissão uma verdadeira artista —demorei tanto a perceber! Desenhista, pintora. Pianista de ouvido. Acima de tudo, atriz: a vida toda foi sempre o centro de toda cena.

Vó Maria, vovó. Tanta alegria me deu na infância. Tanto ressentimento me deu depois. Me disse as piores palavras enquanto deslizava docemente os dedinhos pelos meus cabelos. Me acusou das piores mentiras enquanto dividia comigo uma feijoada gostosa. Fez as piores provocações enquanto me estendia a mão com um presente. E, de repente, sussurrou: você é tão delicada. Foi a última coisa; como que para apagar todo o resto.

A verdade é que, como toda neta, não conheci sua vida toda, apenas a parte que me coube dela. Mas percebi —demorei, mas percebi. O que ela queria era marcar presença na vida de quem cruzasse seu caminho, e marcou. Que avó absolutamente única; absolutamente múltipla. Não há quem possa chamá-la de sem graça ou medíocre. Maria das Dores foi um bicho de sete cabeças, uma hidra que conveceu a si e a todos de que viveria para sempre, e parece mesmo que vai. A morte mais inacreditável é a dela.

Deixou três filhas: Isabel, Suzana e Viviane; três netos: Lorena, Gustavo e Carolina; e muitas amizades, as quais ela criava por onde passava. Foi velada no sobrado histórico do centro de Capivari, que era de sua mãe e que ela felizmente conseguiu reformar como queria.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

saúde

Alunos almoçam arroz, feijão, carne e legumes na Escola Municipal Roberto Burle Marx, no Rio Zô Guimarães/Folhapress

Gastos com obesidade infantojuvenil crescem no SUS

Estudo inédito aponta que na última década os valores totais para a saúde pública passaram de R$ 1,54 bilhão

SAÚDE PÚBLICA

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Em uma década, os custos de internação de crianças e adolescentes com obesidade no SUS aumentaram 20%, passando de R$ 145 milhões, em 2013, para R$ 174 milhões, em 2022.

Se adicionados gastos com atendimentos ambulatoriais e medicamentos, por exemplo, a conta chega a R$ 225,7 milhões. Os custos totais com a doença nesse período passam de R$ 1,54 bilhão.

As famílias também estão sentindo no bolso as consequências da obesidade infantojuvenil. A elas são atribuídos gastos na ordem de R$ 12,1 milhões, com remédios, consultas e tratamentos.

Os dados são de um levantamento inédito feito pelo Instituto Desiderata, pelo Nupens (Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da USP) e pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) sobre o impacto econômico do excesso de peso na saúde pública. O estudo está disponível numa versão preliminar e será publicado na revista acadêmica PLoS One.

O trabalho levantou dados de sistemas públicos de informação em saúde do SUS (Sistema Único de Saúde), como o SIH (Sistema de Informações Hospitalares) e o Sisvan (Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional). A partir deles, foi idealizado um estudo de modelagem econométrica para aplicação no país.

Os dados não levam em conta os custos com os problemas de saúde associados à obesidade infantojuvenil, como diabetes tipo 2, hipertensão, asma, apneia do sono, problemas músculo-esqueléticos, distúrbios metabólicos e questões emocionais.

"É um custo alto, mas não tão alto quanto esperávamos devido à alta prevalência da obesidade infantojuvenil e dos seus efeitos", diz Raphael Barreto, gerente de obesidade do Instituto Desiderata.

Hoje, no Brasil, 1 em cada 3 crianças e adolescentes estão com excesso de peso.

Segundo Barreto, muitos profissionais de saúde não registram essa condição nos prontuários dos pacientes, o que leva a um apagamento do real impacto do excesso de peso na saúde pública.

"A obesidade infantil ainda é entendida pela sociedade como algo positivo. A criança com excesso de peso muitas vezes ainda é vista como saudável. Não se olha para ela da mesma forma como se olha para o adolescente ou para adulto obeso."

No mundo, a obesidade infantil aumentou quatro vezes nas últimas quatro décadas. No Brasil, a prevalência entre crianças de 5 a 9 anos passou de 2,4% em 1974 para quase 14% em 2019, segundo dados do Ministério da Saúde. Nessa faixa-etária, 28% das crianças estão com excesso de peso.

> A obesidade infantil ainda é entendida pela sociedade como algo positivo. A criança com excesso de peso muitas vezes ainda é vista como saudável
>
> **Raphael Barreto**
> gerente de obesidade do Instituto Desiderata

A obesidade na infância é um forte preditor de obesidade adulta e do risco de doenças como diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer. Um estudo apresentado na semana passada no Congresso Europeu de Obesidade mostrou que crianças com obesidade grave aos quatro anos de idade e que não perdem peso ao longo do tempo podem ter uma expectativa de vida de apenas 39 anos.

Os impactos futuros da obesidade infantil incluem consequências socioeconômicas negativas, incluindo a redução da empregabilidade, da produtividade e dos salários, de acordo com o estudo.

As projeções mostram que se as atuais tendências de aumento do sobrepeso e da obesidade no Brasil forem mantidas até 2030, a prevalência entre adultos pode atingir 68,1% e 29,6%, respectivamente.

Para o pesquisador do Nupens Eduardo Nilson, também autor do estudo, os dados reforçam a urgência de políticas para prevenir o excesso de peso e a obesidade desde a infância.

Atualmente, dentro das discussões da reforma tributária no Congresso Nacional, há um movimento de entidades da saúde e da sociedade civil defendendo que os alimentos in natura ou minimamente processados recebam subsídios fiscais para se tornarem mais acessíveis à população.

"Ao mesmo tempo, aumentar os tributos sobre os ultraprocessados é uma forma de desencorajar o consumo e reparar os danos causados à saúde", afirma Barreto.

O excesso de consumo de ultraprocessados e o sedentarismo são algumas das principais causas do aumento do sobrepeso e da obesidade na infância e adolescência. De acordo com o Enani (Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil) de 2019, 80% das crianças menores de dois anos já tinham consumido esses produtos.

A POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), realizada nos anos 2017 e 2018, mostra ainda que a participação dos ultraprocessados no total energético da dieta dos adolescentes (26,7%) é maior que a dos adultos (19,5%).

As políticas públicas de saúde voltadas ao enfrentamento da obesidade ainda são tímidas. Há dois anos, o Ministério da Saúde lançou um programa de prevenção e de cuidado voltado a municípios de até 30 mil habitantes.

"Precisamos avançar muito mais. A obesidade é mais prevalente nos grandes centros, nas grandes capitais, porque está completamente relacionada à alimentação inadequada e, sobretudo, ao consumo de produtos e alimentos ultraprocessados", diz Barreto.

Alguns municípios têm conseguido avançar na oferta de alimentos saudáveis.

No Rio, desde julho do ano passado vigora uma lei que proíbe venda e distribuição de ultraprocessados nas escolas públicas e particulares.

Na sexta (24), por exemplo, na Escola Municipal Roberto Burle Max, em Curicica, na zona oeste, os alunos almoçaram arroz, feijão, carne refogada e abobrinha, com tangerina de sobremesa.

Os cardápios são desenvolvidos pela unidade de nutrição e segurança alimentar vinculada ao Instituto Municipal de Vigilância Sanitária (Ivisa-Rio) e à Secretaria Municipal de Saúde, para a rede municipal de ensino.

Segundo Aline Borges, presidente da unidade de nutrição, o momento ainda é de ajuste. "A alimentação saudável envolve uma mudança de mentalidade, tanto por parte da própria escola quanto dos alunos e responsáveis."

equilíbrio

Apesar de avanços, ainda é difícil achar base de rosto para tons de pele negra

Especialistas afirmam que falta inclusão na cadeia de produção afeta o desenvolvimento de bons produtos; no Brasil existem 38 subtons

Vitória Macedo

SÃO PAULO A base, como o nome já sugere, é um dos produtos essenciais quando falamos de maquiagem, já que ela uniformiza a pele. Mas que atire a primeira pedra a mulher negra que nunca teve dificuldade para encontrar o tom do produto da sua cor, principalmente as que têm peles retintas.

Ainda que o mercado se mobilize aos poucos para melhorar a questão, empresas cometem erros em novos produtos.

Aconteceu recentemente com a marca americana Youthforia, que lançou uma base basicamente preta. Não havia nenhum subtom —como vermelho, azul ou amarelo— e, quando misturada ao branco, ficava cinza. Uma influenciadora fez o teste, colocando de um lado do rosto uma tinta guache preta e no outro a base da Youthoria. Quase não houve diferença entre as duas.

O que seria visto como inclusão, teve outros efeitos.

"Todas as vezes que a gente desenvolve um produto, principalmente quando a gente está falando de tons de pele pretos, você precisa saber quais são as matérias-primas que você vai usar, qual é o plano que você vai abordar", diz Nayara Chalita, especialista em inovação e projetos do mercado cosmético. "Quando a gente fala que é importante ter um grupo diverso dentro da empresa, dentro das áreas técnicas, é por isso também."

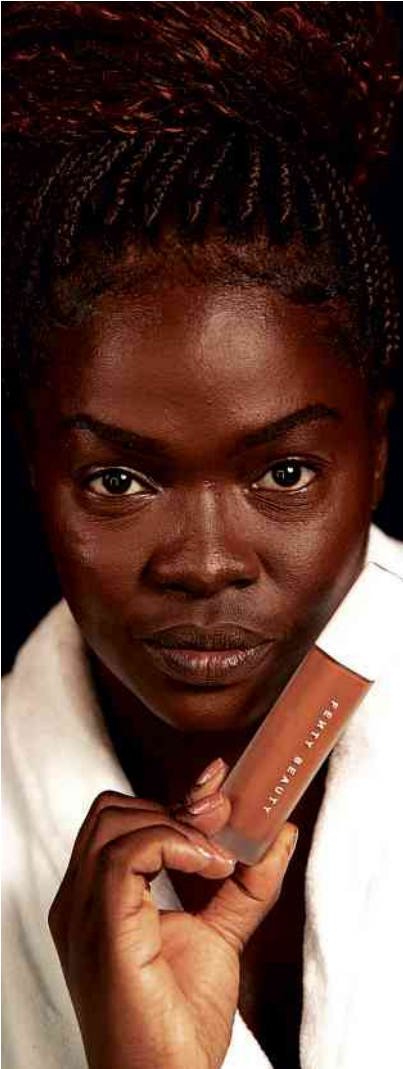
As peles são divididas em tons e subtons. No Brasil, por exemplo, existem 38 subtons de pele. Nessa divisão, existem peles com coloração mais quente, mais neutra e outra mais fria. Vários pigmentos, como preto e marrom, são misturados com cores primárias até chegar na cor da base. Por isso, Chalita reforça a importância de saber para quem o produto está sendo feito e a testagem em pessoas que realmente usariam a base.

Para além da cor do cosmético, a especialista ressalta especificidades da base, como textura e acabamento —se é matte ou luminoso. "Quando a gente também fala de pele preta, mesmo sendo dentro de maquiagem, é importante entender que existe uma diferenciação entre ela e uma fisiologia de pele caucasiana", diz.

Segundo Jaci Santana, dermatologista e membro da Skin of Color Society (SOCS), a pele negra tende a ser entre mista e oleosa no rosto e mais seca no corpo. Além disso, tem maior quantidade de melanina. Ela afirma que estudos de desenvolvimento não contemplam pessoas com fototipo mais alto, ou seja, negros de pele escura.

Chalita, que trabalhou com marcas desenvolvendo cartelas de cores pretas para base, conta que já ouviu muitas dizerem que o produto não vende. "Não vende porque a gente não está fazendo o tom certo", diz.

Não seria por falta de poder de compra. Pesquisa do Preta Hub, Instituto MAS Pesquisa e Oralab aponta que, em 2022, o poder de compra dessas pessoas era de R$ 1,46 trilhão considerando o rendimento bruto do trabalho principal.

Mas a falta de tom da base afasta mulheres negras das prateleiras de maquiagem, que acabam misturando mais de um produto até se aproximar da cor certa ou simplesmente deixando de usar. "Essas consumidoras não estão acostumadas a ter produtos para elas", diz Rosangela Silva, fundadora e curadora da Negra Rosa, marca que foca a beleza negra e surgiu em 2016.

A influenciadora Juliana Luziê segura uma base da marca Fenty Beauty Arquivo pessoal

> Falta a intencionalidade de querer que, na sua cartela de cores, tenha uma diversidade que vai realmente funcionar. E não passar qualquer cor ali, como uma tinta preta achando que aquilo é uma base
>
> **Rosangela Silva**
> fundadora e curadora da Negra Rosa

Em 2017, a Negra Rosa lançou cinco tons de base, começando com os mais escuros. "Eu realmente entendia essa necessidade do mercado e, como uma marca que foca a pele negra, eu não poderia fazer igual às outras", afirma. O que falta hoje, ela diz, é vontade da indústria.

"Falta a intencionalidade de querer que, na sua cartela de cores, tenha uma diversidade real, uma diversidade que vai realmente funcionar. E não passar qualquer cor ali, como uma tinta preta achando que aquilo é uma base."

Para Silva, a sua base surge como uma forma de amenizar traumas causados pela falta de representatividade no mercado da beleza.

"No tempo da minha mãe, das mulheres mais velhas, elas tinham receio de usar base porque ficavam esbranquiçadas. Muitas têm fotos de casamento com a base errada."

O desenvolvimento de produtos voltados às pessoas negras está avançando com marcas como Fenty Beauty e MAC, que apostam em grande variedade de tons —ainda que a passos lentos. Mas, para Silva, "a indústria não mudou porque é boazinha. Mudou porque mulheres negras começaram a ter voz".

Karkow/PIK/Divulgação

Johan Rockström, 58
É diretor do Instituto Potsdam para Pesquisa sobre Impacto Climático e cofundador do Stockholm Resilience Centre. Especialista em recursos hídricos, coordenou, em 2009, uma força-tarefa internacional de pesquisadores que estabeleceu uma lista dos limites planetários da Terra.

Johan Rockström

Estridência de negacionistas climáticos é um sinal de que estamos vencendo

Para cientista sueco que pesquisa limites do planeta Terra, grupos demonstram desespero diante de declínio dos combustíveis fósseis

ENTREVISTA

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Johan Rockström não perde seu tempo passando raiva com a atual onda de negacionismo climático, mesmo considerando as forças políticas que a apoiam, como o trumpismo e o bolsonarismo.

"É claro que é muito preocupante, mas será que é pior do que a negação da mudança climática que havia uns 20 ou 30 anos atrás? Não", sentencia o cientista sueco, que é um dos diretores do Instituto Potsdam para Pesquisa sobre Impacto Climático, na Alemanha.

"Alguns colegas argumentam —e eu tendo a concordar com eles— que a estridência desses movimentos é um sinal de que nós estamos vencendo. Eles são, no fundo, um ato de desespero dos interesses que ainda sustentam a indústria de combustíveis fósseis", diz ele, lembrando que a transição para energias mais limpas mundo afora está acontecendo de forma acelerada em potências como a China.

Rockström, 58, conversou com a **Folha** por telefone na sexta (24). Na data, o climatologista brasileiro Carlos Nobre passou a integrar o grupo de especialistas Planetary Guardians (guardiões planetários), do qual Rockström também faz parte ao lado de outros nomes importantes da ciência e do conservacionismo, como a primatóloga britânica Jane Goodall. O grupo foi fundado pelo empresário Richard Branson, do Grupo Virgin.

O pesquisador sueco tem coordenado os esforços para formular os chamados limites do sistema Terra ou limites planetários —uma lista de indicadores que precisam ficar dentro de níveis aceitáveis para que as sociedades humanas e o resto dos seres vivos possam subsistir com segurança no longo prazo.

Se a má notícia é que já avançamos o sinal amarelo em vários desses limites —a começar pelo clima, pela biodiversidade e pelo ciclo de nutrientes—, os efeitos do cenário estão ficando cada vez mais inegáveis, diz ele.

*

No ano passado, o sr. e seus colegas publicaram uma atualização dos limites do sistema Terra, levando em conta não apenas limites que fossem seguros para a sobrevivência, mas também que fossem justos. O que motivou essa reformulação? Um ponto importante é que esse conceito, conforme foi amadurecendo, exigia uma avaliação integrada que colocasse numa mesma "moeda" quantitativa, por assim dizer, tanto os dados trazidos pela ciência natural quanto pelas ciências sociais. Outro ponto essencial é que nós sempre compreendemos que os limites eram, como o próprio nome diz, um teto.

Mas, se existe um teto, também precisa existir um assoalho. Em vez de pensar apenas no máximo dano possível que podemos causar ao sistema Terra, faz sentido pensar num espaço abaixo disso no qual teríamos uma espécie de orçamento. Um orçamento que poderia ser dividido entre todas as pessoas de forma justa, digamos, para que elas levassem vidas dignas.

A publicação do ano passado foi nossa prova de conceito, e agora estamos trabalhando para ampliá-la e abarcar todos os demais limites planetários, já que não usamos a lista completa inicialmente.

Como o sr. passou da sua formação específica, na área de hidrologia e ciência dos solos, para a grande interdisciplinaridade necessária para pensar na interconexão entre os sistemas naturais da Terra? Foi um processo que começou, de certa maneira, no meu doutorado, quando eu estudei fatores como resiliência ecológica e temas ligados ao clima e à biodiversidade.

Fui forçado a ampliar a gama dos meus interesses para entender como funciona a resiliência de um ambiente, as interações que o perpassam e os sistemas de retroalimentação que podem alterá-lo.

Mas é claro que a segunda parte da minha resposta, e a parte mais honesta, é: claro que é impossível compreender tudo isso com a mesma profundidade ao mesmo tempo. Meu papel é, em grande medida, coordenar a colaboração de uma comunidade internacional de pesquisadores que consiga fazer isso em conjunto. É o que tentamos fazer em Potsdam, por exemplo, com o nosso modelo computacional do funcionamento da vegetação baseado em física, que é o mais avançado do mundo e requer uma infinidade de "inputs" das mais diferentes disciplinas.

Politicamente, seria este o pior momento das últimas décadas para a agenda ambiental? A impressão é que a ascensão global da extrema direita conseguiu transformar o negacionismo climático em algo essencial para a identidade de seus membros, e isso tem se espalhado... Concordo que a situação geopolítica atual é um bocado complexa, com fatores como a Guerra da Ucrânia e o desastre gigantesco em Gaza, que inevitavelmente desviam a atenção da classe política e do público. Trump nos EUA, Bolsonaro no Brasil, o partido [de extrema direita] AfD na Alemanha e movimentos parecidos na Holanda e em outros países são todos preocupantes.

Mas será que a situação é pior do que a negação da mudança climática que havia uns 20 ou 30 anos atrás? Não.

Alguns colegas argumentam —e eu tendo a concordar com eles— que a estridência desses movimentos é um sinal de que nós estamos ganhando a corrida. Eles são, no fundo, um ato de desespero dos interesses que ainda sustentam a indústria de combustíveis fósseis que faz muito barulho num ambiente turbinado pelas redes sociais.

"O crescimento das energias renováveis tem acontecido a taxas impressionantes —basta ver a velocidade com que a China tem eletrificado sua frota de veículos, ou os avanços na produção de hidrogênio, os subsídios na casa das centenas de bilhões de dólares para a transição energética nos EUA

As observações diretas do que está acontecendo com o planeta vão acabar se impondo. Veja o que aconteceu no Rio Grande do Sul: chuvas de 800 milímetros em menos de uma semana estão completamente fora do que se poderia esperar em uma situação normal

O crescimento das energias renováveis tem acontecido a taxas impressionantes —basta ver a velocidade com que a China tem eletrificado sua frota de veículos, ou os avanços na produção de hidrogênio, os subsídios na casa das centenas de bilhões de dólares para a transição energética nos EUA.

Além disso, as observações diretas do que está acontecendo com o planeta vão acabar se impondo. Veja o que aconteceu no Rio Grande do Sul: chuvas de 800 milímetros em menos de uma semana estão completamente fora do que se poderia esperar em uma situação normal.

A derrota da proposta para definir uma nova época geológica, o Antropoceno, marcado pelos impactos da ação humana, deixou o sr. muito desapontado? Fiquei muito desapontado, bastante surpreso e até um pouco chocado. Houve um trabalho sólido ao longo de 15 anos para chegar a essa proposta, e eu tinha ficado muito satisfeito com o estabelecimento do início do Antropoceno nos anos 1950, porque esse é o momento em que o nosso impacto cresce de forma exponencial. Do meu ponto de vista, é uma questão já assentada, está muito bem estabelecida.

Por isso, de um lado, nada muda. Nós vamos continuar a usar o termo, e eu tenho certeza de que em algum momento a ficha vai cair inclusive para os geólogos. Por outro lado, é possível ver um lado positivo nisso, e é algo que vamos defender num estudo que devemos publicar em breve.

O raciocínio que usamos é o seguinte. O Holoceno, que ainda é o nome dado à época geológica em que vivemos, é um estado de equilíbrio, uma fase interglacial [entre eras glaciais] de clima ameno e estável que permitiu o surgimento da civilização que conhecemos. E o que seria o Antropoceno? Até agora, nós não chegamos a um novo estado. Ainda estamos no Holoceno, de certo modo.

O Antropoceno, até agora, seria uma pressão causada pela ação humana que corre o risco de nos empurrar para um outro estado. Ele seria um estado quente autorreforçado do clima global, que existiu pela última vez na Terra há mais de 60 milhões de anos, quando os dinossauros ainda não tinham sido extintos.

Nesse caso, o extremo conservadorismo adotado pelos geólogos acaba sendo um bom sinal — um sinal de que ainda não chegamos a esse abismo.

Mesmo que escapemos da crise climática desenfreada, vai ser possível respeitar os limites planetários sem uma completa redefinição do que significa crescimento econômico? O desenvolvimento econômico é possível num modelo que respeite os limites do sistema Terra, desde que tenhamos em mente que esse "orçamento" representado por eles é finito. Sabemos que o crescimento do PIB [Produto Interno Bruto], por si só, muitas vezes não é uma medida adequada da qualidade de vida das pessoas. É isso que precisa ser repensado.

ciência

Einstein no Observatório Nacional no Rio de Janeiro em 9 de maio de 1925 Acervo do Arquivo de História

No país a contragosto, Einstein chamou cientista de 'macaco'

Livro inédito relata viagem do físico alemão à América do Sul em 1925

Diogo Bercito

SÃO PAULO No início de 1925, a América do Sul esperava, ansiosa, a chegada de Albert Einstein. Ele tinha uma viagem marcada para Argentina, Uruguai e Brasil. O alemão, por outro lado, não compartilhava o entusiasmo dos seus anfitriões. A um amigo, reclamou por carta: "Não tenho vontade de encontrar índios semi-aculturados usando smoking".

Mais tarde, já no Rio de Janeiro, Einstein se encontrou com Aloysio de Castro, chefe da Faculdade de Medicina. Podemos imaginar o que significou para o brasileiro conhecer o pai da teoria da relatividade naquele momento. Sobre Castro, porém, o cientista escreveu: "legítimo macaco".

São pouco lisonjeiros os relatos reunidos no livro "Os Diários de Viagem de Albert Einstein: América do Sul". Os textos revelam alguns pensamentos racistas dessa figura tão celebrada. Expõem outra coisa também, diz Ze'ev Rosenkranz, que editou o volume: a sua humanidade.

"Esses escritos apresentam uma imagem mais completa de Einstein, evidenciando seus limites", afirma. O alemão foi capaz de revolucionar a física. Mas ele adotou, também, algumas ideias do racismo científico. "Isso acaba nos incentivando a repensar nossos próprios preconceitos."

Nascido na Austrália, Rosenkranz trabalha com os diários e cartas de Einstein desde 1988. Foi curador desse material na Universidade Hebraica de Jerusalém e é hoje editor sênior no Einstein Papers Project do Instituto de Tecnologia da Califórnia. Casou-se com uma brasileira e acabou de se mudar para São Paulo, onde conversou com a reportagem.

Os diários da viagem de 1925 estão entre os documentos mais "autênticos" de Einstein, afirma. Isso porque tinham um público limitado: o cientista não pensava em publicar os textos. No máximo, compartilharia as suas ideias com alguns amigos e familiares quando voltasse a Berlim.

Uma das coisas que transparecem no relato é que Einstein foi para a América do Sul quase contra a sua vontade. Decidiu ceder após uma longa insistência das comunidades científicas e judaicas da região. Teve também uma motivação pessoal, ao que parece: queria se distanciar da secretária com quem tinha um caso e de quem agora tentava se separar.

De março a maio, Einstein visitou Argentina, Uruguai e Brasil, reunindo-se com outros cientistas, judeus e alemães. Escreveu —de modo sucinto e desconjuntado— 43 páginas de um caderno pautado. O estilo é o provável resultado do pouco tempo que teve entre encontros.

Suas impressões do Rio de Janeiro são complexas. Há, de um lado, o impacto deixado pelo cenário tropical. Uma noite, pelado no quarto do hotel, olhando pela janela, anotou que estava aproveitando "a vista da baía, com incontáveis ilhas rochosas, verdes e parcialmente desnudas".

A natureza o encantava. Já as pessoas, nem tanto.

Ao escrever sobre seus anfitriões, Einstein reciclou algumas ideias racistas do determinismo geográfico e biológico. Isto é, sugeria que o clima tinha afetado de maneira negativa as habilidades cognitivas dos brasileiros. Tinham sido "amolecidos pelos trópicos", nas suas palavras.

"O racismo é parte de sua visão biológica do mundo", diz Rosenkranz, que descreve Einstein como "um homem do século 19". Também em uma viagem ao Sri Lanka, em 1922, o cientista relacionou coisas como calor e umidade à capacidade das pessoas de pensarem claramente.

> "Esses escritos apresentam uma imagem mais completa de Einstein, evidenciando seus limites
>
> **Ze'ev Rosenkranz**
> organizador da obra

É um pouco desconfortável ler os escritos particulares de Einstein, dado que ele não cogitava ter a nós como leitores. Historiadores debatem o valor de expor esse tipo de material. Rosenkranz, porém, diz que do ponto de vista intelectual seria impossível fazer vista grossa aos diários.

Concentrar-se apenas no racismo de Einstein, porém, é uma maneira simplista de tratar sua biografia. Na Alemanha, ele foi também vítima de preconceito por ser judeu, razão pela qual se mudou para os Estados Unidos em 1933. Foi ali que, mais tarde, aderiu ao movimento antirracista.

O cientista participou, por exemplo, de movimentos em prol dos direitos civis nos Estados Unidos, incluindo a NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, na sigla em inglês). Posicionou-se de maneira contundente contra a segregação racial existente no país.

Seu apoio ao sionismo, em um momento anterior à criação do Estado de Israel em 1948, também aparece nos diários. Sua identidade norteou a recepção que teve na América Latina. A comunidade judaica o celebrou —enquanto os alemães, em especial na Argentina, o trataram com frieza.

Já circulava, afinal, o antissemitismo que culminaria no Holocausto de 6 milhões de judeus pela Alemanha nazista. Einstein se via mais como judeu do que como alemão, diz Rosenkranz.

De modo surpreendente, a questão científica está em segundo plano nos diários. Pesquisadores disseram, no passado, que Einstein tinha feito a viagem para divulgar a teoria da relatividade e travar contatos com outros físicos. Seus escritos de 1925, no entanto, quase não tratam disso.

Somente a Argentina tinha naquele momento uma comunidade bem estabelecida de físicos. No Brasil, Einstein sentia que não tinha interlocutores. Havia defensores da relatividade no Brasil, diz Rosenkranz, como o matemático Manuel Amoroso Costa. No entanto, muitos se opunham à teoria, em especial os seguidores do positivismo.

O último dia de compromissos no Rio foi 11 de maio de 1925, quando o alemão assistiu a um filme sobre o marechal Cândido Rondon, que mais tarde indicou ao Nobel da Paz. Jantou com o embaixador de seu país. Ao final da refeição, escreveu o que serve talvez de resumo da sua viagem: "finalmente livre".

Os Diários de Viagem de Albert Einstein: América do Sul, 1925
Preço: R$ 79,90 (288 págs.)
Autor: Albert Einstein
(org. Ze'ev Rosenkranz)
Editora: Record

Corvos conseguem 'contar em voz alta' de 1 a 4, mostra estudo

SÃO CARLOS (SP) Os corvos, já famosos por suas capacidades cognitivas muito acima da média das aves, conseguem "contar em voz alta" de 1 a 4 de um jeito muito semelhante ao de crianças pequenas, mostra um novo estudo. Segundo os responsáveis pela pesquisa, eles exibiriam uma combinação de habilidades numéricas e controle vocal que é muito rara entre animais não humanos.

A façanha dos bichos, membros da espécie *Corvus corone*, está descrita em artigo publicado na última quinta (23) no periódico Science. A equipe liderada por Diana Liao e Andreas Nieder, do Instituto de Neurobiologia da Universidade de Tübingen, na Alemanha, ensinou três indivíduos a emitir um número específico de vocalizações de acordo com certos estímulos.

O *C. corone*, também conhecido popularmente como gralha-preta, é uma espécie de ampla distribuição no Velho Mundo, capaz de se adaptar a diversos ambientes e, segundo experimentos realizados anteriormente pelo grupo de Nieder, uma habilidade natural para discriminar diferentes quantidades de objetos.

No novo experimento, os três corvos aprendiam a associar números coloridos numa tela clicável (como a de um tablet), bem como sons que os acompanhavam, à necessidade de emitir o número correto de vocalizações. (Os números eram os mesmos que usamos para 1, 2, 3 e 4). Depois de grasnar um número de vezes correspondente, eles "clicavam" com o bico na tela, indicando que tinham terminado a tarefa.

De modo geral, os três espécimes de gralha-preta aprenderam corretamente a tarefa, apesar de alguns erros. A performance dos bichos, segundo os cientistas, foi típica do que eles chamam de "estimativa numérica não simbólica".

Isso significa que, embora não tivessem aprendido a relação simbólica entre o número 3 ou 4 e as quantidades correspondentes —que equivale mais ou menos à função da linguagem humana—, eles conseguiam usar as próprias vocalizações para chegar a um resultado próximo do correto.

Reinaldo José Lopes

Sonhando acordado

Teste com roedores lança nova luz sobre ação de molécula presente em rapé

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Meu colega e mentor Marcelo Leite, também jornalista de ciência desta **Folha**, *acertou em cheio ao usar o termo "psiconautas" para batizar seu livro sobre pesquisas com drogas psicodélicas. De fato, o estudo dessas substâncias equivale a içar velas no oceano ainda ignoto do funcionamento do cérebro. E a mais nova ilha a ser descoberta nesse pélago profundo é a capacidade de sonhar acordado.*

Em suma, é isso o que descobriu uma equipe de pesquisadores brasileiros, que acaba de publicar os resultados de seu trabalho no periódico especializado Scientific Reports. O estudo tem como primeiros autores uma dupla de irmãos, Annie e Bryan Souza, do Instituto do Cérebro da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). A empreitada psiconáutica dos irmãos e de seus colegas teve como protagonistas um grupo de ratos de laboratório e, como combustível, o composto psicodélico 5-MeO-DMT.

Trata-se de uma molécula já empregada tradicionalmente por etnias como os yanomamis –ela está presente num rapé inalado em cerimônias desse povo, feito a partir de plantas, o angico e a virola. Também é encontrada em secreções de uma espécie de sapo que vive na fronteira entre os EUA e o México. Em contextos rituais tradicionais, a substância funciona como enteógeno, ou seja, um facilitador de experiências espirituais.

Embora já existam vários estudos com o 5-MeO-DMT em animais de laboratório, a maioria deles envolvia cobaias anestesiadas, o que acaba afetando a análise dos efeitos do psicodélico sobre a atividade cerebral. Os irmãos Souza buscaram analisar em tempo real o que acontecia nos cérebros dos roedores despertos, por meio de eletrodos que mediam a atividade elétrica dos neurônios (células nervosas).

Supervisionados por Sidarta Ribeiro (da UFRN e do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz, no Rio) e Vítor Lopes-dos-Santos, eles ministraram o 5-MeO-DMT aos ratos enquanto monitoravam duas regiões-chave do cérebro, o hipocampo e o córtex pré-frontal. (O hipocampo é essencial à memória, enquanto o córtex pré-frontal é uma espécie de gerenciador das atividades conscientes do cérebro, como o planejamento de ações.) Um grupo de 17 ratos adultos do sexo masculino foi usado no experimento.

O resultado? Eis como Ribeiro resumiu o cenário em conversa com este colunista por email.

"O 5-MeO-DMT induz em ratos um estado comportamental de vigília contínua", explicou-me ele. Por outro lado, "as ondas cerebrais obtidas do hipocampo e do córtex pré-frontal mostram a manutenção do ciclo sono-vigília. Ou seja, o corpo está acordado, mas o cérebro alterna entre estar desperto e dormindo".

É possível detectar esse cenário paradoxal porque o monitoramento dos neurônios mostra um revezamento entre os dois estados principais do sono: o de ondas lentas e o sono REM (sigla inglesa de movimento rápido dos olhos, associado aos sonhos). "Esse fenômeno talvez possa explicar por que as pessoas, sob efeito de psicodélicos, alternam momentos de extroversão e introversão", diz Ribeiro.

Vale lembrar que nada disso corresponde a simples curiosidade (embora, é claro, seja extremamente curioso perceber que esses estados podem se misturar dessa maneira num mesmo cérebro). Há um interesse crescente no uso controlado dos psicodélicos para tratar uma série de distúrbios mentais. Saber exatamente como eles operam pode abrir espaço para formas insuspeitas de cura —além, é claro, de mostrar que o funcionamento do cérebro pode ser muito mais contraintuitivo do que sonha a nossa vã filosofia.

INÊS 249

ESPORTE AO VIVO
10h GP de Mônaco F1, BAND
13h30 500 Milhas Indy, CULTURA/ESPN 4/STAR+
16h Jogo solidário Futebol, GLOBO/SPORTV/GLOBOPLAY

Presença em Roland Garros é a maior do Brasil desde 1988

País tem seis atletas nas chaves principais de simples do Aberto da França

Laura Pigossi sobreviveu à disputa classificatória e entrou na chave principal feminina de simples Jorge Villegas - 30.out.23/Xinhua

André Fontenelle

PARIS Quando Laura Pigossi se jogou no saibro da quadra 14, festejando o ponto que valeu sua primeira classificação para a chave principal do Aberto da França —que terá início neste domingo (26)—, o tênis do Brasil também teve motivos para celebrar. Com seis representantes, quatro no masculino e dois no feminino, o país terá sua maior participação em 36 anos no tradicional torneio, realizado no complexo de Roland Garros.

Quatro dos seis sobreviveram ao "qualifying", o difícil torneio classificatório que oferece as últimas vagas nas chaves masculina e feminina: além de Pigossi (119ª do ranking feminino), Thiago Monteiro (84º do ranking masculino), Felipe Meligeni Alves (136º) e Gustavo Heide (174º). Eles se juntam a Bia Haddad (14ª do mundo) e Thiago Wild (58º), que já estavam com lugar garantido pelo ranking.

"A gente vem realmente mudando o nosso tênis", disse Pigossi à **Folha**, minutos após o triunfo. "Está com muito mais visibilidade, depois da medalha olímpica, depois do Slam da Lu e do Rafa, da semifinal da Bia aqui. Um puxa o outro."

Laura se referia à medalha de bronze dela própria e de Luisa Stefani, nas duplas, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021; ao título de Stefani e Rafael Matos em duplas mistas no Aberto da Austrália, em 2023; e à semifinal de Bia Haddad em Roland Garros, no ano passado.

A última vez que o Brasil teve tantos representantes no aberto francês foi em 1988: três no masculino (Cássio Motta, Luiz Mattar e Marcelo Hennemann) e quatro no feminino (Gisele Miró, Luciana Corsato, Niège Dias e Patrícia Medrado). Desde então, apesar de ótimos resultados esporádicos, como os três títulos de Gustavo Kuerten (1997, 2000 e 2001), o Brasil perdeu espaço. No feminino, chegou a ficar mais de 20 anos fora da chave principal, de 1991 a 2013.

O sorteio da primeira rodada, porém, colocou adversários difíceis diante da maioria. Meligeni enfrentará o norueguês Casper Ruud, sétimo do mundo e vice-campeão em Paris no ano passado. Wild terá que lutar contra a torcida local e o veterano francês Gael Monfils (38º do ranking). Heide enfrentará o argentino Sebastián Baez (20º); Pigossi, a ucraniana Marta Kostyuk (20ª); e Monteiro, o sérvio Miomir Kecmanovic (55º).

Apenas Bia Haddad pegará uma adversária de ranking pior, a italiana Elisabetta Cocciaretto (52ª). A brasileira, que completará 28 anos na próxima quinta-feira (30), entra com status de candidata a ir longe, depois da boa campanha de 2023. Neste ano, seu melhor resultado foi chegar às quartas de final do WTA 1.000 de Madri, no início do mês. Perdeu para a mesma algoz da semifinal de Roland Garros no ano passado, a polonesa Iga Swiatek, número um do mundo, em três sets (4/6, 6/0 e 6/2).

Questionada pela reportagem sobre as chances de Bia, Swiatek foi só elogios. "Sempre que jogamos é duro. Em Madri, deu para ver quanto ela gosta de jogar no saibro. A semifinal do ano passado também foi intensa. E, fora da quadra, ela é dessas pessoas que deixam o vestiário mais bacana", afirmou.

O incentivo recíproco, segundo os jogadores brasileiros, é uma fonte extra de energia. Já classificado para seu primeiro Grand Slam, Gustavo Heide foi assistir à partida em que Thiago Monteiro garantiu sua vaga, uma vitória em sets diretos (6/4 e 6/2) sobre o espanhol Daniel Rincón. Monteiro também tinha ido assistir a um dos jogos de Heide.

"Temos o grupo de WhatsApp da Davis [competição entre equipes nacionais]. A gente manda mensagem e se encontra aqui mesmo", contou Felipe Meligeni. "Todo mundo é amigo, muito próximo, querendo o bem um do outro. É assim que a gente vai para a frente."

Para Meligeni, de 26 anos, a primeira classificação para a chave principal de Roland Garros representou uma emoção especial, por um motivo familiar. Seu tio Fernando figurou dez vezes na chave principal parisiense, entre 1993 e 2002, incluindo uma semifinal, em 1999. Ele deve chegar a Paris na quinta-feira e mandou uma mensagem ao sobrinho: "Se vira aí, que eu quero te ver jogar".

O número de brasileiros poderia ter sido até maior se a mais recente revelação do tênis nacional, o carioca João Fonseca, de 17 anos, tivesse conseguido a classificação. Atual 231º do mundo, ele ficou perto do ranking necessário para uma vaga no "qualifying" de Roland Garros —ele deve disputar um lugar na chave principal do próximo Grand Slam, em Wimbledon.

Além dos seis na chave de simples, o Brasil terá outros representantes na chave de duplas, cuja lista completa de inscritos ainda não havia sido anunciada até a noite de sexta-feira (24). Aos 40 anos, Marcelo Melo, ex-número um do mundo, jogará ao lado de Rafael Matos. Outros brasileiros, como Fernando Romboli e Ingrid Martins, devem jogar em parceria com tenistas de outros países.

Caso Paquetá e metástase

O câncer da farra das apostas esportivas faz e certamente ainda fará muitos réus e muitas vítimas

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Não é uma questão de moralismo, porque cada um faz de sua vida e de seu dinheiro o que bem entende desde que não prejudique ninguém com o exercício do livre-arbítrio. Se a rara leitora e o raro leitor gostam de enriquecer as bancas e empobrecer os bolsos, problema de cada um.

Repita-se mais uma vez que a jogatina está aí, e será impossível proibi-la, porque extrapola nossas fronteiras.

Menos mau que o atual governo fez o que o anterior deixou de fazer e regulamentou com rigor o funcionamento das casas de apostas no país, que passarão a pagar impostos e ter a fiscalização possível.

O caso de Lucas Paquetá revela a que ponto a contaminação da jogatina é incontrolável.

O atleta, que ganha R$ 48 milhões por ano no West Ham, patrocinado pela Betway, está sob o risco de ser banido do futebol porque denunciado como alguém que —combinado com outro brasileiro, Luiz Henrique, hoje no Botafogo e então no Real Betis, em La Liga— levou cartão amarelo para beneficiar amigos e parentes em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, em jogo da Premier League.

Duas ironias: os apostadores, cujas altas quantias chamaram a atenção dos órgãos fiscalizadores, fizeram suas fezinhas (fezonas, no caso) via Betway, e Luiz Henrique, inocentado pela Liga espanhola, joga no clube de John Textor, o empresário que acusa manipulação de resultados no futebol brasileiro.

O Real Betis nada tem a ver com as bets, frise-se.

É óbvio que Paquetá não precisa ganhar dinheiro com apostas, e é muito provável que tenha brincado com amigos no Brasil sem medir as consequências, apenas para mostrar poder.

Cartões amarelos, no meio de campo, sem botar em risco o resultado de jogos, que mal há, não é mesmo?

Pois tem, e Paquetá está sentindo na carne, com até o dia 3 de junho para apresentar sua defesa final.

Ele perdeu já muito dinheiro ao ver paralisada a negociação com o Manchester City, que o quer, e acabou desconvocado da seleção brasileira quando a acusação veio a público, embora esteja novamente chamado para a Copa América.

Se profissionais desse nível complicam a carreira com as bets, imagine o cidadão comum e o incomum, aquele chegado aos malfeitos.

O Brasil já viveu de perto situações parecidas quando legalizou, e depois voltou a proibir, os bingos, alvos de duas CPIs em 2004/05. A primeira terminou sob escândalo de deputados envolvidos com a jogatina —e com denúncias de propinas para colegas aliviá-los. A segunda aconteceu no Senado.

Então era possível resolver situações acontecidas no país dentro do Brasil.

Agora não é mais, e estão aí as bets, maiores patrocinadoras da maioria dos clubes e da CBF, com preponderante visibilidade na mídia, prontinhas para produzir enxurradas de crimes que envolverão até inocentes úteis e inúteis.

Mas a força da grana é tal que enfrenta tsunamis, mesmo que acabe derrotada, como vem os negacionistas do aquecimento global diante do derretimento das geleiras e das enchentes no Rio Grande do Sul.

Vale lembrar: dois dos três maiores escândalos no futebol brasileiro aconteceram por causa de apostas; o primeiro, as legais, manipuladas, da Loteria Esportiva, em 1982, e o segundo, fora da lei, as clandestinas, em 2005.

Tomara que Paquetá acabe inocentado na Inglaterra para que possa seguir adiante, embora nada indique que assim será.

A consciência é individual

Meu senso crítico questiona as minhas análises sobre futebol; temos boas discussões, com leveza

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

De vez em quando, a minha consciência, o meu senso crítico e o meu GPS me questionam, influenciados por alguns fatos e outras opiniões, a respeito das minhas análises sobre futebol.

De vez em quando, meu senso crítico pergunta se eu não dou muito valor ao acaso. As condutas dos jogadores em campo e as estratégias utilizadas pelos treinadores são os fatores mais determinantes no futebol, o que não anula a importância do acaso. Confundem acaso com sorte. Acaso são fatos habituais que fazem parte da história de cada jogo, como um erro decisivo do árbitro, um pênalti perdido, uma bola que é desviada e entra no gol, a inconsistência emocional e dezenas de outros acontecimentos frequentes, mas que não sabemos quando e onde vão ocorrer. Acontecem.

De vez em quando, meu senso crítico me avisa que às vezes exagero nos elogios aos times europeus e que critico demais os brasileiros. Meu fascínio é por determinadas equipes, por jogadores, pelos ótimos gramados e pela ausência de tumultos durante as partidas, frequentes no Brasil.

O Manchester City joga o futebol coletivo mais eficiente e mais bonito do mundo, talvez da história, além de ter excepcionais atletas. O Real Madrid encanta pelos craques que tem e pela capacidade de criar variações táticas dentro de um jogo. No Brasil, além de os melhores jogadores irem para a Europa, estamos ainda reféns de algumas práticas ultrapassadas, com zagueiros colados à área e com enormes espaços entre os setores de campo.

Quando vejo o City e o Real Madrid atuarem, lembro-me do Santos de Pelé e do Botafogo de Garrincha dos anos 60. Quem venceria uma partida entre o City e o Santos? Não importa o resultado. Parafraseando o grande poeta Ferreira Gullar ("a arte só existe porque a vida não basta"), a beleza de um jogo é necessária porque o placar não basta.

Os maiores times da história também perdem, às vezes por goleada. Em 1966, o time de garotos do Cruzeiro ganhou do Santos com Pelé e todos os titulares por 6 a 2 no Mineirão e por 3 a 2 no Pacaembu, na decisão da Taça Brasil.

Antes da partida no Mineirão, discutimos sobre como poderíamos parar o Santos. Decidimos fazer uma tremenda correria sem perder a organização e o talento. O Santos não pegou na bola. O primeiro tempo terminou 5 a 0 para o Cruzeiro. O craque Dirceu Lopes foi o Pelé do jogo.

De vez em quando, meu GPS me questiona por valorizar pouco as estatísticas. Elas são fundamentais para a compreensão de um jogo, mas há um tremendo exagero. Fazem estatísticas de tudo, do que não tem nenhuma importância. Há milhares de estatísticas sobre o número de finalizações em uma partida, mas não se fala no número de chances claras de gol. Muitos olham mais para os números do que para o jogo.

De vez em quando, meu senso crítico me avisa que me empolgo demais com os times que valorizam os meios-campistas e que jogam com muita posse de bola e troca de passes. Sei que há várias maneiras de jogar bem e de vencer, mas a do City me arrepia.

De vez em quando, minha consciência me critica por ainda ter esperança de que Neymar volte a brilhar e seja decisivo na próxima Copa do Mundo. A minha esperança é pequena por causa de suas inúmeras contusões, por suas bobices fora de campo e por ter ido jogar na Arábia. Porém ele já foi tão espetacular que não custa nada sonhar.

Eu e meu senso crítico temos boas conversas, discussões, com leveza e sem radicalismo. Um escuta e aprende com o outro.

Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Uma pessoa morreu e 30 ficaram feridas após uma forte turbulência atingir um avião da Singapore Airlines, que ia de Londres para Singapura, nesta terça (21).

O episódio foi causado pelo mau tempo e aconteceu enquanto o avião sobrevoava Mianmar. No trecho seguinte, próximo à Tailândia, a aeronave perdeu altitude.

O voo foi desviado para um pouso de emergência no Aeroporto Internacional de Suvarnabhumi, em Bancoc. Havia 211 passageiros e 18 tripulantes no avião.

COMBO

Tiago Ribas
folha.com/hqdtgz47

Samurai Yasuke, do game 'Assassin's Creed Shadows' Divulgação

Quem foi Yasuke, protagonista do novo 'Assassin's Creed'

SÃO PAULO A Ubisoft revelou na quarta-feira (15) detalhes de "Assassin's Creed Shadows", próximo jogo de sua conhecida série de RPGs de ação em mundo aberto. O esperado capítulo da franquia, que terá como cenário o Japão feudal, contará com dois protagonistas, a ninja Naoe e o lendário samurai negro Yasuke.

A escolha de uma mulher e um homem negro como protagonistas do game foi motivo de crítica por alguns fãs da série, que viram na iniciativa uma tentativa de "lacração" por parte da Ubisoft.

A revolta se concentrou principalmente na escolha de Yasuke como um dos protagonistas, com jogadores acusando a empresa de alterar a história —em um jogo que conta com artefatos mágicos alienígenas e deuses mitológicos, vale lembrar— para atender a agendas progressistas.

A reação, porém, não foi unânime. Muitos elogiaram a inclusão de uma figura única e sub-representada da história do Japão, que será o primeiro personagem real a protagonizar um jogo da série "Assassin's Creed".

Há poucas informações precisas sobre esse personagem, considerado o primeiro africano de que se tem registro a pisar no Japão. Sabe-se que Yasuke chegou ao Japão em 1579, levado pelo padre jesuíta italiano Alessandro Valignano como seu serviçal.

Apesar de haver pouca dúvida de que ele fosse africano, não se sabe ao certo o local de seu nascimento. O mais provável é que ele tenha nascido na região onde hoje fica Moçambique.

O nome "Yasuke" lhe foi dado por Oda Nobunaga, um dos mais poderosos senhores feudais do Japão na época, impressionado com o homem de mais de 1,80 m de altura, negro "como um touro" e mais forte do que "dez homens" que acompanhava Valignano em uma audiência.

Vendo um homem negro pela primeira vez, Nobunaga teria se recusado a acreditar em seus próprios olhos. Imaginando que se tratasse de alguma pintura corporal, pediu para que o homem se despisse e ordenou que ele fosse lavado para provar que aquela era mesmo a cor da sua pele.

Comprovado que não se tratava de um artifício, Nobunaga pediu ao jesuíta que lhe cedesse Yasuke, que acabou se tornando vassalo do senhor feudal e atuando como uma espécie de segurança.

O último registro disponível sobre o primeiro samurai negro é de 1582. Após a morte de Oda Nobunaga, ele teria ido à casa do filho do senhor feudal e lutado contra opositores do clã. Apesar de ser derrotado na batalha, o relato do padre jesuíta português Luís Fróis, que morou na corte de Nobunaga naquele período, dá a entender que Yasuke permaneceu vivo. No entanto, não se sabe qual foi seu destino.

É possível que "Assassin's Creed Shadows" tente solucionar esse mistério a partir de 15 de novembro, quando o título deve ser lançado para PC, PlayStation 5 e Xbox Series X/S.

PLAY
Dica de game, novo ou antigo, para você testar

Manor Lords
(PC, Xbox One/X/S)
Há muito mais na vida de um lorde medieval do que danças, donzelas e banquetes, e "Manor Lords" faz questão de mostrar isso. Esse sofisticado game de estratégia coloca o jogador no papel de um lorde que controla uma pequena vila. Só manter seus súditos alimentados e aquecidos no inverno já é um desafio, que só se intensifica com a chegada de bandidos e lordes rivais. O jogo ainda está em acesso antecipado, portanto é necessário ter paciência com bugs e dar um desconto pela falta de cenários e tutoriais mais completos. Ainda assim, com um sistema econômico complexo, batalhas táticas de grande escala e qualidade gráfica acima da média para o gênero, trata-se de um título muito promissor.

DOWNLOAD
Principais lançamentos dos próximos dias

28.MAI
MultiVersus
grátis (PC, PS 4/5, Xbox One/X/S)

*Expansão
**Disponível no Xbox Game Pass

UPDATE
Novidades, lançamentos, negócios e o que mais importa

A Sony anunciou os substitutos de Jim Ryan, que deixou em março o cargo de CEO da Sony Interactive Entertainment, responsável pela marca PlayStation. Suas funções serão divididas entre dois executivos: Hermen Hulst, chefe da PlayStation Studios, será CEO de estúdios e ficará responsável pelos desenvolvedores "first-party" e uso das propriedades intelectuais da PlayStation em outros meios; e Hideaki Nishino, funcionário da Sony desde 2006 e ex-vice-presidente de experiências em plataformas, será o CEO de plataformas, que inclui hardware, tecnologia, acessórios, PlayStation Network e relações com terceiros.

FRASES DA SEMANA

Você tem esses estudos, eles de alguma forma alertam, mas o governo também vive outras pautas e agendas

Eduardo Leite
governador do RS, em entrevista à Folha, no domingo (19), sobre enchentes no estado

O clima é nosso principal ativo. Não adianta nada termos equipamentos, ciência e sementes de última geração se vivermos em um deserto

Carlos Fávaro
ministro da Agricultura, na terça (21), à Folha, sobre crise do clima

Defendi a vacina o tempo todo [durante a pandemia], a Terra é redonda o tempo todo. Vocês negam que a Terra é redonda, vocês negam que a vacina previne. Negam que deram um calote em precatório, negam que deram calote em governador e eu que sou negacionista?

Fernando Haddad
ministro da Economia, na quarta (22), após ser chamado de negacionista

As mulheres estão sobrerrepresentadas em setores e ocupações de menor remuneração. A nova lei não altera a desigualdade de rendimento entre os gêneros no mercado de trabalho se não alterar a composição ocupacional. É preciso ampliar a participação de mulheres em ocupações de maior remuneração

Diana Gonzaga
professora de economia da UFBA, no domingo (19), sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Chuva de pedra **2.** Aquele que tem gordura supérflua a eliminar / Terra natal **3.** Os órgãos afetados pela nefrite / Cubo de água solidificada para resfriar sucos, refrigerantes e outras bebidas **4.** (Med.) Dor nos ossos **5.** Conselheira sábia e de confiança **6.** As vogais de grego / (Interj.) Queira Deus! **7.** Ter conhecimento direto ou indireto **8.** Cumprimentar / Uma consoante fricativa **9.** Desacerto / Que tem préstimo **10.** Recipiente para embalagem, com capacidade de até 20 litros **11.** A parte que distingue o chapéu da boina / Juntar agasalho com orvalho, ou monte com horizonte **12.** A nota que, nas músicas em clave de sol, é fixada na quarta linha do pentagrama / A pata preensora de caranguejos, siris etc. **13.** Sentir dor física ou moral.

VERTICAIS
1. Solução para hidratação / Engordurar **2.** Grande fenda vertical na terra, muito profunda / Diz-se de países como o Egito, o Catar e a Argélia **3.** Contíguo, próximo / (Pop.) Derrota expressiva aplicada num adversário **4.** Aquele que coloca azulejos e pisos / Procópio Ferreira (1898-1979), ator carioca **5.** Eu, em Nápoles e Turim / Ave marinha, também chamada mergulhão / Enfezar **6.** Uma moléstia renal **7.** Tornar jubiloso, contente / Receio **8.** Estabelecer união ou ligação / Fundamental **9.** Pão arredondado de farinha de milho, centeio, polvilho, trigo etc. / Antecipar.

HORIZONTAIS: 1. Saraiva, **2.** Obeso, Lar, **3.** Rins, Gelo, **4.** Ostealgia, **5.** Mentora, **6.** Eo, Tomara, **7.** Saber, **8.** Saudar, Ve, **9.** Erro, Útil, **10.** Barrilete, **11.** Aba, Rimar, **12.** Ré, Patola, **13.** Sofrer.
VERTICAIS: 1. Soro, Ensebar, **2.** Abismo, Árabes, **3.** Rente, Surra, **4.** Assentador, PF, **5.** Io, Atobá, Irar, **6.** Glomerulite, **7.** Alegrar, Temor, **8.** Aliar, Vital, **9.** Broa, Acelerar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

					1	2		7
			6			8		
5		1		2			9	4
	8				2	5		
4								3
		6	9				7	
3	9			8		1		5
		5			3			
7		8	2					

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

8	6	9	3	4	1	2	5	7
2	7	4	6	5	9	8	3	1
5	3	1	8	2	7	6	9	4
9	8	3	4	7	2	5	1	6
4	2	7	5	1	6	9	8	3
1	5	6	9	3	8	4	7	2
3	9	2	7	8	4	1	6	5
6	4	5	1	9	3	7	2	8
7	1	8	2	6	5	3	4	9

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **26.mai.1924**

Melhora o estado de saúde do pugilista Benedicto dos Santos

O boletim médico sobre o estado do pugilista brasileiro Benedicto dos Santos, divulgado nesta segunda-feira (26), indicou que a sua reabilitação apresentou avanços.

O lutador busca se recuperar depois de ter levado muitos duros golpes na cabeça durante o combate contra o italiano Ermino Spalla, disputado em 11 de maio, em São Paulo.

Segundo o boletim, a memória de Benedicto está quase inteiramente restabelecida e a perna paralisada dá os primeiros sinais funcionais. O estado geral foi apontado como ótimo.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

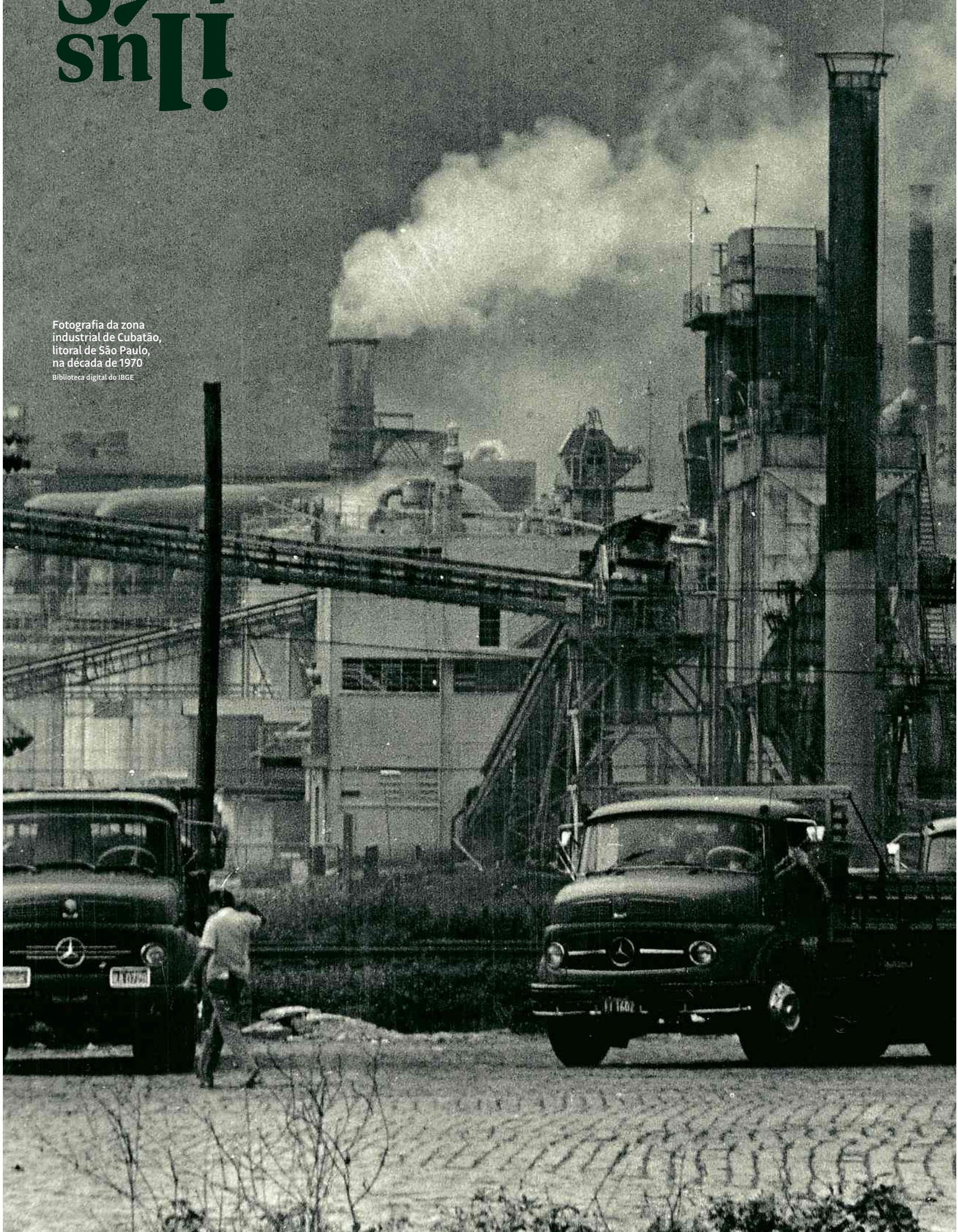
Folha da Noite

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 26 DE MAIO DE 2024 C1

ilustrada / ilustríssima

A era das máquinas

Exposição mostra como a ditadura levou a ferro e fogo o ideal de que a natureza deveria ser domada em nome do progresso e impôs às metrópoles e ao interior do país uma arquitetura hostil, toda construída com muito asfalto e concreto C4 e C5

Fotografia da zona industrial de Cubatão, litoral de São Paulo, na década de 1970
Biblioteca digital do IBGE

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Rosangela Moro
Hoje é o dia em que Sergio Moro respira

[RESUMO] Deputada federal afirma ter acompanhado julgamento ocorrido no TSE nesta semana com serenidade, defende que o marido era apenas um juiz de primeira instância na época da Lava Jato e diz esperar que ele siga como senador em 2026

Por ***Bianka Vieira***

Rosangela Moro (União-SP) diz que agora seu marido pode respirar. Na noite de terça-feira (21), o senador Sergio Moro (União-PR) viu um pedido de cassação contra o seu mandato ser rejeitado por unanimidade pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), uma rara vitória em meio à maré de reveses sofridos pelo ex-juiz da Operação Lava Jato.

O casal de parlamentares acompanhou o julgamento a partir de uma TV instalada no gabinete de Moro no Senado Federal, em Brasília. Quando o voto do ministro Kassio Nunes Marques foi proferido, formando maioria favorável ao parlamentar, a apreensão deu lugar à comemoração.

"Seguimos ali, atenciosos, no restante do julgamento. Fechou com o voto do ministro Alexandre [de Moraes], que foi muito feliz", afirma a deputada federal, que recebeu a coluna em seu gabinete na Câmara, na quarta-feira (22).

Rosangela contemporiza ao falar sobre as derrotas impostas ao ex-titular da 13ª Vara Federal de Curitiba pelo mesmo sistema de Justiça que acaba de absolvê-lo. "A gente precisa confiar nas instituições", diz.

"Se houve esses reveses e mudou o entendimento, é o que o Supremo decidiu. E [se] o Supremo decidiu, cabe à gente cumprir", diz, em referência a decisões recentes do STF (Supremo Tribunal Federal), como a que extinguiu um processo contra José Dirceu (PT) por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Ao rememorar a Lava Jato dez anos depois da deflagração de sua primeira fase, a deputada afirma que o marido foi apenas uma peça de uma engrenagem maior, diz que nunca o viu como um herói e nega que ele tenha buscado holofotes junto à opinião pública quando juiz. "Sergio Moro falava nos autos", defende.

Prestes a completar 50 anos de idade, a advogada de formação e carreira afirma ter se interessado pela política depois dos 30 e diz que a atividade é necessária para que melhorias ocorram na sociedade — embora não negue o legado antipolítica alimentado pelos desdobramentos da força-tarefa.

"A gente tem que desmistificar que a política é ruim. Tudo é política. A gente precisa da política para tomar as melhores decisões", diz Rosangela.

*

Após a decisão do TSE, o senador Moro falou que havia muitos boatos sobre a cassação e que eles eram um exagero. Mas, até terça (21), aliados dos senhores tinham dúvidas se, de fato, ele poderia sair livre desse julgamento. Foi mesmo um exagero? O exagero que o senador quis dizer é [no sentido de] que já estava aparecendo uma nova eleição suplementar, já estavam dando a cassação como certa.

A gente aguardou esse julgamento com muita serenidade. O voto [favorável] do relator no [Tribunal Regional Eleitoral do] estado do Paraná, ter ganho na primeira instância... Isso foi mostrando o que a gente já sabia: os fatos e a lei estavam do nosso lado.

Esse julgamento foi um ponto fora da curva, se a gente considerar os reveses para a Lava Jato nos últimos meses. Como tem sido esse período para a senhora e para o senador? Com relação ao processo eleitoral, a gente, claro, preferia que não tivesse tido essas impugnações e pudesse, desde o início, ter a tranquilidade de não ter que responder ao processo.

Com relação aos reveses da Lava Jato, aí a gente não está mais falando do Sergio Moro senador, a gente está falando do Sergio Moro ex-juiz da Lava Jato, ex-ministro da Justiça. Hoje ele não é mais magistrado.

O Supremo está fazendo o seu papel de julgar, conforme as demandas que aparecem lá, e o Sergio Moro não participa porque não é mais membro do Judiciário. A Lava Jato está unicamente correndo pelo Judiciário.

Todas essas questões nunca te tiraram o sono? Eu perdi o meu sono quando vi a reportagem do Fantástico [da TV Globo] que mostrou o plano do PCC [o Primeiro Comando da Capital, que planejou um ataque contra Moro, revelado no ano passado].

A gente tem que tratar sempre tudo com serenidade. Eu sou uma pessoa de muita fé.

Ele era um juiz de primeira instância, aí tinham três no Tribunal [Regional Federal da 4ª Região], tinham mais não sei quantos no STJ [Superior Tribunal de Justiça], no STF [Supremo Tribunal Federal, referendando decisões]. Depois, mudou o entendimento.

Como que um juiz de primeira instância vai fazer um conluio com o universo inteiro? Não cabe essa afirmativa.

Infelizmente, há uma cultura assim: "Não gosto da sua decisão, então eu vou achar alguma coisa que desagrade coletivamente a tua imagem e vou partir para cima de você".

Visitaram toda a nossa vida. A que processo a gente responde, o que roubou? Nada, não tem. Então, a gente tinha essa serenidade, somada à fé e tudo. Um dia de cada vez.

A senhora afirmou que o senador Moro era só um juiz de primeira instância, mas em manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff havia bonecos e cartazes dele. Como é mudar de posição e passar de um herói nacional, como ele era visto, e a senhora estava ao lado dele, para um momento como esse? Eu não o via naquela época como um herói nacional. Eu o via como um juiz que estava fazendo o seu trabalho e que, por estar atingindo pessoas economica e politicamente poderosas, ganhou ali um destaque.

Ele é apenas uma peça de toda essa engrenagem, o juiz não trabalha sozinho. Tem o Ministério Público, tem a Polícia Federal que investiga, tem as cortes superiores que referendam as decisões.

Sempre me fiz a seguinte pergunta: por que só no juiz da primeira instância? Sempre vi isso com dificuldade. Não tenho essa resposta até hoje.

Talvez porque, sendo de primeira instância, estivesse mais perto da população.

Mas ele não atraiu isso para ele? O então juiz dava entrevistas, aparecia muito na mídia, ia a eventos. Veja bem: ele teve muita resistência para dar entrevista. Muita resistência. A Operação Lava Jato é de 2014, a primeira entrevista que ele deu foi uns dois anos depois.

A liturgia da magistratura requer uma introspecção. Sergio Moro falava nos autos.

Parte dos magistrados que deram a decisão do TSE já estiveram em julgamentos do STF que anularam decisões da Lava Jato e que, inclusive, beneficiaram o hoje presidente Lula (PT). Como a senhora vê a Justiça nesse momento? A senhora acha que, quando ela nos beneficia, parece ser um pouco mais justa? Absolutamente, não. Eu, até pela minha formação jurídica, sou defensora do "rule of law", o Estado democrático de Direito. Se a gente tem as instituições e as instituições estão trabalhando, a gente precisa confiar nelas. E eu espero das instituições, sempre, julgamentos técnicos.

Se houve reveses e mudou o entendimento, é o que o Supremo decidiu. E [se] o Supremo decidiu, cabe à gente cumprir.

Eu sou advogada de formação, já ganhei processo, já perdi processo. Se eu não ganho, tenho as instâncias para recorrer, esse é o caminho certo para fazer. Não vou para a imprensa desmerecer juiz, porque o caminho não é por aí.

A decisão no TSE foi antecedida por conversas do senador Moro com ministros das cortes superiores. Como a senhora vê um julgamento na Justiça passando também por conversas e articulações políticas? Eu vejo um julgamento absolutamente técnico. Todos os votos foram alinhados com as provas ou não provas dos autos. E é natural que haja esses diálogos e que aliados políticos conversem entre si.

Essas coisas que estão falando de acordão, eu não consigo ver dessa maneira.

Muitas pessoas que ainda hoje são partidárias da operação falam que a Lava Jato perdeu uma grande oportunidade de punir a corrupção quando se fixou na ideia de pegar Lula. O que a senhora acha dessas críticas? O governo da época em que descobriu-se os fatos era o governo do PT.

Teve o início da operação, e a cada fio que as investigações iam puxando, envolvia mais gente, e chegou na proporção que chegou. E era o governo do PT. E, salvo equívoco — não, com certeza [se corrige] —, outras pessoas que não eram do governo do PT também sofreram os efeitos da Lava Jato.

Eu não consigo compactuar com essa ideia e essa narrativa de que "a ideia era especificamente com relação a uma pessoa do PT". Foram os crimes, foram os fatos.

É errado dizer que está criminalizando a política; a política que se mostrou criminosa. Ainda que queiram jogar a sujeira por debaixo do tapete, os fatos estão aí. Bilhões foram devolvidos. Delações premiadas [foram feitas] na presença de advogados, na presença do Ministério Público.

Hoje, estando aqui na Câmara, a senhora tem uma outra visão sobre a política? Uma visão antipolítica se avolumou nos últimos anos, e em parte a Lava Jato teria contribuído com isso. Minha visão, estando dentro ou fora, praticamente não muda. Como todas as profissões, tem bom médico, tem péssimo médico. Tem bom jornalista, tem jornalista que não é bom. Tem político bom, tem político ruim.

A gente tem que desmistificar que a política é ruim. Tudo é política. A gente precisa da política para tomar as melhores decisões. Onde vai alocar recurso público? Quais são as prioridades? O que dá para melhorar? O que dá para fazer?

Eu acompanho as redes [e vejo] muita gente nova interessada pela política. Eu, quando tinha a idade dessa garotada que está interessada por política, não me interessava.

A senhora já defendeu uma "terceira via" para a Presidência da República. Na próxima eleição, em 2026, acha possível o nome do senador Moro ser apresentado para esse posto? A gente está no [partido] União Brasil. O nosso partido tem um candidato forte, que é o governador [de Goiás, Ronaldo] Caiado. Há outros nomes fortes. Tarcísio [de Freitas, de SP], há o nome também do [Romeu] Zema [de MG].

O que eu imagino que em 2026 vá acontecer é uma união desses atores para ter um nome forte para concorrer com o governo Lula, ao qual a gente faz uma oposição.

O senador Sergio Moro [suspira]... Hoje é o dia em que ele respira depois desse julgamento. E deve continuar cumprindo o seu papel no Senado, assim espero.

A senhora defenderia a candidatura dele? O senador Sergio e eu, a gente é muito assim: "Vamos focar no que temos agora?".

A gente tem um compromisso assumido agora. A gente tem o compromisso de honrar os nossos mandatos — eu, como deputada federal, e ele, como senador. É esse o plano.

O senador Sergio Moro e a deputada federal Rosangela Moro no Senado Federal, em Brasília Gabriela Biló - 9.abr.2024/Folhapress

INÊS 249

Peço licença ao provável leitor

Puxo, do túnel do tempo, personagens para me ajudar com crônicas

Ailton Krenak
Escritor e líder indígena. Autor de 'Ideias para Adiar o Fim do Mundo' e 'Futuro Ancestral'

Peço licença a um "provável leitor", como poderia ter escrito Machado de Assis em uma crônica. Se alguém da estatura dele, tão genial, imaginava a possibilidade de ninguém querer ler a carta do dia, então peço licença, pois vou visitar esta casa onde escreveram Marcelo Rubens Paiva, a ministra Marina Silva, até mesmo Zé Celso e o escritor Paulo Coelho, meu colega na Academia Brasileira de Letras.

Olhe a galeria de pessoas geniais, como a professora Marilena Chaui —vamos agora abrir a chamada às mulheres. A vocação patriarcalista está presente nos textos das narrativas quando a gente começa uma história dizendo qualquer coisa como "meus colegas", pois estamos generalizando o gênero.

Assim, posso compartilhar com meu provável leitor a ponte que me liga a este território de colunas, crônicas, artigos e reportagens. A ponte que me liga a este lugar é Glauco, o cartunista, a Laerte e o Angeli, que sempre fizeram me interessar por alguma coisa além da página que eu estava vendo no cartum deles, e Marcelo Rubens Paiva —a gente compartilha mundos há pelo menos uns 40 anos.

É este então um riacho de muitas águas, com gente de muitas constelações. Lembro que o empresário Antônio Ermírio de Moraes, durante um bom tempo, abrilhantou o ambiente com as crônicas dele sobre o bandeirantismo paulista, aquele espírito bandeirante. Então, esta coluna converge, diverge e, como diz o Nêgo Bispo, ela conflui para insondáveis cruzamentos de visões, quase convictas de que, se não formos capazes do exercício da democracia, estamos todos ferrados.

Eu me lembro, na minha juventude pelo menos, de grandes escritores e cidadãos, como Betinho, que lançou a campanha contra a miséria e a fome, igual um Dom Quixote se levantando e dizendo: "Bom, agora nós vamos ter que enfrentar os moinhos". Fico pensando na geração que experimentou a liberdade de imprensa com a volta das eleições diretas, que restauraram a democracia; quem tem essa linha do tempo na cabeça é da minha geração.

Somos a geração das pessoas que estão atravessando os 70, com alguns ainda tentando, como Beto Guedes, Lô Borges, o Clube da Esquina, o cinema, as pessoas, a vida, a vida e a roda da vida, que ora pendula para um lado e, da maneira mais voluntária, bandeia para qualquer lado como se fosse uma biruta de aeroporto.

Quando eu era criança, observei que todo brasileiro era católico. Missa, coreto, um sino; todos da minha geração viam isso. Éramos um paizão católico. Nós fomos, em algum momento, chamados até de América Latina católica; quer dizer, não é sobre o Brasil ser um continente católico, exceto que o continente foi perdendo expressão e nós fomos nos tornando bairristas e regionalistas.

Achei tão curioso, quando Itamar Vieira Junior publicou "Torto Arado", o mal-estar e a surpresa ou o desarranjo que afetou algumas pessoas, a ponto de dizerem que ele era um autor regionalista. Aí eu pensei: olha, a primeira mulher que entrou na Academia Brasileira de Letras foi Rachel de Queiroz, a maior escritora brasileira identificada como regionalista, como se a literatura brasileira fosse somente aquela feita no Sudeste. Um claro preconceito contra o Nordeste ou tudo que não é Rio ou São Paulo.

O que dizer, por exemplo, dos escritores amazonenses, como Márcio Souza e Milton Hatoum, e da escritora pernambucana Micheliny Verunschk, que nos legaram o melhor da literatura na passagem do século 20 para o 21? Cito uma crônica muito agradável feita pela Heloísa Teixeira, minha colega na ABL, reportando a entrada da primeira mulher na casa da lusofonia, com o significativo título "A roupa da Rachel", que apresenta a biografia dessa mulher avante no seu tempo e faz referência ao lendário fardão da confraria.

Estou pensando como escriba daqui de cima do pico do Jaraguá, no tekoá guarani, que há mais de 70 anos abriga as famílias indígenas mbya guarani, como um dos mais relevantes suportes na cartografia das movimentações internas dessa etnia, cuja cosmogonia desenha um arco que recobre limites geográficos da Argentina, do Brasil, do Paraguai e da Bolívia.

Observo lá embaixo, daqui de cima do Jaraguá, onde as antenas e as torres cresceram como árvores centenárias, a megacidade de concreto, ferro e vidro. As torres de concreto e vidro são as árvores centenárias dessa pauliceia desvairada.

Prometo que, neste ano, vocês me ouvirão mais de uma vez evocando Mário de Andrade. Muita referência, ao menos, a Macunaíma, esse herói que tinha desaparecido do circuito da literatura e foi convocado a falar de novo nas artes, onde as vozes nativas já se fazem amplamente reconhecidas, inclusive na Bienal de Veneza 2024.

Para quem faz a primeira visita, tinha a intenção de puxar pela memória, daqui do túnel do tempo, alguns personagens ou acontecimentos que possam me ajudar, uma vez por mês, a entregar a crônica para este espaço que já tem Muniz Sodré e Txai Suruí. Estou em boa companhia.

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, **Juliana de Albuquerque**, Glenn Greenwald

Ailton Krenak durante cerimônia de posse na ABL, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli - 5.abr.24/Folhapress

Ailton Krenak, novo colunista

[RESUMO] Autor de obras que criticam os pilares do pensamento ocidental e sua racionalidade predatória e um dos mais importantes personagens da história do movimento indígena do Brasil, Ailton Krenak, recém-empossado na Academia Brasileira de Letras, estreia coluna mensal na Folha

O ativista e escritor Ailton Krenak, primeiro indígena eleito para a ABL (Academia Brasileira de Letras), estreia nesta semana uma coluna na **Folha**. Seus textos serão publicados mensalmente no site do jornal e na edição impressa da Ilustríssima.

Krenak nasceu em 1953 em Itabirinha, em Minas Gerais, e começou a se dedicar à organização política de povos originários e à causa ambiental nos anos 1970.

Na década de 1980, se tornou um dos mais importantes articuladores do movimento indígena brasileiro, percurso marcado por seu discurso emblemático na Assembleia Nacional Constituinte, em 1987, ocasião em que pintou o rosto com tinta preta para defender a inscrição dos direitos indígenas na nova Constituição.

O alcance da sua interpretação das crises do mundo contemporâneo se multiplicou, nos últimos anos, com a publicação do best-seller "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", em 2019, seguida do lançamento de "A Vida Não É Útil" e "Futuro Ancestral".

Nos livros, que reúnem ensaios curtos e transcrições de conferências, Krenak critica o pensamento ocidental que concebe uma humanidade abstrata apartada da natureza e se baseia em uma racionalidade predatória. Para ele, os indígenas são considerados parte de uma subhumanidade que nunca será admitida nesse projeto universalista, o que está na raiz da violência histórica do Estado contra os povos originários.

"Não tem sentido dizer que somos iguais quando príncipes sauditas embarcam carros de luxo em aviões para passear na Europa. Enquanto eles escravizavam povos no mundo inteiro, as declarações de igualdade só cresciam. Todo tipo de segregação e sacanagem acontece sob o manto tacanho da igualdade. Somos radicalmente diferentes. É uma tremenda embromação", disse em entrevista à **Folha** em 2022.

O escritor também defende que o futuro, em um cenário de ameaças crescentes à vida no planeta em razão da emergência climática, depende de uma reconexão com as memórias da Terra e com o legado de antepassados. "A vida transcende as nossas ideias especistas. Se todos nós desaparecermos como espécie humana, a vida continua", afirmou em episódio do podcast Ilustríssima Conversa no início de 2023.

O escritor defende que o futuro, em um cenário de ameaças crescentes à vida no planeta em razão da emergência climática, depende de uma reconexão com as memórias da Terra e com o legado de antepassados

"O Antropoceno deixou escancarada a inviabilidade do projeto Sapiens —essa coisa do Sapiens, que nunca para de progredir, que está sempre se reproduzindo, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista da sua ambição de criar mundos. 'Se a gente comer o planeta Terra, nós vamos colonizar Marte.' Alguns sujeitos andam propondo esse tipo de coisa."

O reconhecimento de sua obra atingiu um novo patamar em 2023, quando Krenak foi eleito para a ABL e se tornou a primeira pessoa indígena a ocupar uma cadeira da instituição centenária.

Em seu discurso de posse, no início de abril, o escritor saudou a diversidade étnico-racial e linguística brasileira e o papel da oralidade na produção literária nacional — oralidade que também molda a sua obra.

"Mário de Andrade disse: 'Eu sou 300'. Olha que pretensão. Não sou mais que um, mas posso invocar os 305 povos indígenas que, nos últimos 30 anos, passaram a ter a disposição de dizer: 'Estou aqui. Sou guarani, sou xavante, sou kayapó, sou yanomami, sou terena'."

A coluna de Krenak na **Folha** substituirá a de Itamar Vieira Junior, que deixou de escrever para o jornal a pedido. ←

A era das máquinas

[RESUMO] Especialistas e mostra debatem como o regime militar aprofundou o ideal tecnocrático do século 20, de que a natureza está na contramão do progresso, tampando rios, construindo avenidas e conjuntos habitacionais padronizados para beneficiar as indústrias da construção civil e automobilística

Por ***Alessandra Monterastelli***
Repórter da Ilustrada

"A Amazônia já era." "A floresta domada." "A grande aventura de desbravamento da selva." Eram esses os títulos das reportagens que anunciavam a construção da rodovia Transamazônica pelo regime militar na década de 1970, projetada para rasgar o Brasil de Cabedelo, na Paraíba, a Lábrea, no Amazonas.

A obra faraônica, como ficariam conhecidas as construções megalomaníacas do período por seus tamanhos e aportes financeiros, nunca foi concluída, mas sinalizou que a natureza estava na contramão do progresso e deveria ser domada. A ideia, mote dos anos de chumbo, se expandiria nos anos seguintes.

Incentivado pelos lucros da construção civil e do setor automobilístico, o concreto armado foi a solução também para as cidades que estavam em expansão. O milagre econômico e a ideia de um Brasil grande impulsionaram a arquitetura de ferro e asfalto que ainda desenha grande parte das paisagens brasileiras.

"Se havia uma afinidade com o concreto desde [os projetos de] Oscar Niemeyer e a construção de Brasília, na década de 1970 esse material é usado para coisas grandiosas. A ponte Rio-Niterói é um exemplo. Dizem que há corpos de desaparecidos políticos em sua estrutura", afirma Guilherme Wisnik, arquiteto e professor da Universidade de São Paulo. "A linguagem da arquitetura brasileira foi tomada por um espírito autoritário, que tornou o que antes tinha um aspecto de graça, autoria e subjetividade em uma massa homogênea, monumental e monótona."

É curioso, portanto, que alguns dos edifícios modernistas mais icônicos tenham sido inaugurados após o golpe de 1964. É o caso do Masp de Lina Bo Bardi, aberto na avenida Paulista em 1968, e da sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, inaugurada um ano depois, obra de Vilanova Artigas. Mas ambos foram projetados no início da década, afirma Wisnik. Outros projetos, como o da Barra da Tijuca, pensado por Lúcio Costa, e a sede da Petrobras, também no Rio de Janeiro, não desviavam do gosto corporativo que era apreciado pelo regime.

A dinastia do concreto prevaleceu também nas periferias, por meio do Banco Nacional de Habitação, o BNH, desenvolvido para financiar habitações a pessoas de baixa renda —ainda que 80% dos empréstimos concedidos pelo banco tenham sido destinados a construções para a classe média, mostra a pesquisa reunida na mostra "Paisagem e Poder: Construções do Brasil na Ditadura", aberta no Centro MariAntonia, da Universidade de São Paulo.

Foi assim que nasceu a Cohab de Itaquera, na zona leste de São Paulo, por exemplo, formado por quatro conjuntos de moradia padronizados ao máximo e pouco eficientes em atender as necessidades das famílias. O objetivo era, afinal, o crescimento econômico por meio da construção em massa.

Tampouco houve investimento em infraestrutura, como tratamento de esgoto, postos de saúde, escolas ou transporte que ligasse o bairro ao centro. O resultado foi a explosão de bairros periféricos isolados e favelas —estas como uma possível resposta das populações marginalizadas às necessidades de moradia.

As classes populares se tornavam mão de obra para a construção de edifícios, ruas e avenidas. "Os prédios ficaram cada vez mais genéricos e, até hoje, um trabalhador da construção civil é fácil de contratar e demitir", diz Victor Próspero, vice-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil em São Paulo, o IAB.

Foi na década de 1980, quando os ventos da liberdade começaram a soprar no horizonte, que projetos desviantes surgiram. É o caso do Sesc Pompeia, de Lina Bo Bardi, e o Centro Cultural São Paulo, de Eurico Prado Lopes e Luiz Benedito Telles, os apartamentos em formato de esfera de Eduardo Longo ou os projetos de Severiano Porto na Amazônia, feitos com palha e madeira para dialogar com a arquitetura indígena. "Eram projetos contemporâneos que anunciavam o espírito da abertura democrática", diz Wisnik.

Outros nomes, como o espanhol Joan Villà, pensavam em possibilidades de moradias populares feitas em alvenaria armada e tijolos, erguidas pelo trabalho cooperativo e longe dos moldes das construtoras e empreiteiras, segundo o arquiteto. "Urbanistas ligados ao PT passaram a defender a urbanização e a manutenção das favelas em vez de sua remoção para a construção de conjuntos habitacionais à la BNH."

Já o que estava fora das cidades deveria ser ocupado. Desbravar um interior supostamente vazio era uma ideia antiga das elites brasileiras no século 19, mas ganhou impulso pelo autoritarismo do regime militar, que criou órgãos federais para agir em diferentes estados e municípios, especialmente onde havia potencial de exploração de minérios, como bauxita, cobre e minério de ferro.

Exemplo disso foi o Programa Grande Carajás, localizado no Pará, quando foram descobertas riquezas minerais na serra dos Carajás. Estradas foram construídas para escoar a produção e a hidroelétrica de Tucuruí foi fundada para gerar energia para o setor minerador.

Na maioria das regiões, já viviam indígenas ou outras comunidades, transferidas arbitrariamente ou empregadas como mão de obra barata nas grandes construções, aonde as leis trabalhistas não chegavam. "Ainda mantemos essa lógica extrativista, de violência no manejo de recursos naturais", diz Paula Dedecca, professora da Escola da Cidade e historiadora da arquitetura.

A expansão para o interior estava ligada ao plano militar de segurança nacional, segundo Próspero. "O vazio demográfico era considerado um território politicamente frágil e suscetível à formação, por exemplo, de focos de guerrilha ou à politização de comunidades que poderiam fazer oposição ao regime", diz.

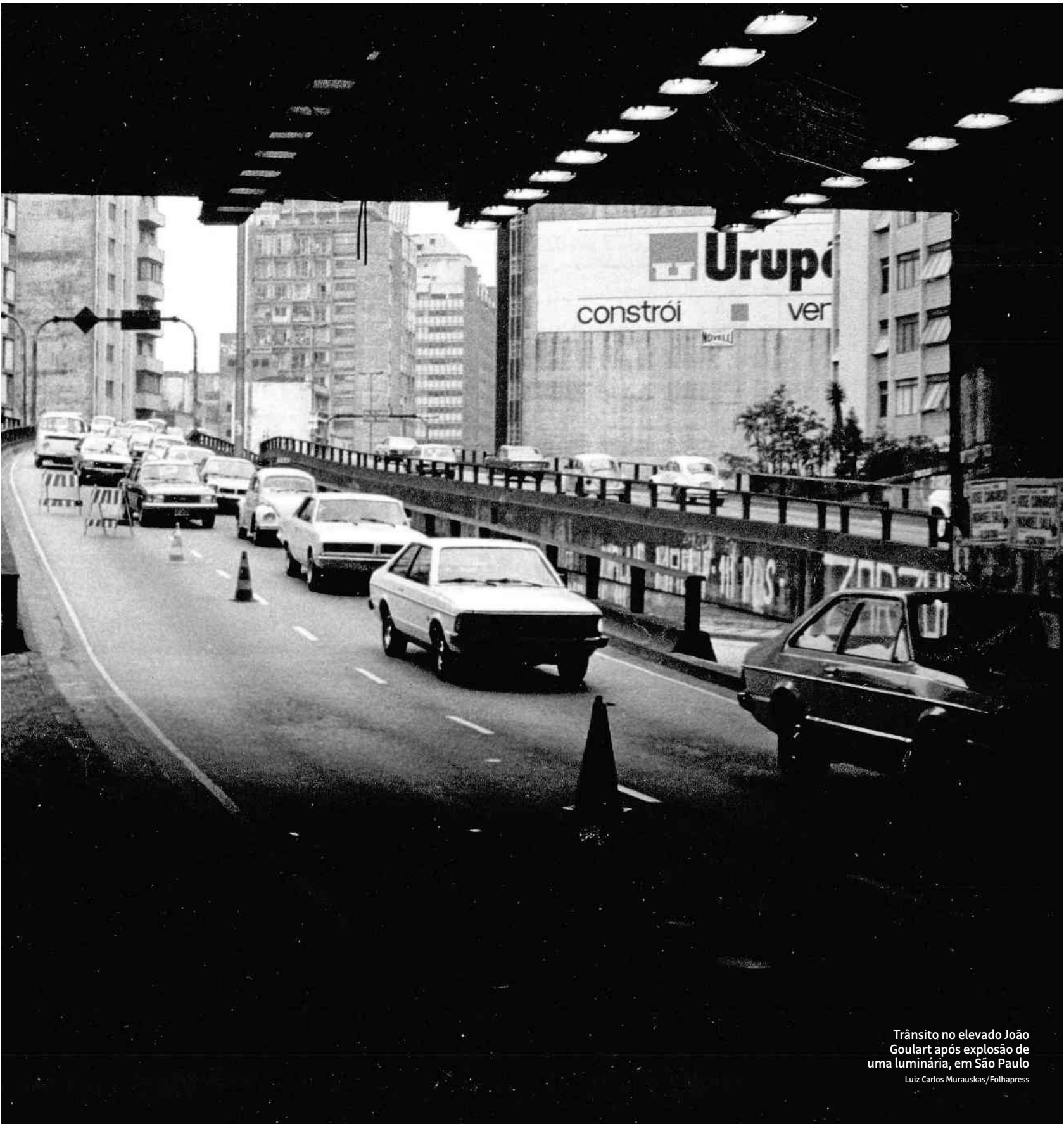
O desenvolvimento defendido pelos militares era excludente, afirma Dedecca. "As construções não emplacaram no desenvolvimento social, na distribuição de renda ou em melhores condições de educação e saúde. Para piorar, não tínhamos imprensa livre ou fiscalização", diz.

A dependência dos empreendimentos freou a diversificação de atividades econômicas nas cidades interioranas. "Uma grande estrutura chegava ao local, com lógica e alojamentos próprios, ignorando o modo de vida e de produção que existiam ali", afirma Próspero. Exemplo disso é a usina hidrelétrica de Itaipu, gênese do Movimento de Atingidos por Barragens após a desterritorialização de mais de 3.000 pessoas

Os ganhos das construções eram drenados para polos econômicos como São Paulo, onde ficava a maior parte das empreiteiras e escritórios de engenharia que abocanhou o filão de mercado relacionado à execução das obras de infraestrutura. Mas não só delas.

Governar é abrir estradas, dizia o presidente Washington Luís em 1920. O lema foi levado a ferro e fogo após 1964, especialmente nas cidades, onde inaugurar avenidas se tornou sinônimo de urbanização.

Exemplos disso são a avenida Paralela, em Salvador, e o elevado Perimetral, no Rio de Janeiro, que passava pela zona portuária e acabou demolido há dez anos por não harmonizar com o resto da região.

Continua na pág. C5

Trânsito no elevado João Goulart após explosão de uma luminária, em São Paulo
Luiz Carlos Murauskas/Folhapress

Continuação da pág. C4

Elevados que cortam cidades pelo alto não são uma criação brasileira, lembra Guilherme Wisnik. Ele cita a Cross Bronx Expressway, que corta a cidade de Nova York. Outras metrópoles americanas, como Los Angeles e Houston, usaram estruturas similares para favorecer o uso de carros.

Em São Paulo, o antigo elevado Costa e Silva, hoje Presidente João Goulart, conhecido como Minhocão, que liga o centro à Barra Funda, ainda é um símbolo polêmico da cidade que sufoca tudo embaixo de si e polui com pó e barulho por onde serpenteia. "Fazer estrada é fácil. Você desmata e asfalta", afirma Victor Próspero. "Era um ganho fácil para as empreiteiras e um pacto com as empresas automobilísticas."

Desde 2013, a Associação Parque Minhocão defende que a via se transforme num espaço de lazer. Seu fechamento total não foi aprovado devido ao risco de piora do trânsito na cidade, mas, aos finais de semana, feriados e a partir das oito da noite de dias úteis, carros não passam mais na via.

Nesses dias, o Minhocão é povoado por pessoas que querem tomar sol e socializar. O chão cinza se transforma em uma espécie de praia urbana.

"É um parque de pessoas. Só quem mora em São Paulo entende por que estendemos uma canga no asfalto. Pode ser que no futuro essa romantização seja um absurdo, mas agora esse espaço foi ressignificado", afirma Felipe Morozini, ativista e morador da região há 25 anos.

Entre as conquistas da associação estão o levantamento das laterais do elevado para aumentar a segurança, a construção de escadas para acesso de pedestres e banheiros. No ano passado, a Secretaria de Turismo paulista assumiu a zeladoria do Minhocão. "Significa que virou um ponto turístico", diz Morozini.

O que mais incomoda quem vive nos arredores da estrutura é a poluição —não só aquela gerada pelos escapamentos, mas também a sonora. "É um caso de saúde pública ali. As pessoas têm problemas respiratórios e de nervos", diz o ativista.

As áreas de lazer em São Paulo não precisavam ser de asfalto e concreto. A topografia da cidade contava originalmente com dezenas de córregos e rios, que poderiam ter sido transformados em parques lineares —áreas verdes nas margens que absorveriam a água em momentos de cheia e aumentariam a umidade do ar, diminuindo o calor e melhorando os índices de precipitação.

Mas debaixo do asfalto paulista ainda há rios e córregos, enterrados vivos desde meados de 1930, quando as propostas de parques e pontes perderam espaço para as canalizações defendidas pelo então prefeito e engenheiro Prestes Maia.

A solução para o relevo acidentado da cidade foi pavimentar rios e construir sobre eles avenidas, como é o caso da Nove de Julho, que cruza a Paulista por baixo. "O olhar hegemônico [da época] era de que a tecnologia faria com que o homem vencesse os limites impostos pela natureza", afirma Luciana Travessos, professora de planejamento territorial da Universidade Federal do ABC.

Incentivado pelos lucros gerados pela construção civil e pelo setor automobilístico, o concreto armado foi a solução para as cidades em expansão, com o interior sendo ocupado

De 1970 a 1980, a maioria dos rios e córregos de São Paulo foram tampados para construir avenidas. O Minhocão ainda é um símbolo polêmico da cidade

Na década de 1980, quando a liberdade começou a voltar, surgiram projetos desviantes, como o Sesc Pompeia, de Lina Bo Bardi

Foi nos anos 1970 e 1980, no entanto, que a maioria dos rios e córregos de São Paulo foram tampados, usando verbas do Plano Nacional de Saneamento Básico e do próprio BNH. "Era um jeito de usar as verbas de drenagem para construir sistema viário. Onde tivesse um córrego, ele seria canalizado e uma avenida seria construída, ainda que ela não tivesse nenhuma função estrutural na cidade", diz Travessos.

A prática continuou como regra urbanística mesmo após a redemocratização. "Quando os recursos aparecem, é isso que a prefeitura e as empresas de construção sabem fazer, é o que as pessoas têm como modelo."

As chuvas intensas devem aumentar com o agravamento das mudanças climáticas, e repensar a relação entre os rios e a cidade é uma urgência, diz Renato Anelli, pesquisador do Cidades, Infraestrutura e Adaptação às Mudanças do Clima, iniciativa do CNPq, da Fapesp e da Mackenzie.

O soterramento de rios e córregos também aconteceu em Porto Alegre, que passa pela crise das enchentes após as chuvas intensas no Rio Grande do Sul. Ainda que os alagamentos sejam causados por uma série de fatores, como o relevo do estado, a alta precipitação decorrente das mudanças climáticas e falhas administrativas do governo estadual, o asfaltamento da natureza também entra na lista de causas do desastre.

"A tragédia é resultado de um sistema que ruiu. Entre os fatores, podemos apontar a destruição de matas ciliares, das nascentes de arroios e aterros, a canalização de córregos e a ocupação de várzeas", diz Inês Martina Lersch, urbanista, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lersch caminhava pelas poucas ruas secas de Porto Alegre quando águas turvas voltaram a inundar a cidade, subindo pelos bueiros. "A água pede reintegração de posse", diz. "Quando as bombas de drenagem pararam de funcionar, qual foi um dos caminhos da água? O leito do antigo riacho, que passa pela rua João Alfredo em direção à Washington Luís."

O sistema de diques da cidade, obra gigantesca que há 50 anos implementou nas margens dos rios Gravataí e Guaíba muros e comportas para evitar que a água entrasse na cidade, não foi suficiente para barrar a corrente encorpada pelas chuvas de intensidade fora do comum.

No caso de São Paulo, mesmo com a popularização das discussões ambientais a partir de 2000, Renato Anelli alerta que o tapeamento de córregos ainda é comum nas periferias. "Tampar o rio é como jogar sujeira debaixo do tapete. Você não sente o cheiro de esgoto, não precisa tratar", afirma.

"A paisagem produzida [durante a ditadura] é, de modo hostil e bruto, o resultado de um sistema econômico pouco humanizado", diz Victor Próspero, do IAB. Se as paisagens são representações espaciais de como nos organizamos socialmente, a crise ambiental pede por uma nova relação com o território. ←

Que fruta é a maçã de Adão?

Comer ameixas não é uma atividade notável e está longe de ser um crime

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Por que será célebre o poema de William Carlos Williams sobre as ameixas? Traduzo, mais ou menos. Título: "É só para dizer".

"Comi/ as ameixas/ que estavam/ na geladeira/ e que/ provavelmente você estava/ guardando/ para o café da manhã/ desculpe/ eram deliciosas/ tão doces/ e tão frescas."

Comer ameixas não é uma atividade notável e, sobretudo, está longe de ser um crime, mesmo sendo as ameixas de outra pessoa.

Mas há qualquer coisa no poema que nos faz sentir que quem comeu as ameixas cometeu uma infracção grave, da qual nem está arrependido (comunicar à dona das ameixas que elas estavam mesmo boas parece uma provocação desnecessária), e que essa transgressão vai indispor a legítima proprietária das ameixas.

Mas, vamos lá, são ameixas. Estas comeram-se, amanhã haverá outras. Sim, a dona das ameixas tinha, ao que parece, planos para elas. Mas não era propriamente um projeto grandioso, cuja não concretização vá produzir um transtorno irreparável.

Quem se preocupa assim tanto com fruta? Bom, a resposta é: Deus. Quando cria o homem e a mulher, Deus faz-lhes uma única advertência. Não há mandamentos (isso virá mais tarde) nem instruções de funcionamento do paraíso, nem cuidados a ter com os seus corpos novinhos em folha, nada.

A única preocupação de Deus é: vocês não podem comer o fruto de determinada árvore. Minto. Quando Deus emite essa lei, a mulher ainda não existe.

Eva só conhece esse ditame por interposta pessoa. Deus nunca lhe disse diretamente. Talvez seja por isso que a manhosa serpente se dirige a ela, e não a Adão.

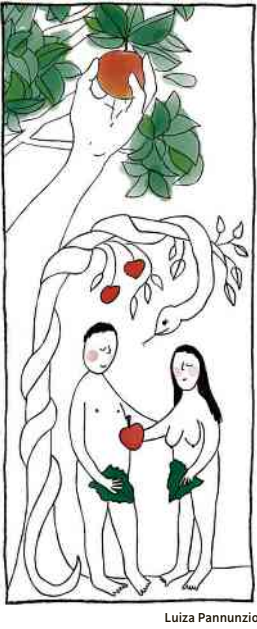
O resto da história é conhecido: a serpente convence Eva, que convence Adão, e eles comem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Depois, Deus aparece, e Adão culpa Eva, que culpa a serpente. E Deus castiga-os todos —mas apenas por terem desobedecido à ordem de não comer aquele fruto.

O delito bem mais feio de se denunciarem mutuamente Deus deixa passar sem fazer uma punição.

Há um pormenor muito curioso nessa história: a Bíblia não especifica qual o fruto que Adão e Eva comeram, mas todo mundo supõe que era uma maçã.

Erradamente, parece-me. Cá para mim, eram ameixas.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Futebol Solidário no Domingão vai reunir doações para os gaúchos

Futebol Solidário no Domingão
TV Globo, SportTV e Globoplay, 14h55, livre

Direto do Maracanã, Luciano Huck recebe atletas e celebridades no tapete vermelho do especial que vai arrecadar doações para os gaúchos. Na sequência, acontece um jogo de futebol entre 50 craques do passado e do presente e artistas. Participações de Ronaldinho Gaúcho, Cafu, Petkovic, Diego Ribas, Ludmilla, Renato Goes e Marcello Melo Júnior.

Torneio de Roland Garros
ESPN 2, 3 e Star+, livre

O Aberto da França é o segundo dos quatro torneios de tênis que integram o Grand Slam. As partidas serão transmitidas direto de Paris até o dia 9 de junho. Será possível ver o sérvio Novak Djokovic, o espanhol Rafael Nadal e a americana Coco Gauff.

Joika: Uma Americana no Bolshoi
Max, 14 anos

A jovem Joy Womack é aceita na rigorosa Academia de Balé Bolshoi, de Moscou, com o sonho de se tornar uma grande bailarina. Ela é recebida pela professora Tatyana Volkova, com quem desenvolve uma relação tensa e imprevisível. Filme estrelado por Diane Kruger e Talia Ryder.

Little Wing
Paramount+,12 anos

Querendo resolver os problemas financeiros da família, uma menina da 13 anos tenta roubar um pombo valioso e acaba criando um vínculo com o proprietário, amante da columbofilia, corridas de pombos-correios. O filme é protagonizado por Brooklyn Prince e Brian Cox.

Persona
TV Cultura, 21h, livre

O muralista Eduardo Kobra conversa sobre sua carreira, seu acervo de 3.000 fotografias e a durabilidade de suas obras. O programa também conta com depoimentos de B-Boy Tripa, Djalma Barbosa, Lina Chamie e Os Gêmeos.

Cazuza: O Tempo Não Para
Canal Brasil, 21h35, 16 anos

A vida intensa e breve de Cazuza, símbolo do rock brasileiro na década de 1980, tem uma cinebiografia protagonizada por Daniel de Oliveira e embalada por canções que marcaram uma geração. O filme mistura cenas produzidas com imagens de arquivo.

QUADRÃO | Ricardo Coimbra

| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, **Angeli**, Laerte

Folha faz pré-estreia do filme 'Toda Noite Estarei Lá' em SP

SÃO PAULO A **Folha** promove, nesta segunda-feira, a pré-estreia do documentário "Toda Noite Estarei Lá", escrito e dirigido por Suellen Vasconcelos e Tati Franklin.

O filme acompanha a transexual Mel Rosário, que foi vítima de transfobia na igreja evangélica que frequentava, além de ser proibida de ir aos cultos do lugar. Ela, então, passa a protestar todas as noites em frente ao templo.

Após a exibição, haverá um debate com Rosário, as duas diretoras e Renan Quinalha, professor de direito da Universidade Federal de São Paulo.

O evento acontece às 21h na sala três do Espaço Augusta de Cinema, em São Paulo. Os ingressos estarão disponíveis na bilheteria uma hora antes.

Ciclo de cinema da Folha vai debater o filme 'Mundo Novo'

SÃO PAULO Em parceria com a SBPSP, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e a Cinemateca Brasileira, a **Folha** promove, nesta quarta-feira, um novo ciclo de cinema com a presença de psicanalistas e especialistas para discutir o racismo. A segunda sessão do ciclo conta com o apoio da distribuidora O2 Play.

O debate é sobre "Mundo Novo", longa de ficção dirigido por Álvaro Campos. Na trama, um casal inter-racial decide morar em um apartamento no Leblon, o bairro mais branco do Rio de Janeiro.

O evento acontecerá às 19h30, na sala Grande Otelo da Cinemateca, na zona sul de São Paulo. A programação é gratuita, e os ingressos são distribuídos uma hora antes.

Galerias e artistas criam leilão para o Rio Grande do Sul

SÃO PAULO Galerias de arte e vários artistas plásticos de São Paulo criaram um leilão beneficente para arrecadar dinheiro para as vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul.

Serão leiloadas mais de 80 obras. O valor das vendas será enviado para instituições que estão prestando suporte aos afetados pela chuva intensa. Estão na iniciativa galerias como Luisa Strina, Mendes Wood e Nara Roesler, com obras de artistas como Vik Muniz, Cildo Meireles, Ernesto Neto e Leda Catunda.

O leilão ocorre nesta segunda-feira, às 20h30. Lances prévios devem ser enviados até meia hora antes pelo site iArremate, a ser acessado no link bit.ly/LeilaoRGS.

Retrato danificado após enchentes que atingiram a Vila Vicentina, que ficou alagada por mais de 15 dias, na região metropolitana de Porto Alegre Pedro Ladeira - 21.mai.24/Folhapress

A vida em meio ao horror

[RESUMO] Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul comenta como é viver em um estado atingido por uma catástrofe climática, quando tudo se torna incerto e urgente, em meio ao descaso de governantes com a questão ecológica e a novas configurações das relações sociais

Por ***Luís Augusto Fischer***

Professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autor de 'A Ideologia Modernista' (Todavia), entre outros livros

Há situações em que a percepção crítica fica embaçada, por ser impossível estabelecer com segurança divisões elementares —antes e depois, causa e consequência, privado e público, passado e futuro, rápido e lento. São momentos em que tudo se comprime e cada aspecto da realidade se impõe como prioritário. Tudo é urgente.

Mal comparando, é como na adolescência em flor. Discernir quem se deseja e quem se odeia para bem desejar e bem odiar, planejar o futuro e viver o presente, esperar e partir para o ataque, encontrar aliados e selecionar culpados.

Mal comparando, é como numa guerra. Comer o último pedaço de pão agora mesmo ou guardar um tanto para o incerto depois? Sair tomando na mão grande o que se precisa ou procurar aliança para atender as necessidades? Cuidar do que está bem próximo, no varejo dos dias, ou atentar para as dimensões estratégicas de fundo?

Mal comparando, é como no começo da pandemia de Covid-19. Ninguém sabia nada com segurança, e o remédio imediato era paralisar tudo, ficar quieto no lugar, e esperar o tempo escoar em sua velocidade mais lenta, em direção ao nada.

A vida nesta enchente no Rio Grande do Sul tem esses aspectos. Os números são acachapantes, segundo qualquer parâmetro que se tome em conta: mortos, desparecidos, desalojados; casas, fábricas, escritórios; ruas, pontes, estradas; doentes sem possibilidade de buscar ou seguir tratamento e animais extraviados.

Quem quiser pensar no assunto, estando perto ou longe do alagamento e da destruição, tem que inventar alguma distância analítica, um posto de observação a salvo —no sentido literal, em que se tenha água, energia, comida, internet e abrigo, e no sentido figurado, em que se consiga divisar marcos seguros na paisagem devastada, em que tudo se igualou pelo nível da água barrenta.

É evidente que ricos e confortáveis lidam muito melhor com a crise, qualquer crise, do que remediados e pobres; mas esta é uma verdade geral que pouco acrescenta. Também é certo que a ultradireita, ajudada pelos malucos de sempre, investe na desinformação e na mentira, porque é disso que ela se alimenta, da falta de clareza, das meias palavras, das insinuações, assim como das mentiras deslavadas, que criam o ambiente adequado para sua pregação anticientífica, autoritária e, bem no fim das contas, supremacista.

As lideranças políticas, especialmente o prefeito da capital, Sebastião Melo (MDB), e o governador do estado, Eduardo Leite (PSDB), ambos apoiadores de Bolsonaro (Melo explicitamente, ao passo que Leite, discretamente), por certo não teriam como amparar a todos os atingidos. Nem eles nem os demais prefeitos, de uma gama de partidos dominantemente do espectro bolsonarista, porque a dimensão da tragédia é inédita. Por esse lado, não se pode condenar qualquer um por não haver preparado o acolhimento justo.

Mas a vida não é só o presente imediato; governar também é planejar, prever, antecipar, calcular. O prefeito de Porto Alegre e o governador do Rio Grande do Sul demonstram, quando não desprezo, menosprezo à dimensão ecológica das ações que lhes cabem. Com alguma variação, os dois são agentes da lógica do estado mínimo, o que se manifesta na adoção, por exemplo, de autolicenciamento ambiental para uma série imensa de atividades que antes eram submetidas a controle por técnicos e agências públicas.

Os dois representam, igualmente, o caminho privatista, que nem sempre envolve ações e valores defensáveis à luz do dia. Na capital, que conta com uma excelente tradição de cuidados com esgoto pluvial e de fornecimento de água potável, fruto de gerações —desde antes da famosa enchente de 1941, cujo limite foi batido pela atual—, ficou demonstrado que ao menos as duas administrações mais recentes (PSDB e MDB) produziram sucateamento dos órgãos desse campo (redução do quadro funcional, negligência deliberada para com reparos e cuidados técnicos, capitalização via depauperação dos serviços, etc.).

No plano estadual, o mesmo governador que agora veste jaleco de salvador foi responsável por um serviço nefasto de cortes no Código de Defesa Ambiental, assim como fez força para ativar uma imensa mina de carvão a céu aberto, a poucos quilômetros do centro metropolitano, e só parou porque a pandemia o atropelou.

Visitando locais de socorro e assistência na capital, pode-se constatar o espetáculo humano em sua variedade. Dedicados voluntários individuais vizinhavam com arrogantes donos de jet skis; ao lado, forças policiais variadas conversavam e davam tranquilidade ao pessoal contra os gatunos oportunistas; logo adiante, um cercado com algumas dezenas de cães latia para amigos anônimos que distribuíam alguma ração trazida por outros anônimos

Quer dizer: em nome de reduzir o aparelho estatal, deixaram de cuidar do futuro, até mesmo em coisas elementares como consertar bombas capazes de tirar a água de dentro do cinturão de diques que envolve a capital quando chove muito. O alagamento de grande parte da cidade, dizem os engenheiros hidráulicos, foi motivado por esse mau funcionamento, não pelo volume das chuvas. Porto Alegre estava preparada para permanecer seca até uma cheia de 6 metros —o máximo que o Guaíba atingiu foi 5,35 m.

O estado (quase 11 milhões de habitantes) e em especial a região metropolitana de Porto Alegre (uns 4 milhões) contam com universidades de grande valor. Uma rede de universidades comunitárias compõe uma louvável tradição local, prestes a ser devorada pela lógica do ensino à distância por corporações sem horizonte algum a não ser o lucro.

Ao lado dela, há universidades privadas que pesquisam sério e algumas federais de porte; a UFRGS está entre as 5 ou 6 mais importantes e produtivas do país, incluindo na conta as imbatíveis estaduais paulistas. Nelas há pesquisas suficientes para entender, projetar e gerir qualquer campo de conhecimento.

No entanto, quase nada desse conhecimento costuma vir à berlinda da imprensa local. Os dois mais importantes jornais do estado orgulhosamente abrigam negacionistas, e raramente dão voz à ciência localmente produzida.

Precisou o editor do Jornal Nacional, da Globo, estar aqui para dar visibilidade a um importantíssimo e nunca antes consultado Instituto de Pesquisas Hidráulicas, da UFRGS, que há mais de meio século produz ciência e tecnologia sobre águas —as mesmas águas que afogaram casas, plantações, fábricas, escritórios.

São dimensões de fundo do horror atual. Mas há muitas outras. Tirando a pandemia, que obrigou ao isolamento, esta enchente é a primeira tragédia social da era dos smartphones, que nos separa fisicamente e nos conecta virtualmente.

No atendimento às atuais vítimas, muita gente se viu ao vivo pela primeira vez em situação de colaboração social ativa. A impressão era que todos estavam cansados de odiar: todos queriam ajudar, levar algum bem para ser usufruído por alguém mais necessitado. De repente, voltamos a ser vizinhos e conterrâneos.

A proporção das necessidades é inédita e permite enxergar outras mudanças. O Rio Grande do Sul tem uma longa e apreciável tradição de cooperativismo e associativismo, em grande parte liderada pelas igrejas tradicionais, católica e luteranas. Mas essas perderam força e abrangência (as antigas paróquias não apareceram como entidades relevantes agora), e o espaço foi ocupado por igrejas cristãs recentes, assim como por clubes sociais e universidades.

Visitando locais de socorro e assistência na capital, pode-se constatar o espetáculo humano em sua variedade. Dedicados voluntários individuais vizinhavam com arrogantes donos de jet skis; ao lado, forças policiais variadas conversavam e davam tranquilidade ao pessoal contra os gatunos oportunistas; logo adiante, um cercado com algumas dezenas de cães latia para amigos anônimos que distribuíam alguma ração trazida por outros anônimos; pessoal de saúde, gente de igrejas, algum funcionário público.

Tudo isso à sombra de vigorosos viadutos e a metros de ruas alagadas, em que boiavam botes e mergulhavam os pés e as pernas outros sem nome.

Alguém ali pensava nas eleições municipais que vêm logo ali? Imaginava o que podem a cidade e o estado fazer nas semanas e nos meses que virão? Algum deles olhava para os militares, de grande valia no contexto, lembrando que poucos meses atrás seus superiores e suas esposas eram presença certa na frente de quartéis, a pedir insanamente por um golpe que quase veio?

Mal comparando, uma situação assim é como a arte, que intensifica a vida, na bela frase de Virginia Woolf. Só que, ao contrário da arte, a experiência na enchente não permite ainda a assimilação lenta e profunda das lições que a vivência direta do horror pode trazer, mas nem sempre traz. ←

INÊS 249

ilustrada

Cannes premia Sean Baker por romance de stripper e magnata

'Anora' levou a Palma de Ouro em ano em que patriarcado foi o vilão da edição

ANÁLISE

Leonardo Sanchez

CANNES (FRANÇA) É irônico que numa seleção com apenas quatro diretoras mulheres, o Festival de Cannes deste ano tenha sido tão feminino. Dos 22 longas em competição, pelo menos metade levou às telas discussões intrinsecamente femininas, passeando por temas como aborto, feminicídio, violência doméstica, maternidade, objetificação do corpo feminino e etarismo.

A sensação é a de expurgo e de mea-culpa. Parece que os homens começaram a assimilar os males do patriarcado, num ataque cultural que uniu gêneros e foi responsável pelos melhores filmes exibidos nesta 77ª edição do evento.

Foi um desses que levou a Palma de Ouro da edição. "Anora", do americano Sean Baker, mostra uma garota de programa vista como um produto e sendo culpabilizada pelos erros de homens—ela é ardilosa e manipuladora, enquanto o rapaz com quem se envolve, coitadinho, seria apenas um menino.

O filme dialoga com "The Substance", da francesa Coralie Fargeat, que traz Demi Moore num papel com muitos tons pessoais, ao acompanhar uma atriz que cai no ostracismo por causa da idade e, por pressão externa, fica obcecada pela própria aparência. Só dão atenção a ela quando a veem como um pedaço de carne, numa crítica à objetificação que se repete em "Wild Diamond", da diretora conterrânea Agathe Riedinger.

Entre os longas com direção feminina, "Bird", da britânica Andrea Arnold, e "All We Imagine as Light", da indiana Payal Kapadia, mostram o amadurecimento de mulheres que não se encaixam nas normas sociais impostas.

"Emilia Pérez", do francês Jacques Audiard, refletiu sobre o feminino como solução para um mundo embrutecido por anos de patriarcado, a partir de uma personagem que passa por uma transição de gênero. O filme faturou um prêmio de atuação dividido pelo elenco feminino de Selena Gomez, Antonia Paz, Zoe Saldaña, Karla Sofía Gascón—essa, primeira mulher trans a triunfar nessa categoria.

A lente também foi ampliada pelo iraniano Mohammad Rasoulof, que pôs a estrutura de poder erguida por homens como responsável por atos cruéis e autoritários de uma sociedade que mina a liberdade das mulheres.

O brasileiro Karim Aïnouz, como já é praxe em seu cinema, deu escuta a elas em "Motel Destino", que toca no tema da violência doméstica, assim como "Beating Hearts", do francês Gilles Lellouche. E muitos outros pincelaram, de forma menos óbvia, seus filmes com tons feministas, seja dentro ou fora da competição de longas metragens.

Esta seleção do Festival de Cannes, quando anunciada, havia sido elogiada por muitos críticos e cinéfilos pela força, com nomes como Francis Ford Coppola e David Cronenberg na dianteira. Chegando à Riviera Francesa, porém, a história foi outra. O evento chega ao fim com a sensação de que grande parte dos títulos foi mediana, incluindo os desses medalhões.

É especialmente digno de nota, portanto, que dois filmes entre a não mais que meia dúzia dos que chamaram a atenção, "Bird" e "The Substance", sejam obras de diretoras mulheres. Sorte de Greta Gerwig, presidente do júri deste ano, que recentemente vestiu a boneca Barbie de feminismo e que pode levar seu discurso de empoderamento à lista de premiados sem forçar muito a barra.

Além de Gerwig, o 77º Festival de Cannes também ampliou as vozes de mulheres ao premiar Meryl Streep com a Palma de Ouro honorária de atuação. Na direção, porém, laureou o americano George Lucas.

Mas a escolha por exibir o curta "Moi Aussi", de Judith Godrèche, que traduz para o francês o movimento MeToo, mostra que o Festival de Cannes tem olhos para os ventos da mudança e está preocupado com a própria imagem. O filme é praticamente um ato político, e abrir a mostra paralela Um Certo Olhar com ele passa uma mensagem forte.

Pode ser reflexo também da presença de Iris Knobloch, que assumiu a presidência do evento há dois anos e que, em entrevista à revista americana Variety, disse neste mês que "estamos vivendo um momento de transformação" e que o MeToo "é importante para que vejamos as mulheres de uma forma diferente".

Um discurso forte, ironicamente um ano depois de o Festival de Cannes ter escolhido, como filme de abertura, o complicado "Jeanne du Barry", um drama de época da diretora Maïwenn e com pretensões feministas, mas estrelado por Johnny Depp, acusado de violência doméstica por sua ex, Amber Heard.

Dessa forma, o Festival de Cannes tenta contornar a ainda baixa presença de mulheres entre seus cineastas, no que seria um mero reflexo da produção cinematográfica contemporânea, como costuma dizer o diretor do evento, Thierry Frèmaux, sempre que é questionado por um aspecto ou outro da seleção de filmes da vez.

VEJA OS VITORIOSOS DE CANNES

Palma de Ouro
'Anora', de Sean Baker

Grande Prêmio
'All We Imagine as Light', de Payal Kapadia

Prêmio do Júri
'Emilia Pérez', de Jacques Audiard

Prêmio Especial
'The Seed of the Sacred Fig', de Mohammad Rasoulof

Prêmio de Roteiro
'The Substance', de Coralie Fargeat

Prêmio de Direção
Miguel Gomes, por 'Grand Tour'

Palma de Ouro Honorária
George Lucas

Cena do filme 'Anora', do diretor americano Sean Baker, vencedor da Palma de Ouro, prêmio máximo do Festival de Cannes, na França, ontem Divulgação

Além de looks caros e de festas glamorosas, festival reserva 'perrengues chiques' até para as celebridades

CANNES (FRANÇA) Quem vê os sorrisos de Cate Blanchett e Emma Stone no tapete vermelho pode até pensar que o Festival de Cannes é puro glamour, uma celebração do cinema feita com looks caríssimos, taças de champanhe e festas na praia.

Ou, ao menos, uma reunião harmoniosa entre artistas e cinéfilos, em que estes passam os dias vendo filmes dos maiores nomes do cinema mundial, meses antes de eles estarem disponíveis para o grande público geral.

Mas não é bem assim. Por trás da mitologia e do marketing que transformaram o evento, que encerrou sua 77ª edição no último sábado, há muito perrengue. Tanto para meros mortais quanto para o alto escalão de Hollywood.

Para ir a Cannes e realmente aproveitar a extensa programação, é preciso estar disposto a abrir mão do sono e das refeições. As primeiras sessões começam às oito e meia da manhã e as últimas podem ir até as duas da manhã. Para entrar, é preciso chegar com antecedência razoável e enfrentar filas, mesmo que o ingresso já tenha sido garantido.

No caso das exibições da sala Debussy, a segunda maior, a fila é feita na rua, o que é um problema quando o sol forte da Riviera Francesa decide aparecer, ou quando o tempo muda bruscamente e faz chover sobre os cinéfilos.

Para as galas no Grande Teatro Lumière, aquelas às quais a equipe do filme comparece, os ingressos são limitados, e é tradição em Cannes que cinéfilos ou moradores da cidade fiquem do lado de fora da sala, por horas, segurando plaquinhas em que pedem entradas.

Isso tudo com a vestimenta exigida para essas sessões—smoking, vestido longo e salto, já que o ingresso costuma se materializar em cima da hora. Ao chegar ao Palácio dos Festivais às oito da manhã, quando ele abre, já é possível ver gente querendo tíquetes para galas que só acontecerão 12 horas mais tarde no dia.

Apresentar um filme no evento também significa se comprometer com uma agenda extensa e apertada, em especial porque estúdios e distribuidores não pagam hospedagem para que as estrelas permaneçam na Riviera Francesa nos 12 dias de programação.

Elas costumam chegar na véspera ou no dia da première e ir embora no dia seguinte, cumprindo uma agenda que inclui horas de preparação do look do tapete vermelho, a sessão de gala, uma festa de estreia, sessões de fotos, coletiva de imprensa e entrevistas individuais com jornalistas.

"Não há lugar como Cannes, mas é muita coisa. É excitante e tenso, incrível e estressante, especial e cansativo", descreveu Jesse Plemons no dia de imprensa de "Tipos de Gentileza", um dos filmes mais esperados desta seleção.

Até mesmo Meryl Streep, que não apresentou filme e foi a Cannes apenas para ter sua carreira celebrada com uma Palma de Ouro honorária, brincou com a rotina. "Fui dormir às três da manhã" e "estou de ressaca", disse ela no painel do qual participou, sem perder a simpatia, mas sugerindo que um levantar da cama mais tarde foi negado a ela.

E, para os membros do júri, como Xavier Dolan, a história não é muito diferente. Ao ser questionado pela revista Les Inrocks sobre o que nunca esquece de trazer a Cannes, respondeu "ansiolíticos".

Quanto às festas, Gary Oldman, em Cannes para apresentar "Parthenope", entregou o jogo quando um jornalista disse ter visto o ator numa delas. "A verdade é que sou obrigado a ir", disse, rindo.

São várias as festas que se espalham pela costa azulada da cidade. Os filmes grandes sempre têm uma própria, que costuma ser mais exclusiva, mas há ainda eventos organizados pelo próprio festival e por suas mostras paralelas, marcas de bebidas alcoólicas, grifes de moda, patrocinadores, distribuidoras, produtoras, órgãos públicos e pelas próprias celebridades.

A qualidade das comemorações varia absurdamente. E há muita gente que pula as festas, simplesmente porque a escolha fica entre farrear ou ter algumas horas a mais de sono. Roncos, aliás, vão se tornando parte da trilha sonora nas sessões conforme o festival francês avança. **LS**

Taste SP traz restaurantes premiados e estrelas da gastronomia

Isabela Bernardes

SÃO PAULO Quem passeou pelo Taste Festival no último sábado foi envolvido pelos diversos aromas que pairavam no ar do parque Villa-Lobos, em São Paulo. Do almoço ao jantar, além de um café da tarde, foi possível encontrar opções para todas as refeições.

Este é o primeiro fim de semana do evento, que acontece até 9 de junho. Chegando à oitava edição no país, 31 casas foram selecionadas para participar da exposição. Entre as presentes, estão locais que, na última semana, foram incluídos pelo Michelin na mais recente edição do guia.

É o caso do Evvai, detentor de duas estrelas e representado por sua Trattoria. Segundo o chef André Miranda, que comanda a casa, apesar de o objetivo dos restaurantes diferir, a base técnica é mesma.

"A Trattoria está em um nível descomplicado, mais descontraído. Já o Evvai oferece uma experiência com menu degustação, cada coisa com um sentido e um momento certo. Porém, a base da cozinha é igual, com técnicas e seleção de ingredientes feita com muito rigor", afirma ele.

Também na lista do Michelin, na categoria Bib Gourmand, que elege estabelecimentos de preço acessível, está o Banzeiro, comandado por Felipe Schaedler. Segundo o chef, levar a comida da Amazônia para um festival tão grande significa que o trabalho está no rumo certo.

"Acho que o Brasil está conhecendo mais o Brasil, descobrindo o quanto é gostoso e saboroso", afirma.

As aulas nos espaços de conhecimento são destaque no Taste. Durante a tarde, a apresentadora Rita Lobo e a chef Janaína torres foram atrações lotadas no Papo de Cozinha e no Pit Fire, respectivamente.

Defensora do que chama de comida de verdade, Rita Lobo falou sobre alimentação saudável e fez receitas na air fryer. Segundo ela, o movimento de valorização de ingredientes nacionais na gastronomia não é uma novidade.

"Isso é uma volta, não uma tendência no sentido de coisa nova. Fomos deixando de usar ingredientes com a globalização. Vieram vários itens novos, que não são nossos, e acabaram substituindo alimentos locais. Mas, agora que a ciência mostra que a comida de verdade é a base da saúde, voltamos a consumir ingredientes abundantes no país", diz a apresentadora.

Além dos espaços do conhecimento, há estandes ofertando aulas práticas e workshops gratuitos. Em cada um, é necessário apenas fazer a inscrição com 30 minutos de antecedência, no próprio local.

Na Nespresso, é possível fazer uma masterclass de drinques com café, ensinados por uma barista. Já na Mitre e na Barilla, chefs ensinam a fazer massa. Enquanto no estande da Vigor, o assunto é receitas doces e salgadas utilizando iogurtes.

Alguns restaurantes participam só no primeiro fim de semana do evento, caso do Abaru, do chef Onildo Rocha, que leva ao Taste quitutes como nhoque de vatapá, por R$ 55, e uma versão de cachorro-quente, o "oxente dog", por R$ 45.

Cooperativas driblam regras e criam mega-áreas de ouro

Empresas obtêm autorizações de espaços superiores às de gigantes da mineração

João Gabriel e Lucas Marchesini

BRASÍLIA Cooperativas e empresários driblam regras do setor de mineração para criar mega-áreas para exploração de ouro de forma ilegal na Amazônia, em regiões maiores que os limites de grandes capitais do Brasil.

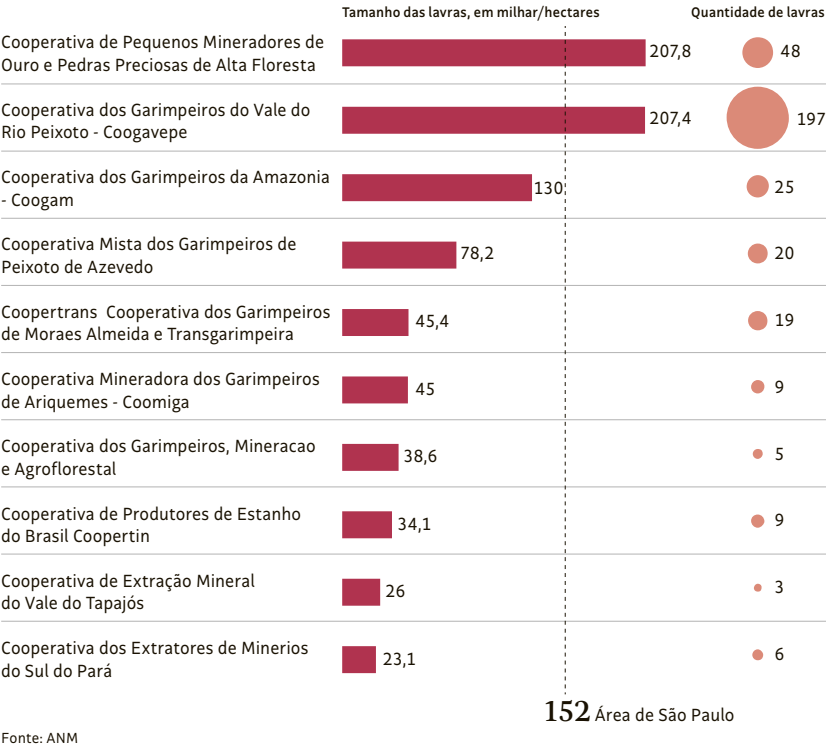
Levantamento feito pela **Folha** em registros ativos na ANM (Agência Nacional de Mineração) revela, por exemplo, que uma única cooperativa acumula mais de 200 mil hectares, tamanho superior ao do município de São Paulo.

Se fosse uma mineradora, essa cooperativa seria a terceira maior do país em área, atrás apenas da Vale e da Companhia Brasileira de Alumínio.

Em outra brecha na lei, uma única pessoa conseguiu autorização para explorar 8.000 hectares, mais que a Serra Pelada, que foi o maior garimpo a céu aberto do mundo.

Atualmente, as regras sobre mineração determinam que um CPF pode ter até cinco garimpos, e que cada um desses deve ter apenas 50 hectares —limite que sobe para 10 mil no caso de pessoas jurídicas, as cooperativas.

Essas restrições foram determinadas por portarias e normativas e, como revelam os dados, são desrespeitadas.

Como mostrou a **Folha**, a ANM foi sucateada nos últimos anos e não é capaz de fiscalizar o setor.

Um dos sintomas disso é uma bilionária evasão fiscal, mas também o surgimento desses megagarimpos.

O levantamento mostra, por exemplo, que José Antunes, conhecido como dr. José Antunes, ligado à Amot (Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós), tem 161 requerimentos ativos de garimpo na ANM, acumulando 8.048 hectares no estado do Pará.

No caso das cooperativas, o cenário é pior. A Cooperalfa (Cooperativa de Pequenos Mineradores de Ouro e Pedras Preciosas de Alta Floresta) tem 48 requerimentos ativos na ANM, que somam 207,8 mil hectares em Mato Grosso.

Para comparar, Ancara, capital e segunda maior cidade da Turquia, tem cerca de 205 mil hectares; o município de São Paulo, 105 mil hectares.

Os requerimentos da Cooperalfa ficam próximos uns dos outros, a maioria colados, o que transforma toda uma região do norte mato-grossense em um enorme garimpo.

Outras duas cooperativas ultrapassam os 100 mil hectares. A Coogavepe (Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto), com 207,4 mil hectares e 197 requerimentos, em Mato Grosso; e a Coogam (Cooperativa dos Garimpeiros da Amazônia), no Amazonas, com 129,9 mil hectares e 25 registros na ANM.

A ANM disse que está revisando a norma. A agência cita que "desde o início de 2023 há um esforço coordenado pelo Ministério da Justiça para rastreio da cadeia do ouro, de modo a coibir evasão de divisas e mineração ilegal".

A Coogam afirmou que "não compactua com nenhum tipo de ilegalidade, muito menos dribla restrições para criar megagarimpos", e que seus requerimentos junto à ANM "são para atender a necessidade de seus cooperados, garantindo que possam lavrar de forma lícita".

A **Folha** não conseguiu contato com José Antunes. A Cooperalfa e a Coogavepe não responderam.

O fato de as restrições serem previstas por normas, não na lei, facilita a atuação às margens da fiscalização.

Atualmente, o registro de extração de ouro é por autodeclaração, ou seja, o próprio garimpeiro diz a quantidade e de onde retirou o minério.

Para driblar a lei, criminosos extraem o material de áreas ilegais —como terras indígenas ou áreas privadas sem autorização da ANM— e o registram como se tivesse origem em área regularizada.

Essa é a prática mais comum para lavagem de ouro ilegal no Brasil e serve também para alimentar a exportação do minério para empresas como a Disney e a Amazon.

As cooperativas viraram um mecanismo importante para vender ouro irregular e se tornaram alvo da Polícia Federal.

Elas podem registrar áreas maiores na ANM e conseguem declarar que exploram mais minério. Portanto, têm capacidade de lavar mais ouro, levantando menos suspeitas.

Outro caso comum é o de pessoas físicas que funcionam como facilitadoras informais do processo burocrático dentro da agência. Elas atuam irregularmente para pequenos garimpos encaminhando o processo burocrático —que inclui a necessidade de estudos geográficos. O registro da lavra fica no nome do atravessador, que lucra com o negócio.

Muitos garimpos são operados por famílias de baixa renda sem condições de viajar para uma cidade maior, protocolar documentos em cartório ou acompanhar a tramitação de suas solicitações.

A atual presidente da Funai (Fundação dos Povos Indígenas do Brasil), Joenia Wapichana, quando deputada, apresentou projeto de lei para criar um sistema de rastreabilidade e acabar com a autodeclaração. Joaquim Passarinho (PL-PA) quer alterar o Código da Mineração, o que pode colocar no texto da lei as restrições das lavras garimpeiras.

Julio Lopes (PP-RJ), por sua vez, protocolou um projeto para criar um órgão de monitoramento da mineração.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

Tatiana Bonatti Peres

País não controla venda indireta de terras para grupos estrangeiros

Estrangeiros possuem terras no Brasil que, somadas, equivalem ao estado de Alagoas. Advogada especializada em direito agrário, Tatiana Bonatti Peres considera que essa participação é muito maior, porque muitas das aquisições ocorrem indiretamente —via empresas nacionais com controle de sócios estrangeiros. Para ela, esses grandes grupos querem se igualar a brasileiros, algo que o STF voltou a discutir neste momento.

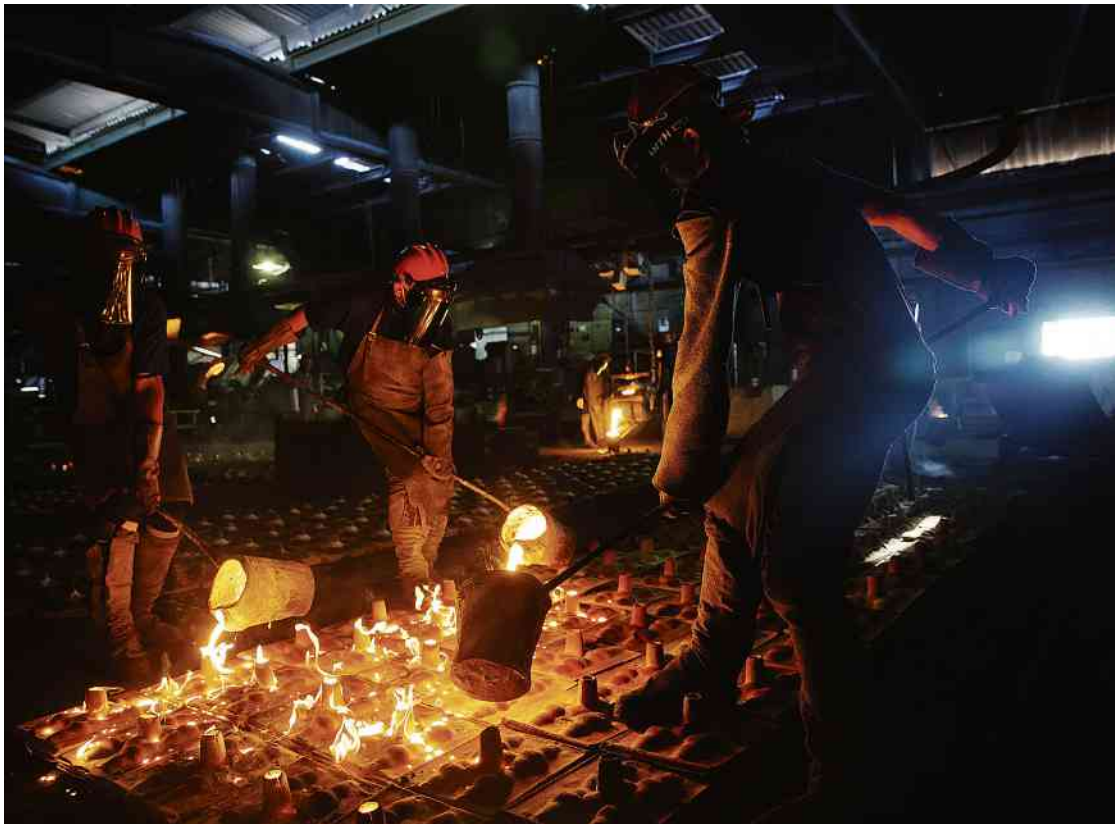
Os questionamentos sobre a lei de terras são antigos. Foi a disputa entre Paper e J&F pela Eldorado Celulose que deu tração ao processo? Não acho que foi, nem tampouco que a discussão no STF tenha ganhado tração. Em 2010, houve um parecer vinculativo da AGU [Advocacia-Geral da União] que acabou com qualquer dúvida de que qualquer sociedade com capital estrangeiro deve observar as restrições da lei de terras no país.

O que isso mudou? Na prática, o que foi feito de forma irregular de 2010 para trás foi considerado como ato jurídico perfeito. Dali em diante, não, e se aplica a lei. O CNJ [Conselho Nacional de Justiça] baixou um normativo, inclusive [sobre isso]. Ou seja, houve uma preocupação de que a lei seja observada até nas aquisições indiretas, quando um estrangeiro compra por meio de uma empresa brasileira ou de operações societárias.

Raio-X
Mestre e doutora em direito civil pela PUC-SP, atua há mais de duas décadas com direito imobiliário, agronegócio e M&A. É doutora e mestre em direito civil pela PUC-SP e pós doutorada pelo Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra, com obras publicadas sobre contratos agrários

É isso o que se pretende mudar no Supremo? A discussão lá é uma tentativa de eliminar as restrições para as empresas brasileiras com capital estrangeiro. Se isso ocorrer, qualquer estrangeiro pode comprar terra sem limite. Seria possível constituir uma empresa, ainda que com 100% de estrangeiros como sócios, e [ela] não estaria mais sujeito à lei. É isso que estão tentando fazer acontecer.

Hoje, o governo tem controle sobre essas aquisições indiretas? É muito difícil de fiscalizar. Entendo que o Incra [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária] tem controle do que é regular [aquisição direta]. O que está irregular não chega ao conhecimento dele, exceto quando há uma fiscalização.

Esse interesse estrangeiro é somente pelo Brasil? A terra está ficando cada vez mais importante com a perspectiva de escassez de alimentos. A tendência [nos países] é de restrição a estrangeiros. Nos EUA, embora a legislação seja estadual, o governo federal controla as aquisições. Na China [que adquire propriedades rurais em outros países], as terras pertencem ao Estado.

Funcionários produzem peças para freio de trem em metalúrgica em Barueri (SP) Eduardo Knapp - 21.nov.16/Folhapress

Regra da UE tira aço brasileiro da lista de mais sustentáveis

Mecanismo de importação do bloco considera apenas emissões de dentro da fábrica e ignora matriz elétrica

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Pedro Lovisi

SÃO PAULO O Brasil exporta para a União Europa o aço não europeu mais sustentável do mundo, de acordo com estudo do Banco Mundial entregue à **Folha**.

Mas o país não terá vantagens na exportação do produto quando os europeus colocarem em ação o Cbam, a taxação de importados com base nas emissões de CO_2.

De acordo com o estudo, que considera dados de 18 países, o aço brasileiro exportado para a União Europeia emite 0,14 quilo de CO_2 equivalente por dólar. O cálculo considera a matriz elétrica utilizada pela indústria, o chamado escopo 2 de emissões. O país só está atrás da Áustria, país da UE que emite 0,12 kg CO_2/US$.

O Cbam, porém, considera apenas as emissões de CO_2 oriundas de operações de dentro da fábrica, eliminando, portanto, a origem da eletricidade usada na indústria.

Nesse caso, o aço brasileiro, segundo o Banco Mundial, emite 0,37 kg CO_2/US$, atrás de dez países, o que impacta a exposição do produto brasileiro à taxação europeia.

A base de dados utilizada para a comparação é de 2019.

"A maior parte das emissões [da produção de aço] vem do escopo 1. A a UE diz que até 50% das emissões seriam cobertas com as regulações atuais. Além disso, pouquíssimas empresas são hoje capazes de prover essa informação, até mesmo na UE, então ir para o escopo 2 seria ainda mais complicado, porque você teria que descobrir de onde vem a eletricidade que está sendo usada", diz Maryla Maliszewska, uma das autoras do estudo do Banco Mundial, ao tentar explicar a decisão dos europeus.

O Cbam visa cobrar do aço estrangeiro o mesmo que é exigido do aço europeu no mercado de carbono da UE. A medida, porém, é carimbada como protecionista por parte da comunidade global.

"Tem algumas incertezas em relação à regra, mas o fato é que qualquer empresa que exporta para a Europa produtos de aço vai ser impactada", diz Bruna Dias, gerente da Strategy&, do grupo PwC.

Na plataforma criada pelo Banco Mundial para apresentar o nível de exposição de produtos ao Cbam, o Brasil aparece pintado de uma mistura de vermelho com verde, enquanto Canadá, Estados Unidos, México, Colômbia e Argentina estão pintados de verde.

Emissões de CO2 dos maiores produtores de aço no mundo*

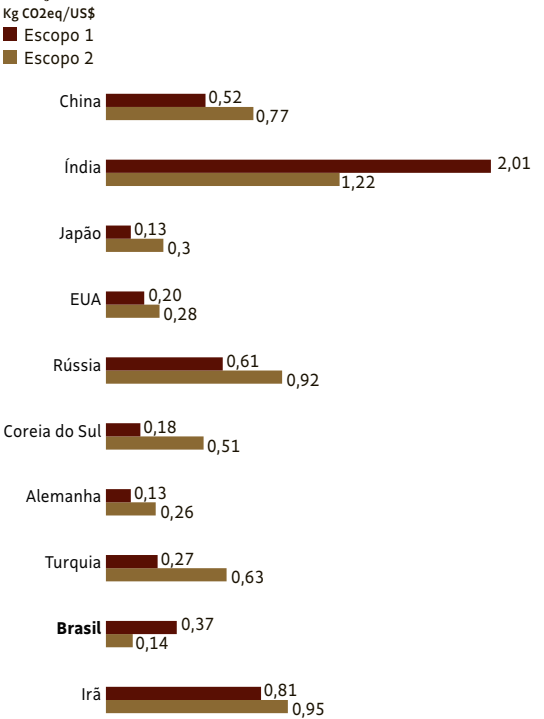



*Gráfico considera apenas exportações para União Europeia
Fonte: Banco Mundial

> O fato é que qualquer empresa que exporta para a Europa produtos de aço vai ser impactada
>
> **Bruna Dias**
> gerente da Strategy&, do grupo PwC

O Brasil só não será mais prejudicado porque a quantidade de aço brasileiro que entra em solo europeu é pequena, apesar de significativa. De acordo com o Instituto Aço Brasil, 48,7% dos produtos siderúrgicos exportados pelo país em 2022 foram para os Estados Unidos, enquanto cerca de 9,5% foram para países da União Europeia, e 9,4%, para a Argentina.

Entre as grandes siderúrgicas brasileiras, a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) é a que mais deve ser atingida. No ano passado, a empresa vendeu R$ 4,4 bilhões de produtos do setor de siderurgia para a Europa —o principal destino de exportação, segundo seu balanço de resultados.

A empresa considera o Cbam um "risco latente e de alta relevância" e o tamanho de uma eventual perda ainda está em estudo.

"As medidas do Cbam irão impactar todo o aço que a companhia exporta para a Europa, em particular o volume enviado para uma das nossas unidades em Portugal. Adicionalmente, existem impactos indiretos relacionados à entrada de um volume adicional de aço no Brasil produzido por países como China e Índia, por exemplo, e que teria como destino originariamente a Europa", diz Helena Brennand Guerra, diretora de sustentabilidade e meio ambiente da CSN.

Guerra analisa que o que torna o Cbam prejudicial para o aço brasileiro não é apenas o descarte do escopo 2, mas o financiamento público de siderúrgicas europeias em paralelo à taxação do produto feito em economias emergentes.

"A União Europeia tem disponibilizado recursos bilionários para que empresas de aço façam a sua transição para rotas de descarbonização. Muitos desses projetos entrarão em operação em 2026, justamente no ano em que o Cbam passará a taxar os produtos importados", afirma Guerra.

"Ou seja, taxam o aço produzido nos países em desenvolvimento, que historicamente menos contribuíram para a emissão de gases de efeito estufa, para financiar não apenas a transição energética mas principalmente a modernização do parque industrial europeu."

O estudo do Banco Mundial mede as emissões por quilo de gás carbônico por dólares de aço vendido, mas, quando a métrica é tonelada de CO_2 por tonelada de aço vendido, a referência padrão, o Brasil também aparece como um dos produtores mais sustentáveis de aço.

Entre 2020 e 2022, o setor siderúrgico brasileiro reduziu suas emissões de 1,9 t CO_2/t de aço bruto para 1,7, ante a média global de 1,89, de acordo com o Instituto Aço Brasil.

Segundo a Global Efficiency Intelligence, consultoria americana de energia, o Brasil está em sexto no quesito sustentabilidade na lista de 16 países produtores de aço. Quando o carvão vegetal utilizado pelas siderúrgicas brasileiras não é considerado neutro devido a origens ligadas ao desmatamento, o Brasil vai para 12º lugar.

Em 2022, 84% do aço brasileiro foi feito via rota integrada, quando se utilizam altos fornos a carvão —maior fonte de CO_2 nessa indústria. Desses, em 11% foi usado carvão vegetal em alguma medida, o que reduz as emissões.

Os outros 16% foram produzidos por meio de forno elétrico e sucata, hoje a forma mais sustentável mundialmente de produzir aço. Em comparação, no mundo a média é de 70% e 30%, respectivamente.

A Gerdau, uma das siderúrgicas com maior grau de sustentabilidade do país, tem a produção inversa ao mundo: 70% via forno elétrico e sucata e 30% via carvão mineral. Esse número, porém, deve trazer pouca vantagem à empresa em um contexto de Cbam concentrado em escopo 1.

"O que nos traz as oportunidades no aço brasileiro é a energia elétrica renovável. Se eu comparar a produção da Gerdau, à base de sucata, considerando o escopo 1 e 2, na unidade no Brasil, com uma unidade nos Estados Unidos, a primeira emite metade da outra. Mas, se eu olhar só o escopo 1, é praticamente igual", diz Cenira Nunes, gerente-geral de meio ambiente da Gerdau.

O setor teme ainda que, com o mercado europeu concentrando o aço mais sustentável, aqueles países que não tenham regulações semelhantes, como o Brasil, sejam inundados de aço com maior pegada de carbono.

"Nós deveríamos ter um Cbam brasileiro. A China é 60% do mercado mundial; o mês de produção da China é a produção anual do Brasil. Ela está melhorando seu parque industrial, reduzindo a pegada de carbono daquela quantidade de aço que ela põe na Europa, para que não seja sujeita ao Cbam, em detrimento de colocar os demais no resto do planeta", diz Guilherme Abreu, gerente-geral de sustentabilidade da ArcelorMittal Brasil.

Recentemente a empresa vendeu seu primeiro aço zero carbono para a Águia Sistemas, de intralogística.

Stefania Relva, consultora sênior do Instituto E +, pensa de maneira semelhante: "[Com o Cbam], a gente vai ter que competir com muitos produtos não certificados no mercado internacional, então a gente perde o mercado do Cbam, perde espaço na competição internacional e provavelmente perde o mercado nacional. Porque esses produtos não certificados que flutuam no mercado internacional vão acabar no mercado doméstico também."

Sob o mesmo receio, o Reino Unido está se articulando para criar sua própria taxação. Já o Brasil discute a introdução de um mercado de carbono para a indústria local.

Exportações para a Argentina recuam 30%

Ajustes feitos por Javier Milei impactam nas vendas brasileiras para o país vizinho; especialista fala em 'ano perdido'

Douglas Gavras

SÃO PAULO Contando com uma colheita robusta de soja neste ano e ainda sob os efeitos do ajuste promovido pelo governo de Javier Milei, a Argentina diminuiu drasticamente a compra de produtos brasileiros.

De janeiro a abril, as exportações para o país caíram 29,9% ante o mesmo período de 2023, totalizando US$ 3,91 bilhões (R$ 20,1 bilhões).

Com isso, os vizinhos, que são os terceiros principais compradores dos produtos brasileiros, se aproximaram do quarto colocado, a Holanda, cujas compras somaram US$ 3,5 bilhões (R$ 18 bilhões).

Os dados são do Comex Stat, do Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços).

Um fator atípico que ajuda a explicar essa queda em 2024 é o aumento da venda de soja à Argentina que ocorreu em 2023, após uma severa seca que o país vizinho enfrentou.

No primeiro semestre do ano passado, o país chegou a se tornar o segundo principal destino da oleaginosa brasileira, já que sua indústria buscava matéria-prima de fora para manter as atividades.

Em 2024, esse problema não existe, e o governo Milei conta com a safra para ajudar na entrada de dólares.

As vendas do Brasil para a Argentina foram US$ 1,66 bilhão (R$ 8,54 bilhões) menores no primeiro quadrimestre ante o mesmo período de 2023 —dessa diferença, 28% correspondem à redução nos embarques de soja.

Acontece que o mercado argentino é especialmente importante para a indústria brasileira, que tem no país vizinho um cliente de seus produtos manufaturados, e o ajuste imposto pelo novo governo tem afetado essas compras.

No primeiro quadrimestre, segmentos importantes da indústria tiveram queda nas vendas. No de partes e acessórios de veículos automotivos, por exemplo, ela foi de 25%; no de automóveis de passageiros, de 22,1%; no de papel e cartão, 33,6%; em motores de pistão, 23,9%.

O economista Rafael Cagnin, do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), lembra que, além da fase de ajustamento contracionista para tentar conter a inflação e assegurar uma nova ajuda do FMI (Fundo Monetário Internacional), o governo argentino promoveu a desvalorização de 54% do peso na virada do ano, encarecendo as importações.

"Um agravante é que o ramo automobilístico, que é importante nas relações comerciais destes países, exige condições adequadas de financiamento e confiança dos seus consumidores para que sua demanda se efetive. A instabilidade do mercado argentino tende a adiar ou bloquear decisões de compra destes produtos", afirma.

Além disso, a concorrência chinesa exerce pressão sobre os mercados latino-americanos em geral, ainda mais diante do aumento de barreiras comerciais nos Estados Unidos, o que inclui veículos, diz o economista.

"Este provavelmente vai ser um ano perdido para as vendas brasileiras à Argentina", avalia o presidente-executivo da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil), José Augusto de Castro.

"Eles precisam de dólares e a alternativa é exportar mais do que importar. Até o fim do ano, é provável que esta queda de 29,9%, registrada até abril, diminua —vai continuar caindo, só que menos", diz.

Um exemplo dessa queda está no setor calçadista.

Trilhos em canteiro de obras de ferrovia em La Plata paralisadas por corte de financiamento Tomas Cuesta - 14.mai.24/Reuters

De janeiro a abril, a Argentina comprou 3 milhões de pares de calçados brasileiros, que somaram US$ 62 milhões (R$ 318,9 milhões), o que representa uma perda de 39,2% em volume e de 24,9% em receita ante o mesmo período de 2023.

"Não acreditamos em uma recuperação a curto prazo, pois são problemas estruturais. Neste ano, certamente registraremos quedas em maior nível do que a registrada nas exportações de calçados em geral, que devem cair entre 5% e 9%", diz o presidente-executivo da Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados), Haroldo Ferreira.

A única boa notícia para o setor é o aumento do preço médio do calçado brasileiro embarcado para lá, que cresceu mais de 23% no período, chegando a US$ 20,53 (R$ 105,60).

Já a Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) calcula que as vendas de produtos brasileiros aos argentinos tenham registrado uma queda de quase 50% de janeiro a março, na comparação com o mesmo período de 2023.

Este provavelmente vai ser um ano perdido para as vendas brasileiras à Argentina. Eles precisam de dólares, e a alternativa é exportar mais do que importar

José Augusto Castro
presidente-executivo da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil)

Os brasileiros não foram os únicos afetados no período. Quando consideradas as importações da Argentina vindas de todos os países, a queda nos primeiros quatro meses do ano é de 23,8%, segundo o Indec (Instituto Nacional de Estatística e Censos).

Em bens de capital (máquinas e equipamentos), a redução foi de 15,5%; em bens intermediários (alimentos e bebidas para a indústria e medicamentos), de 21,5%.

Já quando observadas as vendas de combustíveis e lubrificantes, a queda é de 65%; nas peças e acessórios para bens de capital, de 20,2%.

A indústria local também reflete a queda das importações. Em março, o segmento manufatureiro registrou redução de 21,2%, na comparação com o mesmo mês do ano anterior, com destaque para móveis e colchões (redução de 40,4%).

Também se destacam negativamente os segmentos de máquinas e equipamentos (perda de 37,9%) e produtos minerais e metálicos (queda de 35,8%), ainda de acordo com o Indec.

O segmento de veículos, carrocerias e autopeças (de maior importância para o Brasil) registrou perdas de 25,2%. Em março, o índice de atividade econômica no país caiu 8,4%, ante o mesmo mês de 2023.

A longo prazo, as reformas propostas por Javier Milei preveem uma abertura comercial e facilitação de importações, o que é visto por representantes da indústria argentina como um convite para que o país seja inundado por produtos asiáticos nos próximos anos.

Como reflexo dos ajustes, a redução da atividade econômica, como na construção civil, na Argentina é quase sem precedentes, com o declínio recente no mesmo nível da pandemia.

A interrupção das obras públicas é um exemplo disso. Ela tem sido uma parte fundamental do reequilíbrio do Orçamento, mas também gera um custo alto para a economia e os trabalhadores.

Dos 2.417 projetos que receberam fundos públicos no final do ano passado, apenas 300 eram financiados em fevereiro, de acordo com dados oficiais. A construção representa cerca de 10% do total de empregos.

Segundo Gustavo Weiss, presidente da Camarco (câmara de negócios da construção argentina), a perda chega a 10 mil empregos por mês.

O novo presidente argentino herdou uma grande crise econômica do peronista Alberto Fernández.

Na semana retrasada, os dados oficiais mostraram desaceleração da inflação de abril, atingindo 8,8% no mês. Em 12 meses, no entanto, a alta de preços se aproxima dos 300%.

Lojistas e consumidores dizem que, embora as leituras mensais tenham desacelerado desde o pico de mais de 25% em dezembro, a mudança ainda não foi totalmente sentida.

Mesmo economistas mais alinhados com o pensamento do presidente questionam se a queda da inflação é sustentável e se o preço do ajuste não está recaindo com violência sobre os trabalhadores.

Para 2024, a previsão do FMI para o país é de uma queda de 2,8% no PIB (Produto Interno Bruto), impactado pela grave crise interna, desemprego e baixo poder aquisitivo.

"No desespero, fomos um pouco longe demais no ajuste", reconheceu Milei, em um evento com executivos argentinos do setor financeiro na semana passada.

"Agora que estamos baixando a inflação, sim, claro, há desemprego. Obviamente [isso vai acontecer], se estamos limpando o lixo que foi feito nos últimos 20 anos", defendeu-se o presidente.

Com mais de cinco meses de duração, o governo está enfrentando atrasos em seus planos de reformas e tem esperança de firmar um pacto com governadores regionais.

Em um movimento recente, Milei lançou um projeto de conciliação com os governos provinciais, chamado de "Pacto de Maio", e que tinha previsão de ser assinado neste sábado (25), mas foi adiado pelo governo.

Entre os principais pontos do acordo estão a rediscussão da partilha de impostos entre as províncias, uma reforma tributária e a facilitação da exploração de recursos naturais.

O governo atrelou o pacto à aprovação da nova Lei de Bases, que traz profundas reformas para o país e é considerada uma peça-chave para Milei, mas que emperrou no Senado.

Com Reuters

Como arrumar a bagunça nos juros

Mancadas de Lula, BC e Fazenda elevam o custo do dinheiro, dólar e projeção de inflação

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

As taxas de juros estão em nível de exagero faz pelo menos duas semanas, dizem executivos e negociantes de dinheiro de bancos maiores. A efervescência poderia diminuir um pouco caso governo, Fazenda e Banco Central falassem menos e dessem menos mancadas.

"Diminuir um pouco." Gente variada do BC e até do Ministério da Fazenda diz que um sedativo duradouro vai exigir mais do que gogó e compostura.

Vai exigir o quê?

1) "Melhorar a comunicação" de BC e Fazenda;

2) taxa de juros alta até o final do ano. Assim, em 2025, o BC sob nova direção, luliana, poderia deslanchar cortes na Selic, em vez de ficar manietado;

3) Lula anunciar planos de conter gasto com Previdência, saúde e educação;

4) baixar logo a nova norma sobre a meta de inflação "contínua" (em vez de aferido ao fim do ano-calendário, o descumprimento da meta seria verificado quando a inflação ficasse por certo tempo acima ou abaixo da banda da meta; a meta seria definida para vários anos). Seria um modo de dizer que o regime de metas está forte e sacudido, com o alvo ainda em 3%;

5) Lula parar de avacalhar metas de gasto e inflação, entre outros tiros no pé.

As taxas de juros de que se trata aqui são aquelas negociadas no atacadão de dinheiro, negócios que definem o custo de financiamento de déficits e rolagem de dívidas do governo.

A situação financeira (juros, dólar etc.) se degrada desde meados de janeiro. Os motivos pareciam ser a volta do pessimismo com os juros nos EUA e a perspectiva de que o governo fosse relaxar o plano de redução de seus déficits. A partir de meados de março, as expectativas de inflação também passaram a piorar.

Na semana de 10 a 17 de abril, houve uma conjunção de azares e mancadas: notícias ruins sobre inflação nos EUA; o governo mudou as metas fiscais; o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, disse que era preciso tirar o cavalinho da chuva, pois a Selic talvez não baixasse mais 0,5 ponto. Foi um estrago em juros, dólar etc.

O ambiente se acalmou um pouquinho até a decisão sobre a Selic de 8 de maio, quando o BC votou dividido, supostamente entre "lulistas" e "campos-netistas". O governo e o PT alardeiam que a Selic cairá, sem mais, assim que a maioria da direção do BC for nomeada por Lula. O pessoal do dinheiro acredita, imagina que haverá inflação extra e cobra mais para emprestar ao governo.

Desde maio, diretores do BC tentam unificar o discurso. Ainda não colou. Na sexta (24), Campos Neto fez novos alertas desastrados de inflação mais alta.

Na quarta (22), Fernando Haddad dissera que a meta de inflação era muito exigente e que o BC deveria colaborar, baixando a Selic. Disse ainda que haveria um complô de poderosos a fim manter a Selic nas alturas. Deu mais bobagem com juros, dólar etc.

Apesar dos faniquitos recentes, a piora em juros e dólar foi maior de janeiro a abril do que de abril para cá. Entre o céu e a terra, há mais do que os fantasmas de Haddad.

A Fazenda acredita em fantasmas, conspirações para manter juros na lua. É verdade que as estimativas de inflação e juros de certas instituições não passam de "palhaçada", como disse um diretor de bancão —essas projeções acabam no boletim Focus, que fornece dados para as contas de inflação e juros do BC.

Mas essa picaretagem não determina preços, taxas.

A Fazenda acredita também que os donos do dinheiro deveriam agradecer o fato de que a dívida do governo não tem crescido tão rápido quanto "o mercado" previa, por exemplo. Não é assim que funciona. Não importa o passado, mas o que vai ser da dívida daqui em diante.

O pessoal da Fazenda pode até ganhar os elogios que quer, da boca para fora. Mas tapinha nas costas não determina preços, assim como promessas não pagam dívidas. Além das mancadas, essas ingenuidades custam caro.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 119/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FISIOTERAPEUTA PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 27/05/2024 às 14h do dia 03/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **FISIOTERAPIA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 30h/semanais.
Salário: **R$ 3.951,09**
(três mil, novecentos e cinquenta e um reais e nove centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 120/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO INTENSIVISTA PEDIÁTRICO PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 27/05/2024 às 14h do dia 03/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **MEDICINA INTENSIVA PEDIÁTRICA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Medicina Intensiva Pediátrica** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.118,97 (nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 121/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

BIOLOGISTA PARA O LABORATÓRIO DE CITOGENÉTICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 27/05/2024 às 14h do dia 03/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **BIOLOGIA/CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, BIOMEDICINA/CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (MODALIDADE MÉDICA)** ou **FARMÁCIA BIOQUÍMICA/FARMÁCIA (BACHARELADO)**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.
Salário: **R$ 4.591,73**
(quatro mil, quinhentos e noventa e um reais e setenta e três centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 122/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FÍSICO PARA ATUAR NA ÁREA DE RESSONÂNCIA MAGNÉTICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 27/05/2024 às 14h do dia 07/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **FÍSICA** ou **FÍSICA MÉDICA**, expedido por escola oficial ou reconhecida

Taxa: R$ 65,00 (quarenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.
Salário: **R$ 7.189,50 (sete mil, cento e oitenta e nove reais e cinquenta centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - Pelo presente edital, o **SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS, FARMACÊUTICAS E DA FABRICAÇÃO DE ÁLCOOL, ETANOL, BIOETANOL E BIOCOMBUSTÍVEL DE ARAÇATUBA E REGIÃO-SP (CNPJ 51.106.565/0001-99)**, por seu representante legal, convoca todos os trabalhadores da empresa **NOVA CASTILHO AGROINDUSTRIAL S/A (CNPJ nº 26.489.421/0001-11)**, associados ou não a entidade sindical, para reunirem-se em **Assembleia Geral Extraordinária, que se realizará no dia 28 de maio de 2024 (terça-feira), a partir das 10h00min, nas dependências internas da empresa, situada na Estrada Municipal NCT-02, S/N, Zona Rural, no município de Nova Castilho/SP**, para deliberarem a seguinte ordem do dia: A) Apreciação e deliberação sobre a proposta da empresa relativa ao Acordo Coletivo de Trabalho do Setor do Álcool, Etanol e Bioetanol, para o período 1º de maio/2024 a 30 de abril/2025; B) Discussão e deliberação sobre a cláusula que trata da contribuição negocial, que deverá figurar entre as demais cláusulas do acordo coletivo de trabalho; C) Outorga de poderes à diretoria da entidade sindical, por seus representantes legais, para assinar os respectivos Acordos Coletivos de Trabalho. D) Posicionamento da categoria sobre Greve Geral, no caso de as negociações não chegarem a entendimentos amigáveis. Não havendo número suficiente e estatutário para a realização das referidas Assembleias em primeira convocação, no horário supramencionado, as mesmas serão realizadas 01 (uma) hora após, nos mesmos dias e locais, com qualquer número de presentes. Araçatuba/SP, 25 de maio de 2024. **José Roberto da Cunha -** Diretor Presidente.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10181032708, firmado em 31/01/2023, no qual figuram como fiduciante(s) **ALINE KELLE SANTANA ROCHA,** brasileira, divorciada, esteticista, RG nº 537322097 SSP/SP, CPF/MF nº 089.037.696-43, residente e domiciliada em Cotia/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 12/06/2024, às 15h30min, na Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP,** em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.657.000,00** (Um milhão seiscentos e cinquenta e sete mil reais), o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por: "*Prédio Residencial, com frente para a Avenida Três, sob nº 1069, como área construída de 206,34m²(Av.04); e seu respectivo Lote 27 da Quadra "JQ" do loteamento denominado Ninho Verde Gleba II, situado no Município de Pardinho, Comarca de Botucatu/SP, assim descrito: mede 14,00 metros de frente para a Avenida 3; 30,00 metros da frente aos fundos de ambos os lados, confrontado do lado direito de quem da rua olha para o imóvel com o lote 26; do lado esquerdo como lote 28; e no fundo mede 14,00 metros e confronta com o lote 08, encerrando a área de 420,00m²*". **Inscrição Municipal:** 06191-0(Av.01). **Imóvel objeto da matrícula nº 45.009 do 01º Cartório de Registro de Imóveis de Botucatu/SP**. Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **24/06/2024, às 15h30min,** no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.438.255,72** (Um milhão quatrocentos e trinta e oito mil duzentos e cinquenta e cinco reais e setenta e dois centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no *site* do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br , e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (HP – 2732-02)

SENAD | **PUBLICAÇÃO EDITAL** | GUSTAVO REIS LEILÕES DESDE 2008

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS
AVISO DE LICITAÇÃO - LEILÃO Nº 01/2024 - FUNAD/SENAD/MJSP

Espécie: Licitação, na modalidade leilão, para venda de bens do Fundo Nacional Antidrogas - FUNAD, relativos ao processo 08129.013190/2021-23. AMPARO LEGAL: em conformidade com a Lei nº 7.560, de 19 de dezembro de 1986, alterada pelas Leis nº 8.764, de 20 de dezembro de 1993 e nº 9.804, de 30 de junho de 1999; Medida Provisória nº 2.216-37, de 31 de agosto de 2003, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006; Decreto nº 9.662, de 1º de janeiro de 2019 e, com base no art. 6º do Decreto nº 95.650, de 19 de janeiro de 1988 e Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993 e suas alterações, Decreto 21.981, de 19 de outubro de 1932, alterado pelo Decreto 22.427, de 01 de fevereiro de 1933. OBJETO: Imóvel urbano em condomínio residencial, tendo o terreno 30,00m de frente e de fundos, por 40,44m e 40,19m de profundidade nas laterais, perfazendo área de 1.209,28m². Com 2 blocos residenciais principais, ambos com 2 pavimentos, mais 1 bloco auxiliar ao fundo, totalizando 1.052,98m² de área construída, no estado e condição em que se encontra, situado à Alameda das Camélias, nº 512, conforme edital. DATA E LOCAL: O Leilão será conduzido pelo Leiloeiro Público Oficial – Gustavo C S Reis, matriculado na JUCESP nº 790, endereço Avenida Paulista, 1765, 7º andar Conj. 72 CV 10421 - Bela Vista, São Paulo, SP, 01311-930, sendo o 1ª leilão no dia 18 de junho de 2024 com encerramento previsto às 14:00 horas, e o 2ª leilão 03 de julho de 2024 com encerramento previsto ás 14:00 horas, exclusivamente pelo sítio eletrônico www.gustavoreisleiloes.com.br. EDITAL: os interessados poderão retirar cópias do edital de leilão, na íntegra, junto Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD, localizada na Esplanada dos Ministérios, Bloco T, Anexo II, 2.º andar, sala 213, Brasília/DF, ou, ainda, por meio de acesso, via internet, disponível no seguinte endereço: www.gustavoreisleiloes.com.br. INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Serão prestadas pela Comissão Regional de Avaliação e Alienação de Bens, em horário comercial, no telefone: (41) 3251-7670, ou, ainda, pelo telefone: (11) 5170-0708, com o Leiloeiro Público Oficial. LEONARDO HENRIQUE CORREA - Presidente da Comissão Regional de Avaliação e Alienação de Bens - GUSTAVO REIS - Leiloeiro Oficial.

Informações: (11) 5170-0707 - GUSTAVO REIS - Leiloeiro Público Oficial - Jucesp nº 790

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Doze de Junho de dois mil e vinte e quatro, às dez horas); 2 Leilão (Quinze de Junho de dois mil e vinte e quatro às dez horas) -Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº -1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17.202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário BEM VIVER REGINOPÓLIS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA -EM RECUPERAÇÃO JUDICIAL,** 14.586.504/0001-40, nos termos do instrumento particular firmado em 21/01/2015 com os devedores fiduciantes **PAULO SERGIO DE SOUZA,** Brasileiro, Gerente Bancário, **portador do CPF/MF 082.700.628-47, e do RG 16.668.451X,** e sua conjugê **EVELYN MACHADO SALVADOR,** Brasileira, Administradora, **portador do CPF/MF 262.400.698-25, e do RG 27.290.409-0 SSP/SP**, residentes e domiciliados na cidade de São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 12/06/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ 147.476,94 (Cento e quarenta e sete mil, quatrocentos e setenta e seis reais e noventa e quatro centavos)** -atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 6, quadra G (atual RUA PEDRO FERNANDES GONÇALVES), com área total de 180 M², melhor descrito na matricula de nº 17.974 do Oficial de Registro de Imóveis e anexos Comarga de Pirajuí -SP. Cadastro Municipal 08.0141.0404.001, sem benfeitoria, deocupado, Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 15/06/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ R$ 154.763,21 (Cento e cinquenta e quatro mil, setecentos e sessenta e três reais e vinte um centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br.

EDITAL DE 1º e 2º PÚBLICOS LEILÕES DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
1º Público Leilão: 13/06/2024, às 10:10hs / 2º Público Leilão: 14/06/2024, às 10:10hs

FERNANDA DE MELLO FRANCO, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1281, com escritório na Av. Barão Homem de Melo, 2222 – Sala 402 – Estoril – CEP 30494-080 – Belo Horizonte/MG., autorizado por BANCO INTER S/A, CNPJ sob n° 00.416.968/0001-01, venderá em 1º ou 2º Leilão Público Extrajudicial, nos termos do artigo 27 da Lei 9.514/97 e regulamentação complementar com Sistema de Financiamento Imobiliário, o seguinte: Um terreno de formato regular, indicado como lote nº 04, da quadra D, situado na rua André Garcia Camacho, no loteamento Residencial Parque das Araras, Jaboticabal/SP, com área de 200m², onde foi construído um prédio de uso residencial com área de 152,31m², o qual recebeu o número 371. Imóvel objeto da Matrícula nº 35.826 do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Jaboticabal/SP. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.240/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. Obs.: Imóvel ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97. **1º Leilão: R$ 295.000,00 (duzentos e noventa e cinco mil reais) 2º leilão: R$ 147.500,00 (cento e quarenta e sete mil e quinhentos reais).** O arrematante pagará à vista, o valor da arrematação, 5% de comissão do leiloeiro e arcará com despesas cartoriais, impostos de transmissão para lavratura e registro de escritura, e com todas as despesas que vencerem a partir da data de arrematação. O imóvel será entregue no estado em que se encontra. Venda ad corpus. Imóvel ocupado, desocupação a cargo do arrematante, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Ficam os Fiduciantes: ANDRE LUIZ SIMOES PERDIZ, brasileiro, corretor de imóveis, nascido em 30/10/1989, C.I: 46.213.009-5 SSP/SP, CPF: 334.349.848-36 e MIRELLE SARA DOS SANTOS PERDIZ, brasileira, auxiliar de cobrança, nascida em 17/08/1988, C.I: 40.567.434-X SSP/SP, CPF: 369.784.638-84, casados entre si sob o regime de comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados na rua André Garcia Camacho, n 371, casa, bairro Parque das Araras, Jaboticabal/SP, CEP: 14890-728, intimado(s) da data dos leilões pelo presente edital. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico, podendo o(s) fiduciante(s) readquirir(em) o imóvel entregue em garantia fiduciária, sem concorrência de terceiros, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos, despesas e comissão de 5% do Leiloeiro, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do artigo 27, da Lei 9.514/97, ainda que outros interessados já tenham efetuado lances para o respectivo lote do leilão. Leilão online, os interessados deverão obrigatoriamente, tomar conhecimento do edital completo através do site www.francoleiloes.com.br.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10179999009, datado de 15/12/2022, no qual figura como Fiduciante **Viviane de Fontace**, brasileira, solteira, maior, administradora, portadora do RG 22.688.997-X-SSP/SP e inscrita no CPF nº 132.824.638-80, residente e domiciliada na cidade de São Paulo – SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 03 de junho de 2024, às 15h00,** no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 500.000,00 (Quinhentos mil reais)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Apartamento nº 304, localizado no 2º pavimento do empreendimento denominado "Residencial Stark Design Desire", situado à Rua São José nº 150, Rua Doutor Antonio Bento e Rua Salomão Karik, no 29º Subdistrito – Santo Amaro (Bairro Santo Amaro), com área privativa de 45,000 m² e a área comum de 35,418 m², nesta já incluída a área correspondente a 01 vaga indeterminada de garagem, localizada na garagem coletiva do empreendimento, perfazendo área total de 80,418 m², correspondendo-lhe a fração ideal de 0,002621 no terreno e demais coisas comuns do condomínio, na Cidade de São Paulo - SP. **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado na matrícula nº 382.081 do 11º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo - SP.** Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **13 de junho de 2024, às 15h00**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 516.796,89 (quinhentos e dezesseis mil, setecentos e noventa e seis reais e oitenta e nove centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.megaleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.megaleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

CONSELHO DELIBERATIVO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Alcyr Ramos da Silva Junior, Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo da Sociedade Esportiva Palmeiras, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os senhores Conselheiros para comparecerem à reunião ordinária que fará realizar no dia **10 de junho de 2024, segunda-feira**, com início às **18h** em primeira convocação e às **19h** em segunda e última, com qualquer número de Conselheiros, na forma do disposto no artigo 83 do Estatuto Social, **nas dependências sociais do clube (5º andar do prédio multiuso), na Rua Palestra Italia nº 214**, para atender à seguinte **Ordem do Dia**:

a) Leitura, discussão e aprovação da ata da reunião anterior;
b) Comentários e informações da Presidente do Executivo sobre a administração geral do clube.

São Paulo, 26 de maio de 2024.

Alcyr Ramos da Silva Junior
Presidente do Conselho Deliberativo

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Seis de Junho de dois mil e vinte e quatro, às dez horas); 2 Leilão (Dez de Junho de dois mil e vinte e quatro às dez horas) -Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº -1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17.202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art. º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** BEM VIVER REGINOPÓLIS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA -EM RECUPERAÇÃO JUDICIAL, 14.586.504/0001-40, nos termos do instrumento particular firmado em 05/07/2012 com os devedores fiduciantes **ADENICIO VITOR DA SILVA, Brasileiro, Viúvo portador do CPF/MF 474.607.179-91, e do RG 50.840.648-1 SSP/SP,** residentes e domiciliados na cidade de Pirajuí/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 6/6/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ 139.351,25 (Cento e trinta e nove mil, trezentos e cinquenta e um reais, e vinte e cinco centavos)** atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 2, quadra D (atual RUA NATALINO TRIZZI), com área total de 180,56 M², melhor descrito na matricula de nº 17.887 do Oficial de Registro de Imóveis e anexos Comarga de Pirajuí -SP. Cadastro Municipal 08.0138.0039.001, Com benfeitoria, Ocupado, Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 10/06/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ 61.651,46 (Sessenta e um mil, seiscentos e cinquenta e um reais e quarenta e seis centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-34185420/contato@coimbraleiloes.com.br

FRAZÃO Leilões | **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** | Itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10.169.279.404, no qual figura como **Fiduciante LEONARDO RODRIGUES DE ARAUJO,** brasileiro, solteiro, maior, empresário, RG nº 36.065.630-4 SSP/SP, CPF/MF nº 447.229.968-22, residente e domiciliado em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 28/06/2024 às 16h00min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP**, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 291.789,38** (duzentos e noventa e um mil setecentos e oitenta e nove reais e trinta e oito centavos)**, o imóvel objeto da matrícula nº 102.528 do 9º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP**, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: "O apartamento nº 42, localizado no 4º andar ou 5º pavimento do Edifício Itália, Bloco A, integrante do Condomínio Parque Europa, situado à Rua Castro Teixeira, nº 155, no 27º Subdistrito - Tatuapé, com a área útil de 54,375m²; área comum de 39,4030m²; totalizando uma área construída de 93,7780m²; com direito ao uso de uma vaga ou espaço descoberto na garagem, em local indeterminado, cabendo-lhe no terreno uma quota ideal de 0,59644% ou 43,972539m².". **Inscrição Municipal:** 116.055.0260-9 (conf. Av. 04). **Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 05/07/2024, às 16h00min,** no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 316.556,91** (trezentos e dezesseis mil quinhentos e cinquenta e seis reais e noventa e um centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br , e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (RENAC-2752-03)

Parque Legado das Águas, da Reserva Votorantim, tido como empreendimento-âncora do novo distrito Luciano Candisani/Divulgação

Vale do Ribeira terá primeiro distrito de turismo ecológico

Região com menor IDH de SP tem maior área de mata atlântica conservada

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Próximos a São Paulo e cercados por uma área contínua de mata atlântica preservada, cinco municípios do Vale do Ribeira formam desde abril o primeiro Distrito Turístico Ecológico do estado, sob a expectativa de atrair investimentos que transformem a região em uma "Costa Rica brasileira".

Ibiúna, Piedade, Juquiá, Tapiraí e Miracatu compartilham agora, além desses atributos, assentos no conselho gestor do Portal da Mata Atlântica, nome escolhido para o novo distrito, e a expectativa de transformar a região em um polo de ecoturismo —e, com isso, atrair investimentos públicos e privados.

Pelo menos três grupos hoteleiros já estariam sondando a região para a instalação de empreendimentos.

O distrito Portal da Mata Atlântica é o sexto de turismo a ser criado em São Paulo —os outros são Olímpia, Serra Azul, Centro, Iguape e Andradina.

Projeção do Ciet (Centro de Inteligência da Economia do Turismo), ligado à Setur-SP (Secretaria Estadual de Turismo e Viagens de SP), aponta a movimentação de R$ 10,3 bilhões até 2030 nos territórios definidos como distritos turísticos.

O de Olímpia, criado em setembro de 2021, foi o primeiro. A gestão da época, de João Doria, buscava, com os distritos, o modelo de desenvolvimento da Disney, em Orlando (EUA), onde os parques garantiram emprego, renda e desenvolvimento a uma área sem atrações naturais.

Agora, no Vale do Ribeira, a ambição é se aproximar do exemplo costa-riquenho, país com praias, vulcões, rios e cachoeiras e onde o turismo e a conservação são vistos como aliados (um terço do território é floresta).

Quando o distrito de Olímpia foi criado, a professora da

> [A criação do distrito] nos dá a certeza de que os investimentos em infraestrutura vão acontecer. [...] Aos olhos de qualquer investidor, isso é ouro
>
> **David Canassa**
> diretor do Reserva Votorantim

USP Mariana Aldrigui, que pesquisa turismo urbano, disse à **Folha** que o Vale do Ribeira poderia se beneficiar do modelo. "O legal seria criar o efeito Orlando de fato. Orlando era um pântano, desabitado e sem perspectiva, e alguém falou 'peraí, vamos transformar'."

A exploração do turismo ecológico é, para aquela região, a chance de ter uma alternativa econômica para uma zona de baixo desenvolvimento e com limitações relacionadas à mata. Mais de 80% da área desses municípios está sob proteção ambiental —o que elimina algumas possibilidades, como a da instalação de indústrias.

Roberto de Lucena, secretário de Turismo de São Paulo, diz que criar o distrito atenderá a uma "demanda mundial por turismo de ecologia" em uma região que concentra "os mais baixos IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do estado".

O IDH considera indicadores de educação, expectativa de vida, alfabetização e renda. Ele vai de zero a 1. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda não divulgou a atualização mais recente do Censo para os municípios (somente das capitais).

Apenas para referência, em 2010, o IDH no distrito ficava entre 0,697 (Miracatu) e 0,716 (Piedade). A capital, naquele ano, estava em 0,783. Na atualização de 2021, São Paulo ficou com IDH municipal de 0,806.

A articulação entre os municípios levou pouco mais de três anos, conta a ex-secretária de Turismo de Ibiúna Sakura Ishibuchi Nanni, que deixou o cargo há alguns dias. A cidade é uma das mais próximas da capital. Faz divisa com Cotia, na Grande SP, e outros nove municípios.

Como seus vizinhos, tem uma população pequena (cerca de 80 mil habitantes) espalhada por um extenso território (mais de mil quilômetros quadrados) predominantemente rural.

"O turismo é importante porque ele emprega e cria conexão com os moradores locais, que têm ligação com o lugar. Tem um valor sentimental e do negócio", diz David Canassa, que administra o Legado das Águas, área privada de proteção ambiental do Reserva Votorantim, tido como empreendimento-âncora do Portal da Mata Atlântica.

O Legado tem números superlativos. São 31 mil hectares —tamanho equivalente a Ilhabela—, 20 atrações ligadas ao turismo de aventura, 1.832 espécies de plantas e animais catalogados, dentre os quais se destacam o macaco muriqui, o maior primata das Américas, a anta albina e uma figueira de 40 metros de altura e 21,40 metros de circunferência, a maior de que se tem conhecimento na mata atlântica.

O modelo de múltiplos negócios garante o financiamento do parque. O mais recente é a venda de créditos de carbono por meio de metodologia construída na reserva e lançada em setembro de 2023 durante a Climate Week, em Nova York, a PSA Carbonflor.

Há ainda a produção de mudas, a venda de plantas para paisagismo e o turismo. Para quem vai para passar a noite, há dentro do parque pousada, camping, duas casas e duas hospedagens com apelo sustentável (e estético), o espaço flutuante Altar e o quarto sobre rodas Altar Mini.

A sustentabilidade dos negócios também do ponto de vista ambiental é um atributo comum a outros empresários já instalados no território do Portal da Mata Atlântica.

A Fazenda Morros Verdes, em Ibiúna, passou por um processo de seis anos de recuperação da terra até se tornar um hotel sustentável, há quase 20 anos —um ecolodge. A energia elétrica vem de uma usina solar, há horta de orgânicos e pomar, não há plástico de uso único, há coleta da água da chuva e os resíduos biológicos são tratados.

Para Patricia Haberkorn, diretora do hotel e integrante do comitê gestor do distrito, a criação do território dá a garantia de conservação da área ao mesmo tempo que atrai investimentos para uma localidade quase desconhecida. "Uma coisa importante é a melhoria da infraestrutura."

Apesar da proximidade com São Paulo, as cidades do novo distrito têm baixa cobertura de sinal de telefone e de internet. No Legado das Águas, o uso do telefone fica restrito ao sinal de internet, que é intermitente e insuficiente.

Há ainda os acessos. São muitas vicinais, algumas com baixíssima manutenção. É necessário que elas sejam boas, sinalizadas e que tenham, na opinião de Canassa, espaços de beleza cênica, como mirantes para observação da mata.

O distrito turístico passa a ter agora um comitê gestor formado por representantes dos municípios, das secretarias de Turismo, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico e da sociedade civil. A primeira reunião, que marca o início da atuação formal do grupo, será nesta segunda-feira (27).

Para Canassa, do Legado, o conselho é um diferencial nas articulações entre as iniciativas públicas e privadas, pois as decisões serão tomadas em conjunto e alinhadas com todos os municípios.

As cidades também passam a ter prioridade na aprovação de crédito na agência Desenvolve SP, ligada ao governo, que concede financiamentos a negócios privados a condições mais atraentes do que as linhas convencionais.

"[A criação do distrito] nos dá a certeza de que os investimentos em infraestrutura vão acontecer. Estradas boas, atendimento médico, segurança pública. Com o conselho, a gente consegue articular essas melhorias. Aos olhos de qualquer investidor, isso é ouro."

Da população que trabalha nesses empreendimentos, os gestores contam ouvir grande expectativa com a conversão desses negócios em melhoria na qualidade de vida.

As cidades do Portal da Mata Atlântica têm pequenas e médias propriedades rurais. Hortaliças, banana, caqui, shimeji, tomate-cereja, gengibre e chás são alguns dos produtos que abastecem a região, onde vivem muitos descendentes de japoneses.

O Santuário Ecológico do Budismo Primordial, que abriga um bosque de cerejeiras, está em Tapiraí, e a árvore tradicional do país asiático é vista por toda a região, como em Miracatu e Piedade. Nesta última, o carro-chefe é o cultivo de alcachofra.

Gabriela Majolo, da pousada Ronco do Bugio, em Piedade, diz esperar que o distrito dê visibilidade à região. "Hoje, as pessoas vêm pelos empreendimentos instalados aqui, não pela cidade. Nossa expectativa é que isso mude e que a região em si atraia visitantes."

A pousada inaugurada pelos pais de Gabriela há 23 anos foi pensada, desde o início, como uma área a ser preservada. "Eles entenderam que a melhor maneira de conservar era dar um sentido econômico ao lugar."

Vale do Ribeira (SP)
Distrito Turístico Ecológico Portal da Mata Atlântica
Limite dos municípios
Legado das Águas

mercado

Cidade de 8.000 habitantes 'teme' fábrica de R$ 28 bi

Inocência, em MS, quer evitar problemas como aumento de aluguéis

Alex Sabino

Inocência (MS), que tem 8.400 habitantes e receberá fábrica da Arauco Câmara de Inocência/Divulgação

SÃO PAULO Uma das cidades de menor densidade demográfica do Brasil ganhou na loteria. O que o prefeito de Inocência, em Mato Grosso do Sul, quer agora é descobrir se dinheiro compra felicidade.

O município (a 330 km de Campo Grande) tem 8.404 moradores, 1,46 habitante por quilômetro quadrado e será sede da nova fábrica da Arauco, gigante chilena de celulose. O processo de terraplanagem deve começar no segundo semestre, e as obras, nos primeiros meses de 2025. É um projeto avaliado em R$ 28 bilhões.

Poderia ser apenas motivo de júbilo. Mas também há preocupação. "Qualquer cidade do país gostaria de receber um investimento dessa envergadura. Mas a gente vê o que aconteceu em outros locais e fica pensando nos problemas", afirma o prefeito Antônio Ângelo Garcia dos Santos, o Toninho da Cofapi (PP).

Será um boom econômico, acredita. Hoje no 54º lugar no ranking de receitas do estado, Inocência espera entrar entre os dez maiores em cerca de cinco anos. A arrecadação em 2024 deverá ficar, informa ele, em R$ 130 milhões. O 10º município com mais recursos em Mato Grosso do Sul, no ano passado, foi Chapadão do Sul, com cerca de R$ 299,9 milhões.

"São as dores do crescimento", diz, em misto de divertimento e alívio o prefeito de Ribas do Rio Pardo (97 km de Campo Grande), João Alfredo Danieze (PT).

Ele passou pelo sufoco que Toninho da Cofapi quer evitar. Ao assumir o cargo, no início de 2021, as conversas para a instalação da nova fábrica da Suzano, maior empresa de celulose do país, com faturamento de R$ 40 bilhões em 2023, estavam concretizadas. O empreendimento deve entrar em operação em 2025.

"Foi algo sem nenhum planejamento. Me falaram 'toma que o filho é teu'. Mas qual prefeito não queria um filho de R$ 22 bilhões?", questiona, citando o investimento para a chegada da empresa. "Em um primeiro momento, as demandas foram absurdas", conta.

Foi todo o mundo para dentro da cidade, com impacto gigante: de 6.000 a 7.000 pessoas de uma vez em um local de 21 mil habitantes. Casas que antes tinham aluguel de R$ 700 mensais saltaram para R$ 2.500. Danieze disse ter sido obrigado a construir campos de futebol que funcionassem 24 horas por dia para que os operários "descarregassem a energia".

O prefeito de Ribas viu a multiplicação de bordéis. Antes do início das obras, em 2021, existiam quatro estabelecimentos do entretenimento adulto. No auge da obra, o número saltou para 50.

A população cresceu de 23 mil para 35 mil pessoas. Foi necessário pedir maior policiamento, contratar mais médicos e, em parceria com a Suzano, criar programa de assistência social.

Toninho da Cofapi é só elogios para o desenvolvimento que acredita se avizinhar. Mas, ao observar exemplos como o de Ribas do Rio Pardo, foi atrás de garantias.

A meta é evitar uma invasão de empregados temporários e de empresas terceirizadas, que podem sobrecarregar os sistemas de saúde e causar uma crise imobiliária.

"Sentimos que temos a colaboração da Arauco, os operários da fábrica ficarão hospedados a 40 km da cidade. Não virão para cá. E, por lei municipal que assinamos, nada de infraestrutura poderá ser construída em volta do canteiro de obras. Precisamos garantir o nosso futuro. Será construído um condomínio para os funcionários quando a fábrica estiver em funcionamento, e a Unimed vai se instalar na cidade, prometeram", afirma.

No pico da construção da fábrica da Arauco, serão 12 mil operários, disse o CEO da empresa no Brasil, Carlos Altimiris. E, por causa disso, Toninho da Cofapi quer barrar qualquer iniciativa para que se crie uma cidade ao redor da fábrica, o que fatalmente, opina ele, "engoliria" Inocência.

"É uma questão delicada porque o dinheiro demora para vir. É uma indústria que tem um faturamento 20 vezes maior que o da prefeitura e vai trazer uma demanda que a cidade não vai dar conta. A pressão é grande e se faz necessário desenvolver políticas públicas. Tudo fica mais caro", ressalta Fabio Muzetti, professor de arquitetura e urbanismo na PUC de Campinas.

Entre os temores de Inocência estão o aumento da população de rua, da violência, o esgotamento do sistema de saúde e uma necessidade muito maior de imóveis do que a cidade tem a oferecer.

Por outro lado, mostra também o exemplo de Ribas do Rio Pardo, a médio prazo o dinheiro compensa. "Quando cheguei à prefeitura, o orçamento era de R$ 120 milhões. Neste ano, vamos ultrapassar os R$ 400 milhões e em 2026 vai ser pouco mais de meio bilhão. É um salto significativo", diz o prefeito Danieze, que que cita outros exemplos: "Conversei com o prefeito de Ortigueira (PR), que recebeu uma fábrica da Klabin. Ele me disse que não sabe o que fazer com tanto dinheiro".

Professor de administração pública na FGV, Gustavo Fernandes faz a ressalva de que o município ter muito dinheiro de uma hora para a outra é diferente de ser rico. Ele cita o exemplo do Rio. Só em 2023, o estado recebeu R$ 11,3 bilhões em royalties do pré-sal. O governador Cláudio Castro tenta renegociar um débito de R$ 191 bilhões com a União e fala em crise financeira.

As cidades pequenas, fora do circuito das capitais, atraem megainvestimentos de celulose porque a indústria precisa de grandes espaços de terra para florestas. São 53 companhias em operação no país. É um mercado em ascensão e exportador, especialmente para a China.

Segundo a Indústria Brasileira de Árvores, as vendas para os chineses cresceram 17,2% e passaram de US$ 3,2 bilhões, em 2019, para US$ 3,8 bilhões no ano passado.

Mato Grosso do Sul é o segundo estado que mais exporta. Embarcou 4,46 milhões de toneladas em 2022. Foi responsável por 18,2% do faturamento do Brasil com celulose (US$ 1,52 bilhão).

Melhora a conversa

Haddad tratou de forma aberta e franca o problema fiscal durante audiência na Câmara

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

O ministro Fernando Haddad, em audiência pública na semana passada na Câmara, "causou". Ele disse que a meta de inflação de 3% é duríssima. A leitura foi que o governo não está disposto a perseguir a meta. A fala do ministro não foi boa. Ministro da Fazenda precisa reduzir ao mínimo suas opiniões sobre política monetária. Em geral, somente atrapalha. Causa ruído.

No entanto, foi menos notada a forma aberta e franca com que o ministro tratou do problema fiscal. Com muita abertura, o ministro retoma temas de que a ministra Simone Tebet tratara havia duas semanas.

Com relação às vinculações, afirmou: "As vinculações, uma série de problemas da Constituição, que ainda não foram tratados. Tivemos desvinculações e vinculações contínuas ao longo do tempo. Quem sabe não encontramos uma regra melhor, que dure. Se nós queremos a meta de inflação de 3%, temos que pensar na questão institucional e regras que sejam aceitáveis ao longo do tempo. Não é quem é a favor ou contra. Não é flá-flu", disse.

Em sua fala, o ministro chegou a lembrar a emenda constitucional de 1983, de autoria do então senador pelo Espírito Santo João Calmon, da Arena, que determinou que os estados gastassem 25% da receita líquida dos impostos, e a União, 13%, com a educação.

O ministro, quando afirma que é importante que as "regras sejam aceitáveis ao longo do tempo", refere-se, penso eu, à necessidade de que as regras sejam sustentáveis.

Regras sustentáveis geram previsibilidade. Como apontou o ministro, esse não é um tema de direita ou de esquerda. Trata-se de aritmética. A direita e a esquerda podem divergir no tamanho do Estado, na carga tributária, no papel das estatais e em inúmeros outros temas. Mas a aritmética não tem coloração ideológica.

Mais à frente, o ministro afirmou: "A Previdência é o mesmo problema. Esse engessamento orçamentário impede a trajetória de crescimento. Esse assunto deveria ser trabalhado como política de Estado, não de governo. Segue com mudança de governo. Não sei se temos ambiente político para isso".

Aqui o tema é a regra vigente de crescimento real do salário mínimo. Ela estabelece que o salário mínimo cresce à velocidade da inflação somado ao crescimento da economia. Como elaborei na coluna de duas semanas passadas, essa regra resulta em gastos previdenciários que crescem permanentemente a uma velocidade maior do que a da economia, o que é uma impossibilidade a longo prazo. Não temos uma regra de valorização do salário mínimo que seja sustentável.

Há muito espaço para que esquerda e direita divirjam. Por exemplo, faz todo o sentido a esquerda lutar por elevação da carga tributária sobre os mais ricos. A justiça tributária agradece.

Por outro lado, faz todo o sentido que a direita lute por elevação da eficiência de funcionamento da economia com vistas a aumentar a taxa de crescimento do produto potencial.

Mas é importante que a disputa política ocorra com regras que satisfaçam a aritmética. É essa ressalva que o ministro corajosamente faz.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Café amazônico cresce de forma sustentável, mostra levantamento

Estudo da Embrapa analisa produção de 15 municípios de Matas de Rondônia, que cultivam grãos especiais

Variedade de café conhecida como robusta amazônico Divulgação/Embrapa

AGROFOLHA

Marcelo Toledo

NAVEGANTES (SC) Um estudo produzido por pesquisadores de duas unidades da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) afirma que o café produzido na região conhecida como Matas de Rondônia é sustentável e não agride a Amazônia.

Rondônia é responsável por 97% do café da região amazônica e tem produzido cafés que superam 90 pontos —são considerados especiais os que ultrapassam 80 pontos— em 15 municípios, entre eles Cacoal, Castanheiras, Primavera de Rondônia, Santa Luzia do Oeste e São Miguel do Guaporé.

Na região, os produtores plantam canéforas, variedade mais resistente ao calor que o café arábica, predominante nas lavouras de Minas Gerais, maior produtor do país, e que se adapta mais a temperaturas amenas.

Há casos em que o quilo do café especial chega a custar cerca de R$ 200.

De acordo com o estudo, que utilizou imagens de satélite de alta resolução como apoio para definir em polígonos as áreas agropecuárias e as de florestas, entre 2020 e 2023 houve desmatamento zero em 7 dos 15 municípios das Matas de Rondônia.

Em toda a região, foram detectados traços de retiradas de áreas florestais em menos de 1% da área total ocupada pela cafeicultura.

O mapeamento, produzido pelos pesquisadores Carlos Cesar Ronquim, Nívia Cristina Vieira Rocha (ambos vinculados à Embrapa Territorial, de Campinas, no interior de São Paulo) e Enrique Anastácio Alves (da Embrapa Rondônia), servirá como instrumento para determinar a área precisa ocupada com lavouras cafeeiras, sua dispersão e o que existe de uso de solo e florestas preservadas em seu entorno.

De toda a área, 56% são formados por florestas e mais de 40% equivalem a pastagens, o que, na avaliação dos pesquisadores, significa que é possível ampliar muito a produção de café sem a necessidade de desmatamento.

"Sempre existiu uma percepção equivocada de que a cafeicultura na Amazônia tem um vínculo com o desmatamento. As estatísticas de produção sempre mostraram o contrário. Mas nunca houve um estudo que demonstrasse isso de forma mais técnica e científica", afirma Alves.

De acordo com ele, o levantamento mostra que o índice das áreas de cultivo com desmatamento recente (desde 2020) é de 0,57%.

"A própria cafeicultura, apesar da sua importância socioeconômica, ocupa apenas 0,8% de toda a região. É um impacto de ocupação muito baixo, apesar de ser uma das três culturas agrícolas de maior importância, com cerca de 10 mil famílias de cafeicultores e responsável por 20% de toda mão de obra empregada no agro", acrescenta o pesquisador.

A região Matas de Rondônia produziu no ano passado 2,4 milhões de sacas de café numa área de 70 mil hectares (o equivalente a 98 mil campos de futebol).

Há 20 anos, a produção estava num patamar próximo ao atual, com cerca de 2 milhões de sacas, mas cultivados numa área de 300 mil hectares (420 mil campos de futebol).

> A mensagem é que os robustas amazônicos [variedade de café] são sustentáveis, da agricultura familiar e não desmatam
>
> **Enrique Anastácio Alves**
> pesquisador da Embrapa Rondônia

A queda gradual de preços do café nos anos seguintes fez com que produtores desistissem da atividade agrícola, o que resultou na redução de 74% na área plantada entre 2001 e 2018, de acordo com dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). A produtividade, por outro lado, subiu 292% no período.

A região é o berço do café conhecido como robusta amazônico, primeira variedade a receber selo de indicação geográfica de cafés canéforas sustentáveis no mundo e que é vendido a países sul-americanos, asiáticos e europeus.

Há 37 mil imóveis rurais nos municípios da região de Matas de Rondônia com declaração no CAR (Cadastro Ambiental Rural), dos quais menos de 9.000 se dedicam à cafeicultura.

A área média em produção é de 3,5 hectares, e 95% dos produtores são ligados à agricultura familiar.

"O mapeamento pode se tornar uma virada de chave para a cafeicultura na região amazônica e no Brasil, trazendo rastreabilidade e maior confiança para toda a cadeia de produção, transformação e, principalmente, os consumidores", afirma Alves.

"A mensagem é que os robustas amazônicos são sustentáveis, da agricultura familiar e não desmatam", conclui o pesquisador.

Em abril, o governo de Rondônia e o Sebrae ((Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) fizeram um workshop para planejar o desenvolvimento da cafeicultura para os próximos dez anos.

De acordo com o governo do estado, foi possível projetar um crescimento significativo na área de produção, na produtividade e na quantidade de café produzido em Rondônia.

O projeto de mapeamento da cafeicultura na região faz parte da iniciativa Carb-Café Rondônia, liderada pela Embrapa, a Caferon (Cafeicultores Associados da Região das Matas de Rondônia) e o Sicoob (Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil).

Numa segunda etapa, a pesquisa vai levantar o carbono estocado no solo e nas lavouras cafeeiras e, em seguida, produzir um inventário sobre o cultivo do grão na região.

Kristine McDivitt Tompkins, uma das fundadoras da marca de roupas Patagonia, da qual foi CEO por 18 anos Gilberto Tadday - 15.abr.24/TED

Ex-CEO da Patagonia quer corredor ecológico com Brasil

Filantropa, Kristine Tompkins deixou a carreira corporativa nos anos 1990

Fernanda Ezabella

VANCOUVER Depois de três décadas de trabalho para proteger 15 milhões de acres (6 milhões hectares) de terras e reintroduzir dezenas de espécies na Argentina e no Chile, a ambientalista filantropa Kristine McDivitt Tompkins acha que tudo isso é ainda muito pouco. A californiana de 73 anos está agora de olho em todo o continente, a começar pelo Brasil.

Tompkins, que largou a vida corporativa nos anos 1990 para se dedicar à região, quer ajudar na criação de corredores ecológicos internacionais partindo dos rios do cone sul até o norte.

Ela esteve no Brasil em março para se encontrar com brasileiros de organizações ambientais, que organizaram uma reunião com a ministra de Meio Ambiente, Marina Silva.

Versada no espanhol, de fala mansa e estrutura miúda, Tompkins tem um aperto de mão forte e visão focada. Sua bandeira é a restauração da fauna e flora, ou "rewilding" como diz em inglês, trazendo de volta a vida selvagem para terras que precisam ser recuperadas ou protegidas.

Foi o que fez com a onça-pintada e o tamanduá-bandeira no nordeste da Argentina e com emas e cervos huemul no sul do Chile.

"Temos orgulho do que fizemos no Chile e na Argentina, mas não é rápido nem grande o suficiente para o impacto que precisamos ter hoje", disse Tompkins à **Folha** após apresentar seu segundo TED Talk, em Vancouver, em abril.

"E o Brasil é o centro dessa história, porque tem uma biodiversidade enorme. Queremos achar os parceiros certos e trabalhar com os governos, porque, caso contrário, não dá certo."

A organização de Tompkins, fundada com seu marido, Douglas Tompkins (1943-2015), criou e expandiu 15 parques nacionais do Chile e da Argentina, após o casal comprar terras, montar infraestruturas e repassá-las aos governos. Foi a maior doação de terras particulares da história, de acordo com os envolvidos.

A ação inspirou brasileiros, como Mario Haberfeld, fundador do Onçafari, uma ONG que atua em várias regiões do país e tem base em Mato Grosso do Sul.

Com outros seis brasileiros, incluindo os conservacionistas Teresa Bracher e Roberto Klabin, Haberfeld iniciou em 2020 a Associação Aliança 5P, que hoje engloba 13 propriedades rurais no sul do Pantanal, num total de 346 mil hectares.

"Os Tompkins foram uma inspiração, e nós adaptamos o modelo deles", disse Haberfeld, cuja instituição dedicada à onça-pintada e ao lobo-guará já gastou R$ 120 milhões em compras de terras desde 2019. "Criamos fundos de perpetuidade para manter e administrar essas terras e criar grandes corredores ecológicos. Já temos quatro."

Haberfeld, Bracher e Klabin se encontraram com Tompkins em março e a apresentaram à ministra Marina Silva. O grupo mostrou ao governo brasileiro as propostas de corredores ecológicos internacionais, conectando as bacias dos rios Paraná e Paraguai, perto do Parque Nacional Iberá, em Corrientes (nordeste da Argentina), com o norte do Pantanal, passando por Bolívia e Paraguai.

O projeto já tem até um mascote simbólico dessa parceria sem fronteiras: a onça-pintada Jatobazinho, resgatada ainda filhote em estado crítico de saúde no pátio de uma escola rural no Pantanal de Corumbá (MS), em 2018.

Reabilitado, o animal foi reintroduzido quatro anos depois ao parque argentino Iberá, com ajuda do Onçafari e da Rewilding Argentina, ONG independente ligada à Tompkins Conservation. Como primeira onça-pintada macho do parque, Jatobazinho virou pai de 13 filhotes. E um deles acabou indo parar no Paraguai.

"O Paraguai recebeu esse animal como se fosse a chegada de Cristo. Foi maravilhoso. De repente, eles fazem parte dessa história também", disse Tompkins, contando que o animal foi filmado por pescadores e as imagens viralizaram no país.

"O governo está interessado nos corredores, embora o país não tenha indivíduos tão envolvidos como no Brasil."

> "Não dá para negar que a IA está trazendo coisas boas [...] mas é preciso equilibrar com as desvantagens [...] É bom para o meio ambiente? Não vejo um benefício direto
>
> Decidimos investir e otimizar esses bens, e tudo o que rendia colocávamos para reparar os danos que as empresas causam à mãe natureza
>
> **Kristine McDivitt Tompkins**
> filantropa, foi CEO da Patagonia

Para ela, Jatobazinho provou a premissa da necessidade da grande escala do projeto. "As onças-pintadas precisam se dispersar, mesmo habitando um parque com 1,8 milhão de acres de zonas úmidas", disse, sobre o parque Iberá. Até 1999, ele era pequenas áreas selvagens cercadas por fazendas de gado.

"Se as onças não conseguem, nós falhamos. E elas vão acabar sumindo como nos anos 1930."

Tompkins lamenta ter demorado tanto para conhecer melhor o Brasil. "Quando você começa algo do zero, não espera que todos esses milhões de acres serão insuficientes. Por isso demoramos a chegar ao Brasil", disse.

Foi em Porto Jofre (MT), no Pantanal, que ela viu sua primeira onça-pintada, dez anos atrás. "Chorei de emoção."

Tompkins cresceu num rancho no sul da Califórnia e morou uns anos na Venezuela quando criança, acompanhando o pai, que trabalhava nos campos de petróleo recém-descobertos.

Sua carreira decolou quando foi ajudar o amigo alpinista Yvon Chouinard a fundar a marca de roupas Patagonia, da qual foi uma das seis primeiras funcionárias e CEO por 18 anos.

Mas ela deixou o posto e se aposentou aos 43 anos (e ainda terminou um noivado) para seguir um novo amor na Patagônia de verdade, no Chile, onde morava seu futuro marido, o alpinista e magnata norte-americano Douglas Tompkins.

Cofundador das marcas North Face e Esprit, Douglas havia largado os negócios anos antes para se dedicar ao meio ambiente, apaixonado pelas colinas da região.

Isolados numa cabana na costa sul do Chile, os dois passaram a comprar terras no país de modo a assustar os locais. Foram xingados de "barões ecológicos" e "latifundiários" nos jornais e viraram alvos de teorias conspiratórias.

Receberam até ameaças de morte, principalmente quando passaram a combater a indústria de salmão.

"Hoje, entendo exatamente o que aconteceu. Mas na época éramos um pouco ingênuos. Talvez muito", disse.

Tompkins afirma que ela e Douglas investiram pessoalmente US$ 364 milhões (cerca de R$ 1,8 bilhão) em terras, infraestrutura e campanhas no Chile e Argentina desde 1989, sem contar os US$ 100 milhões (R$ 515 milhões) levantados em doações.

No total, a Tompkins Conservation adquiriu 1,8 milhão de acres, doados aos países com a contrapartida de que os governos aumentassem os territórios com terras federais, chegando assim a 15 milhões de acres protegidos nos dois países.

Ela apelidou a estratégia de "jiu-jítsu capitalista". "É muito simples. Quando largamos a vida corporativa, tínhamos dinheiro, e Doug tinha muito mais que eu", disse Tompkins. "Decidimos investir e otimizar esses bens, e tudo o que rendia colocávamos para reparar os danos que as empresas causam à mãe natureza."

"Sou muito grata aos meus anos de executiva. Aprendi muito. Os negócios te deixam mais dogmático e meio incansável em termos de planejamento, execução de orçamentos e todas essas coisas que nos permitem trabalhar mais rápido e com mais precisão", disse.

Douglas morreu em 2015 num acidente de caiaque no Chile, aos 72 anos. A tragédia quase paralisou sua mulher e é contada no documentário "Wild Life" (2023), sobre a vida filantrópica do casal, dirigido pela dupla Chai Vasarhelyi e Jimmy Chin (Oscar por "Free Solo").

A reportagem conversou com Tompkins em Vancouver, onde ela deu um TED Talk sobre seu trabalho e a importância dos corredores ecológicos na América do Sul, usando os rios da região como "pontes naturais" e "estradas selvagens".

Sua palestra foi uma das poucas, durante os cinco dias de evento, que não tocaram no assunto inteligência artificial, um tema que cansou muitos ouvintes e a própria ambientalista.

"Não dá para negar que a IA está trazendo coisas boas [...] mas é preciso equilibrar com as desvantagens, fazer sinais de alerta. Ninguém parece querer fazer isso aqui", disse Tompkins. "É bom para o meio ambiente? Não vejo um benefício direto. Não resolve a questão do consumo, não protege mais territórios."

Aos 73 anos, ela sabe que talvez não veja o resultado final dos corredores ecológicos entre países, um projeto audacioso que pode levar décadas. "Mas não tem problema", afirmou na sua palestra.

"Como nos disse um amigo querido e muito inteligente, se o trabalho da sua vida pode ser finalizado em vida, você não está pensando grande o suficiente."

Tecnologia é estratégia para empreendedores indígenas

Fabyo Cruz

BELÉM Quem adquire um produto artesanal da marca Menire, como uma bolsa, pulseira ou brinco, feito pelas mulheres indígenas da Abex (Associação Bebô Xikrin do Bacajá) em Altamira (PA), pode ver por meio de QR Code a imagem do rosto de quem produziu aquele item, ter acesso à história da Trincheira do Bacajá e conhecer um pouco sobre a cultura xikrin.

Menire, que significa "mulher" na língua xikrin, é a primeira marca de produtos registrada por mulheres indígenas no país, sendo o "carro-chefe" da Abex. O QR Code é uma das estratégias do empreendedorismo indígena para garantir recursos para comunidades originárias, diminuindo a necessidade de assistência externa.

O objetivo também é deixar claro o engajamento com preservação ambiental e bem-estar social.

A Abex é uma iniciativa dos próprios indígenas, e todas as decisões são tomadas de forma colegiada, diz o assessor financeiro Alex Gerônimo.

"A gente fortalece as cadeias da castanha, do óleo de babaçu e também do artesanato. Para a formação de preço dos produtos do artesanato, a associação leva em conta o valor do material para usar. O valor da arte é definido pelas próprias menires, e o pagamento é feito para elas", diz Alex.

Há um adicional de 10%, para cursos para as mulheres xikrin, como corte e costura, pintura a mão e artes.

Igualitarismo, partilha e colaboração comunitária costumam pautar a economia dos indígenas.

Como os xikrin, outros empreendedores participaram em abril da Semana dos Povos Indígenas, em Belém.

Tepkuruti, 37, é da aldeia kenogoro, em Ourilândia do Norte, município localizado no sul do Pará. Ele e sua esposa, Ngrenhwo, 29, são da Associação Indígena Tuto Pombo - Povo Kayapó Pará. Enquanto a esposa faz pinturas corporais com jenipapo e carvão, o marido vende os trabalhos.

Diferentemente dela, que só fala a língua materna, ele consegue se comunicar com o "homem branco".

O Sebrae no Pará promove ações com os povos indígenas do estado buscando combinar os âmbitos cultural, social e econômico.

Uma das iniciativas é um projeto-piloto com um artesão da etnia kayapó, em Redenção, no sudeste do estado, que exporta para os Estados Unidos. A Abex comercializa seus produtos por meio do Instagram @abexbacaja.

Enquanto o evento em Belém estava em curso, foi lançado em Brasília o Selo Indígenas do Brasil, para identificar a origem de itens produzidos exclusivamente por pessoas físicas ou jurídicas indígenas.

Segundo a cacique Juma Xipaia, secretária de Articulação e Promoção de Direitos Indígenas do Ministério dos Povos Indígenas, o selo pode ser adquirido gratuitamente no Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, na plataforma "Vitrine da Agricultura Familiar".

"O selo permite a rastreabilidade do produto, certifica os nossos produtos e diz não somente a origem mas a região. É um certificado de qualidade."

INÊS 249

CARROS

Sonho sobre rodas

70% dos brasileiros querem comprar um carro em 2024 e a indústria automotiva pisa no acelerador

Uma pesquisa recente divulgada pela **Ernst & Young** revelou que 70% dos brasileiros têm planos de comprar um carro em 2024, uma diferença significativa em relação à taxa global de 44%. ''Nos últimos anos, sempre houve o interesse, mas a compra acabou não se efetivando por conta de várias dificuldades econômicas e financeiras'', aponta o especialista de mercado Antônio Jorge Martins, coordenador dos cursos automotivos da **Fundação Getúlio Vargas (FGV)**.

FATORES

Com uma conjuntura mais favorável, o setor automotivo brasileiro se anima, por exemplo, com as condições atuais. A taxa de juros, que em anos anteriores representou um obstáculo para a compra de veículos, está em queda, tornando o financiamento mais acessível para a população. ''Historicamente, cerca de 65% a 70% das vendas de veículos novos são realizadas através da contratação de financiamento. Então, na medida em que a taxa de juros fica muito elevada, isso dificulta não somente a contratação dos consumidores, como também a concessão pelos bancos por que o nível de risco se eleva'', diz Martins.

Somado a isso, a economia brasileira apresenta sinais de estabilidade, impulsionando a confiança do consumidor e, consequentemente, a intenção de compra. "Algumas instituições já estão projetando a demanda de até 2 milhões e 400 mil veículos", comenta.

Essa perspectiva otimista se reflete nas projeções da **Fenabrave**, associação que representa os distribuidores de veículos, que estima um aumento de 12% nas vendas de automóveis em 2024, indicando uma retomada do mercado após períodos de incerteza econômica.

No primeiro trimestre de 2024, de acordo com dados divulgados pela instituição, houve um aumento de 10,66% nas vendas de automóveis e comerciais leves em comparação ao mesmo período de 2023.

Importante notar que uma parcela significativa dessas vendas vem do setor privado, como aponta o coordenador da FGV, ''as locadoras possuem um peso bem representativo na demanda brasileira, em média 40% das compras de veículos novos. Nesse 1º trimestre, foram as principais responsáveis por esse crescimento das vendas'', diz.

As concessionárias também relatam um aumento na procura por veículos seminovos. ''O mercado de seminovos hoje no país se situa na ordem de 12 a 14 milhões de veículos ao ano, é um dos maiores mercados de seminovos do mundo'', complementa.

sliper84

puhfoto

No primeiro trimestre de 2024, as vendas subiram 10,66% sobre igual período de 2023

SUSTENTABILIDADE EM ALTA

Preocupados com o meio ambiente e com o bolso, os brasileiros demonstram cada vez mais interesse em veículos elétricos e híbridos. A pesquisa da Ernst & Young revela que 18% dos entrevistados consideram a compra de um carro elétrico ou híbrido em 2024. Esse movimento é impulsionado pelo alto preço dos combustíveis fósseis e pela crescente consciência ambiental da população.

Segundo Alexandre Suprizzi, CEO da **Nansen**, esse mercado ''começa a se consolidar, ganhar mais volume esse ano. Tem montadora pretendendo vender de 120 mil a 150 mil carros elétricos em 2024 no Brasil. Essa popularização é decorrente (da queda) dos preços dos veículos elétricos. Ninguém espera um crescimento menor que 50% de um ano para o outro", diz.

Os carros híbridos também ganham espaço no mercado na medida que investimentos em pesquisa e tecnologia crescem no Brasil. A personalização de carros com alto nível de tecnologia brilha os olhos dos consumidores, ''cada vez mais se busca uma customização tecnológica'', comenta Antônio Jorge Martins. ''O carro elétrico atrai os consumidores não somente pelo fato de serem elétricos, mas pela tecnologia que está sendo embutida. Muitos dos veículos chineses se destacam por terem bastante tecnologia aplicada."

O cenário promissor para o mercado automotivo brasileiro em 2024 se concretiza com a chegada da **BYD**, gigante chinesa do setor, que anunciou o investimento da primeira fábrica de carros da BYD fora da Ásia, em Camaçari (BA). A obra iniciada em fevereiro deste ano tem potencial para gerar até 10 mil empregos na região e impulsionar o desenvolvimento tecnológico da indústria nacional.

Outros exemplos de investimentos no setor reforçam o otimismo para o futuro: a **Fiat** anuncia a produção em série do Fiat Pulse Abarth, versão esportiva do SUV compacto, e a **Volkswagen** confirma a produção do Nivus na Argentina, ampliando sua linha de SUVs na América Latina. Os veículos utilitários esportivos lideram as tendências de compra de carro com cerca de 40% das vendas no país, seguido pelo *hatchback* com 26% e o sedan com 12%.

Outras montadoras também estão apostando no potencial do Brasil e anunciaram investimentos no país: **Chevrolet, Hyundai, Mitsubishi, Stellantis, Toyota, Volkswagen e Honda**. No total, são R$ 76,2 bilhões já confirmados em 2024 entre lançamentos de novos produtos e na modernização da linha de produção. Não é à toa que a indústria automotiva fechou abril de 2024 com o maior nível de emprego desde janeiro de 2023.

As perspectivas positivas para o setor automotivo são reforçadas ainda por dados recentes que mostram um aumento nas exportações e importações de veículos em 2023, indicando uma recuperação gradual após períodos de instabilidade econômica e desafios globais.

2023: UM ANO DE RETOMADA E CONSOLIDAÇÃO

O ano de 2023 foi marcado pela retomada do crescimento da indústria automotiva brasileira, após um período de retração. As exportações de veículos registraram um aumento de 15,4% em relação a 2022, enquanto as importações cresceram 3,4%. Esses números demonstram a competitividade da indústria nacional no mercado internacional e a capacidade de atender à demanda global por veículos.

O Brasil fechou 2023 com um saldo comercial de US$ 98,8 bilhões, com as exportações superando os US$ 339 bilhões. Apesar de uma queda de 16% nas exportações de veículos, a indústria de autopeças teve um desempenho notável, exportando US$ 9 bilhões para 212 mercados.

Com um mercado interno em franca expansão, investimentos em novas tecnologias e um cenário internacional favorável, a indústria automotiva brasileira tem tudo para alcançar um crescimento significativo em 2024. O sonho de 70% dos brasileiros de ter um carro próprio se torna cada vez mais próximo, impulsionando o desenvolvimento do setor e contribuindo para a retomada da economia nacional.

pointcm.com.br/online/carros2024

Projeto e comercialização: Point Comunicação e Marketing Tel.: (11) 31670821 – point@pointcm.com.br | Redação e edição: Karina Landi e Lucas Medeiros | Layout e editoração eletrônica: Manolo Pacheco e Sergio Honorio

EXPANSÃO

Em alta voltagem: 2024 promete ser um ano de sucesso para os carros elétricos no país

Mercado brasileiro está aquecido para suprir a alta demanda pelos carros elétricos e deve superar os números históricos de 2023

Embora ainda representem cerca de 1% do total de vendas de carros no país, os modelos elétricos não param de conquistar os brasileiros que buscam maior economia na hora de abastecer, pagar menos na manutenção, aproveitar os impostos mais baratos, dirigir com mais silêncio e reduzir o impacto ambiental. Segundo a **Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE)**, as vendas de carros elétricos e híbridos dispararam em 2023, com mais de 93.927 unidades emplacadas, um crescimento de 137,5% em relação a 2022.

Apesar dos números ainda indicarem um consumo de nicho frente ao gigante mercado nacional de veículos, o setor enxerga o momento com atenção e se prepara para o alto crescimento de demanda, como afirma Alexandre Suprizzi, CEO da **Nansen**. ''Já temos *know-how* de produção em larga escala de equipamento eletrônico para o setor elétrico e, quando acontecer uma demanda similar nos veículos elétricos, não vai ser diferente'', pontua.

Especialistas do setor enxergam com otimismo esse período de adaptação frente ao novo mercado em expansão. ''Como toda mudança de tecnologia, há um período de resistência, mas quanto mais os consumidores passam a conhecê-la melhor, mais ela é aceita e disseminada. Quem experimenta um carro elétrico percebe de imediato que é um veículo mais confortável, mais agradável de dirigir e com muito mais tecnologia. Não quer voltar ao passado'', afirma o presidente da ABVE, Ricardo Bastos.

Os carros elétricos já são uma tendência de compra no mercado de automotivo brasileiro, sendo impulsionada por diversos fatores, como:

- *Redução do preço:* a bateria, componente mais caro dos carros elétricos, vem barateando gradativamente, tornando os modelos mais acessíveis.
- *Investimento em infraestrutura:* apesar de ainda não ser o suficiente, o número de estações de recarga está crescendo em todo o país.
- *Conscientização ambiental:* a busca por alternativas mais sustentáveis cresce entre os consumidores, que veem nos carros elétricos uma opção para reduzir a emissão de poluentes.
- *Redução da taxa de juros:* com a baixa dos juros para financiamentos, a compra ficou mais acessível para um número maior de consumidores.

Outros fatores também contribuem para acelerar o crescimento do setor, indicando que o brasileiro é amplamente receptivo às novas tecnologias, como cita Ricardo Bastos, presidente da ABVE: ''o consumidor está cada vez mais bem informado sobre as características de desempenho e funcionamento dos elétricos. Quanto mais se informa, mais aprova essa tecnologia'', conta.

AS REGIÕES QUE MAIS INVESTEM EM ELETROMOBILIDADE

Em 2023, cinco estados apresentaram maior procura pelos veículos elétricos: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Distrito Federal. Há uma relação direta entre os incentivos oferecidos e a resposta do consumidor. A capital paulista, por exemplo, tem uma lei em vigor desde 2014 que, apesar de alguns problemas de implementação, beneficia o comprador do veículo elétrico ou híbrido com desconto da parcela do IPVA.

Todos os cinco estados com maior procura pelos EV's possuem algum tipo de incentivo fiscal. ''No Paraná, os veículos elétricos tiveram isenção no IPVA por cinco anos até 2023. O Distrito Federal também adotou uma legislação muito avançada de isenção de IPVA. E, além disso, todos esses estados têm uma infraestrutura de recarga em amplo crescimento, o que contribui para o aumento da demanda dos veículos elétricos pelos consumidores, que se sentem mais confiantes para adquirir a tecnologia'', completa o presidente da ABVE.

Alguns consumidores ainda têm dúvidas sobre a diferença entre um carro elétrico e um híbrido. Os elétricos funcionam exclusivamente com eletricidade, oferecendo autonomia de até 400 km com uma única carga. Enquanto os híbridos combinam motor elétrico e a combustão interna, alternando entre eles para otimizar o consumo de energia.

ECONOMIA, SUSTENTABILIDADE E PRAZER

O crescimento de interesse nos carros elétricos no Brasil não é por acaso. Além de serem uma alternativa mais verde e sustentável aos veículos tradicionais, eles oferecem aos consumidores uma série de vantagens que os tornam cada vez mais atraentes.

Economia: abastecer um carro elétrico pode ser até 80% mais barato do que um modelo a combustão, de acordo com a ABVE. Isso se deve ao menor custo da eletricidade em comparação com a gasolina ou o diesel, além da maior eficiência energética dos motores elétricos.

Benefícios fiscais: diversos estados e municípios brasileiros oferecem isenção de IPI e outros impostos para proprietários de carros elétricos. Essa vantagem pode representar uma economia significativa na compra do veículo.

Manutenção mais barata: os elétricos têm um número menor de peças em movimento do que os modelos a combustão, significando menos manutenções e custos reduzidos com reparos.

Dirigibilidade superior: a experiência de dirigir um carro elétrico é única. O torque instantâneo do motor proporciona uma aceleração suave e prazerosa, além de uma dirigibilidade mais silenciosa e confortável.

CENÁRIO PROMISSOR

O mercado aquecido indica que 2024 tem tudo para ser ainda mais eletrizante. Com a chegada de novos modelos ao mercado, a expansão da rede de recarga e a crescente demanda dos consumidores indicam que este será o ano da consolidação da eletromobilidade no Brasil. Segundo os dados da ABVE, em janeiro de 2024, 12.026 veículos eletrificados (elétricos e híbridos) foram emplacados no país.

A entidade ainda prevê que 2024 deve superar a série histórica e atingir a marca de 150 mil carros vendidos.

Além disso, algumas novidades chegam para aquecer ainda mais o mercado, como o carro elétrico híbrido *plug-in* a etanol. ''Um produto inédito no mercado mundial. Terá ampla autonomia no modo 100% elétrico, atendendo à imensa maioria dos trajetos nas cidades, e, ao mesmo tempo, poderá ser abastecido a etanol no modo híbrido. Combinará assim ampla autonomia nas viagens longas com zero ou baixa emissão de poluentes em qualquer ambiente'', destaca Bastos.

Com um mercado em franca expansão, a chegada de novas tecnologias inovadoras e a crescente consciência ambiental da população, o país se consolida como um dos principais *players* da América Latina nesse setor. Mais do que números e estatísticas, essa trajetória ascendente representa um compromisso com a sustentabilidade e com a construção de um futuro mais verde para as próximas gerações.

Confira os 15 carros elétricos mais vendidos no Brasil em 2023:

Modelo	Vendas
1º) BYD Dolphin	6.812
3º) Volvo XC40	2.439
2º) BYD Yuan Plus	1.756
4º) BYD Seal	1.040
5º) Volvo C40	841
6º) GWM Ora 03	772
7º) JAC E-JS1	506
8º) Mini Cooper S Electric	396
9º) Nissan Leaf	370
10º) BMW iX	345
11º) BMW iX3	327
12º) BYD D1	323
13º) Renault E-Kwid	321
14º) BMW iX1	267
15º) Porsche Taycan	322

APRESENTADO POR:

DE CARROS LEVES A ÔNIBUS, NANSEN ENTREGA PORTFÓLIO COMPLETO EM INFRAESTRUTURA DE RECARGA COM CONECTIVIDADE E AMPLA COBERTURA

CRÉDITO: LORENA CABRAL

Ninguém duvida que a eletromobilidade é o presente e o futuro da frota brasileira. Para ela ganhar ainda mais impulso, o mercado vê surgir em todo o país novos postos de carregamento, produtos e serviços que facilitam a vida de quem migra para modelos elétricos. Totalmente conectada com esse movimento, a Nansen, empresa brasileira de 94 anos, atualmente comercializa soluções completas em infraestrutura de recarga para mobilidade elétrica.

De acordo com Flávio Pimenta, gerente de Mobilidade Elétrica da empresa, a linha de carregadores para veículos elétricos da Nansen chegou ao mercado brasileiro em 2021 com grande aceitação e reconhecimento. Tanto que, este ano, a companhia foi eleita uma das 100 mais influentes no país em mobilidade pelo Estadão. "Combinamos o mais alto nível de pesquisa e desenvolvimento, competitividade, confiabilidade e excelência em serviços, fornecendo cobertura de suporte em 100% do território nacional", destaca.

Para todos os públicos

Além dos consumidores finais, a Nansen atua em diversas outras frentes.

"De leves a pesados, trabalhamos com infraestrutura de recarga para todos os tamanhos de veículos. Temos a solução completa de hardware, software e serviços", diz.

Com frotistas de última milha – como a companhia classifica os clientes corporativos com frota própria e infraestrutura de recarga –, a Nansen já possui contratos com grandes marcas que colocam a sustentabilidade no centro de seus negócios. Com a NoCarbon – locadora de veículos 100% elétricos da JBS, por exemplo, existe um trabalho em conjunto. "Nesse caso, não entregamos apenas os equipamentos. Somos responsáveis pela solução fim-a-fim, que é a garantia de toda a operação envolvendo a recarga para o cliente. No caso de algum ponto inoperante, se não tiver reparo local, conseguimos fazer a substituição do equipamento rapidamente, entre outros serviços", explica.

Nas estradas, a Nansen também está cada vez mais presente com postos de recarga. "No último ano vimos vários projetos saírem do campo da Pesquisa & Desenvolvimento para ganhar vida. Tem aumentado muito o volume de empresas investindo em suas próprias infraestruturas de recarga para comercialização de energia contando com a nossa tecnologia", acrescenta. Da mesma forma, shoppings e aeroportos também podem operar com a tecnologia de carregamento e software de gestão da Nansen, que permite o gerenciamento das estações de recarga e cobrança.

"Ou seja, se um cliente comercial quiser uma solução 100%, da instalação até o software de gestão, entregamos", diz Pimenta. A linha completa de produtos e serviços pode ser conferida no site: nansen.com.br/infraestruturaderecarga. A venda é feita por uma rede de distribuidores e revendedores.

Eletroterminais Brasil afora

Salvador (BA), São José dos Campos (SP), Manaus (AM) e Cascavel (PR) são algumas das cidades que investiram na expertise da Nansen ao apostar em grandes eletroterminais como parte de seus sistemas de transporte público. "No Brasil, esse histórico de obras entregues e em pleno funcionamento, e a confiança em nossa marca têm feito várias cidades recorrerem ao nosso portfólio", conta. Este ano, as capitais Curitiba (PR) e São Paulo (SP) entram para a lista das que adotaram as tecnologias em mobilidade elétrica urbana da empresa.

Conectividade e robustez

Segundo o executivo, a bem-sucedida incursão da Nansen no segmento de mobilidade elétrica pode ser explicada também pela robustez em seus equipamentos, que suportam as condições e intempéries e manuseio humano. "Além disso, com exceção dos cabos portáteis, todos os demais produtos são dotados de conectividade, detém inteligência. Isso permite que o usuário final acompanhe as suas recargas no software de gestão, e também facilita um suporte técnico mais rápido e eficiente no futuro", complementa.

Além desse segmento, a Nansen atua com inversores fotovoltaicos e é considerada uma das maiores fabricantes de medidores inteligentes de energia da América Latina. Toda essa tecnologia provém da forte parceria junto à Sanxing, do gigante grupo chinês AUX.

CRÉDITO: EROS MARÇAL

Transformando a mobilidade urbana no Brasil e nas Américas

- **94 anos de atuação**
- **Soluções completas para veículos leves, frotistas, redes públicas de recarga em rodovias, shoppings, aeroportos e grandes projetos para transporte público**
- **Cobertura em 100% do país**
- **Unidades: Contagem (MG), Manaus (AM), São Paulo (SP), Colômbia, Peru e México.**

PRODUZIDO POR: POINT COMUNICAÇÃO E MARKETING

DICAS

O que considerar na hora de comprar e trocar um carro

Formatos de negócios e aquisição como consórcio de autos crescem no País e conquistam milhares de brasileiros

Comprar ou trocar o carro é um dos principais desejos financeiros dos brasileiros. Mas, na hora de buscar por um veículo, o que é preciso levar em conta? Que modelo é mais vantajoso? Financiar ou buscar por outro tipo de modalidade de compra? Essas são apenas algumas das dúvidas que as pessoas encontram para tomar a decisão final.

Independentemente se a compra for de carro novo, seminovo ou usado, "o importante é definir previamente aquele que atenda às necessidades do comprador, desde os seus desejos, seu orçamento de compra, até o orçamento pós-compra", diz a consultora automotiva Aline Deolindo.

Ela dá diferentes dicas para comprar novos, seminovos ou usados. "Para quem busca um carro novo, sugiro visitar mais de um local de compra para obter negociações diferentes. Quem está de olho nos seminovos, eu diria para não agir pela emoção: não é porque o veículo é seminovo que não tenha que ser validado e inspecionado. Independentemente do local de compra, é importante fazer a vistoria para entender, em uma análise de conjunto, se é uma boa compra. Se o comprador se planeja para um carro usado, é importante procurar por um que tenha histórico de manutenções preventivas, além de pesquisar o histórico e a procedência do carro, seja qual for o local da compra: loja, concessionária, particular, entre outros", afirma.

CUSTO-BENEFÍCIO É VANTAGEM DOS SEMINOVOS

Preferência de 39% da população inclinada a comprar um automóvel, de acordo com a pesquisa "UOL Mercado de Autos", os seminovos, com até três anos de uso, são considerados a melhor opção para quem busca um carro com bom custo-benefício. Luca Cafici, CEO da **InstaCarro**, plataforma de venda de carros usados e seminovos, alerta que "é importante tomar alguns cuidados para garantir uma compra segura e tranquila: desconfie de 'superofertas', pois podem ser uma distração para um carro sem histórico de manutenção ou mesmo com algum histórico de colisão, recuperação de sinistro ou mesmo com avaria mecânica grave. Depois de definir o tipo e o valor que pretende gastar, é essencial consultar outros custos importantes, como o de revisões ou custo médio de peças de desgaste natural, como pastilhas de freio, filtros, correias e pneus, bem como o consumo médio de combustível", diz. E, para além da análise de mercado, uma rede de conexões confiáveis também pode ajudar na hora da compra de um seminovo: "uma boa dica é não consultar apenas fichas técnicas, mas sim, encontrar grupos de proprietários de veículos e ouvir deles qual a experiência com o carro. Se muitos relatarem um mesmo tipo de manutenção recorrente, se prepare para ter de fazê-la também", orienta.

Scharfsinn

O especialista ainda chama a atenção para pontos que devem ser levados em consideração e dá dicas ao comprar um seminovo, como, conferir a numeração do chassi gravado nos vidros do veículo, já que todos devem coincidir, para entender se há sinais de colisão ou troca de peças que remetam a um dano importante, além de pedir a avaliação de um mecânico de confiança sobre o estado da mecânica, incluindo motor, transmissão, freios e suspensão. Checar se todos os itens de série do carro estão funcionando corretamente também é imprescindível, como o ar-condicionado, por exemplo: "teste no gelado e na fase quente e, caso não esquente após o veículo estar funcionando por um tempo, é sinal de que o sistema de aquecimento foi desligado do carro", avisa.

CONSÓRCIO DEMOCRATIZA O MERCADO DE AUTOMOTIVOS

Modalidade consolidada de compra no Brasil, o consórcio de veículos vem atraindo cada vez mais interessados em comprar um veículo sem se preocupar com taxa de juros, por exemplo. Em 2023, o volume de créditos alcançados chegou a resultados inéditos. De acordo com a **Associação Brasileira de Administradoras de Consórcio (ABAC)**, no acumulado de 12 meses, o segmento alcançou o montante de R$ 104,32 bilhões – considerado um feito histórico no segmento de veículos leves. Um salto de 27,9% sobre o resultado de 2022.

Em 2024, a *performance* dos consórcios também anima o mercado, com um exponencial aumento na adesão: entre janeiro e abril de 2024, o número de pessoas participantes cresceu 11% em relação ao mesmo período do ano passado, representando 551 mil novos consorciados no País. Já o número de pessoas que deram lances e foram contempladas no primeiro quadrimestre deste ano somam 237 mil – 12,9% a mais em relação ao mesmo período de 2023 –, um volume superior a R$ 36 bilhões em contratos assinados.

O crescimento, reflete a ABAC, é reflexo da educação financeira da população brasileira, que passou a ponderar seus custos e investimentos com maior critério ao longo da pandemia de Covid-19.

Vale lembrar que o consorciado, depois de contemplado, recebe uma carta de crédito que permite a aquisição do carro desejado. O modelo de compra permite que, durante o período de participação no consórcio, ele utilize a carta de crédito para comprar um carro novo ou usado, de qualquer marca ou modelo, desde que esteja dentro do valor estipulado.

DICAS PARA QUEM PLANEJA COMPRAR O PRIMEIRO CARRO

Já para as pessoas que estão planejando a compra do primeiro carro, o ideal é escolher um modelo novo. "A dica é sempre pensar na opção de veículo mais novo possível dentro do orçamento. Por exemplo, se o comprador tem um orçamento de R$ 50 mil, a minha sugestão é comprar um carro mais simples e mais novo, ao invés de um carro superequipado e de categoria superior, e anos mais velhos", recomenda Aline Deolindo, que ainda lembra: "esse é o primeiro carro: comece pelo mais simples para entender o que é ter um carro e, aos poucos, vá fazendo um *upgrade* com as trocas".

E POR FALAR EM TROCA...

Considerando que um carro novo, ao rodar seus primeiros quilômetros fora da concessionária, perde relevante percentual do seu valor, planejar a troca é essencial para um bom negócio. Uma pesquisa divulgada pela empresa **KBB**, especializada em pesquisa de preços de veículos, mostrou que em março de 2023, os carros seminovos registraram desvalorização média de 1,13%, enquanto os usados, aqueles que têm entre 4 e 10 anos de uso, uma média de 0,47%. "Na hora de trocar, planeje o orçamento e, ao escolher o modelo, valide o carro e sua integridade, quilometragem, histórico de manutenções realizadas, e, tenha cuidado com carros maquiados, no caso dos usados", indica a consultora.

FOLHA DE S.PAULO

INFORME PUBLICITÁRIO

Direção criativa: Netflix ★ São Paulo, 26 de maio de 1984/2024 ★ Um jornal a serviço do Brasil ★ Ano 64 ★ Nº 20.151 ★ Cr$ 400,00

Senna em segundo, como campeão

Prost vence, mas o show é do brasileiro

Crédito: Guilherme Leporace / Netflix

O brasileiro e Prost, após celebração no pódio (acima); Ayrton Senna mostra seu talento na chuva, durante temporal no GP de Mônaco (abaixo).

O domingo amanheceu chuvoso, o que sempre é um sinal de corrida difícil para qualquer piloto de Fórmula 1. Ainda mais para um jovem em sua primeira temporada. Mas Ayrton Senna da Silva desafiou a lógica e mostrou que seu talento pode levá-lo a lugares inimagináveis na história do automobilismo.

O Grande Prêmio de Mônaco, nas ruas estreitas e sinuosas do Principado, já começou com uma mostra do quão incomum seria a disputa. Niki Lauda pediu à direção de prova que a pista fosse molhada na região do túnel que compõe o traçado. O motivo do pedido do bicampeão do mundo, atendido pela organização, era simples: os pneus de chuva seriam destroçados ao passarem pelo chão seco do túnel, ou quase isso, o que poderia causar acidentes durante a corrida.

Mas o fato é que, mesmo com esse cuidado, os problemas não demoraram a acontecer. Os dois pilotos da Renault, Patrick Tambay e Derek Warwick, precisaram abandonar a prova. Depois, foi a vez de Nigel Mansell. O britânico vinha em ótimo ritmo, chegando a ultrapassar Alain Prost, que havia largado na pole. Mas o sonho de conquistar sua primeira vitória na Fórmula 1 foi interrompido quando ele perdeu aderência no trecho da subida para o Cassino, bateu contra as proteções e danificou sua Lotus de forma irremediável.

Prost recuperou a primeira posição, mas aí todos os olhares já estavam voltados para Ayrton. O brasileiro, que largou em 13º, vinha ganhando posições. Ele e sua Toleman pareciam estar em um desses filmes musicais clássicos, em que a personagem não se importa com a água que cai do céu.

Em determinado momento, Ayrton se viu em terceiro lugar, atrás de Prost e Lauda. Seria natural um estreante, em uma corrida de enorme dificuldade por conta da chuva, se contentar com um lugar no pódio. Mas o brasileiro, apesar de novato, viu ali o palco perfeito para dar show, e mostrou que nada que seja diferente do primeiro lugar o deixa satisfeito.

Em uma manobra sensacional, ele deixou Lauda e sua potente McLaren, que já o levou a duas vitórias na atual temporada, para trás. Os dois saíram de uma curva de baixa velocidade, e Ayrton colocou sua Toleman, de potência bem inferior à McLaren do austríaco, lado a lado com o adversário, até que conseguiu ultrapassá-lo.

Com Lauda ficando para trás, era hora de buscar Prost. Mas o clima piorava a cada minuto. As incertezas sobre o que seria da sequência do GP de Mônaco aumentavam.

E não era só Ayrton que brilhava nas ruas do Principado. Logo atrás, outro novato, Stefan Bellof, da Tyrrell, conseguia voltas ainda mais rápidas do que as do brasileiro e do líder francês.

Na volta 29, já parecia improvável que Prost, sofrendo com problemas nos freios, aguentasse o ritmo de Ayrton. Se houvesse condições, teríamos uma disputa épica pela liderança e pela vitória, que poderia ser a primeira de Ayrton na Fórmula 1.

Duas voltas depois, o francês conseguiu o que desejava. Vendo o brasileiro ainda mais perto, ele seguiu pressionando e, por fim, o diretor da prova, Jacky Ickx, cedendo à pressão do francês ou à chuva, optou por acionar a bandeira vermelha e parou a corrida.

Ali, terminou também o show de Ayrton na chuva, não sem antes de ele cravar a melhor volta da prova, com 1m54s334. Foi também seu primeiro pódio na Fórmula 1. Antes seu melhor resultado foi o sexto lugar, na África do Sul e na Bélgica.

Se houve favorecimento a Prost, não se sabe, pelo menos por enquanto. O que todos viram é que Ayrton é, de fato, diferente.

Grandes corridas moldam pilotos e futuros campeões. Na chuva que caiu em Mônaco, então, se moldam os gênios. E só eles são capazes de chegar ao nível de atuação que o brasileiro mostrou no estreito e difícil circuito de rua.

Daqui a algumas semanas, acontecerá o Grande Prêmio do Canadá. Certamente, os fãs de Fórmula 1 terão um olhar especial para o jovem que mostrou, em Mônaco, que chegou para brigar por coisas grandes.

Reginaldo Leme
jornalista

-

Um dos principais nomes da cobertura da F1 no Brasil há mais de 50 anos, Reginaldo foi o jornalista original dessa mesma reportagem.

Crédito: Guilherme Leporace / Netflix

CLASSIFICAÇÃO GERAL - MÔNACO 1984

1º	Alain Prost	McLaren	1.01:7.740
2º	Ayrton Senna	Toleman	+7.446
Dsq	Stefan Bellof	Tyrrel	+21.141 VIOLAÇÃO DE REGRA
3º	René Arnoux	Ferrari	+29.077
4º	Keke Rosberg	Williams	+35.246
5º	Elio de Angelis	Lotus	+44.439

MUNDIAL DE MARCAS

1º	Alain Prost	28,5
2º	Niki Lauda	18
3º	René Arnoux	14,5
4º	Derek Warwick	13
5º	Elio de Angelis	12,5
6º	Keke Rosberg	11
7º	Michele Alboreto	9
8º	Patrick Tambay	7
9º	Stefan Bellof	5
10º	Ayrton Senna e Nigel Mansell	4
12º	Eddie Cheever e Ricardo Patrese	3
14º	Martin Bundle e Andrea de Cesaris	2
16º	Thierry Boutsen	1

Crédito: Guilherme Leporace / Netflix

Sem Bellof, terceiro colocado, só Prost e Senna subiram ao pódio em Mônaco.

A volta mais rápida do GP de Mônaco

Uma mistura estranha de sentimentos. Orgulho e injustiça. É o que levo da corrida de hoje. Vimos talvez o primeiro feito de um jovem com grande potencial de se tornar protagonista no esporte brasileiro. E assistimos, indignados, Ayrton Senna ser – no mínimo – prejudicado na prova. Uma lástima que não combina em nada com o glamour e a pompa de Mônaco.

Daqui de São Paulo, onde estou treinando para a disputa de mais um Mundialito com a seleção brasileira de vôlei, pude acompanhar a corrida. Para um esportista, talvez seja ainda mais impactante ver um novato brasileiro, pilotando uma Toleman, partir com tanta propriedade para cima de carros e nomes consagrados. Foi incrível ver a audácia e talento com que Ayrton ultrapassou Niki Lauda, já depois de ter ganhado muitas posições, em uma corrida confusa e numa pista onde correu pela primeira vez. Seria sensacional ter visto ele passar Prost – e passaria –, caso o GP não tivesse sido interrompido na 32ª volta das 76 previstas.

Mas, apesar do gosto amargo da injustiça, o sentimento que prevalece é de orgulho. A vitória está garantida para um atleta que sabe que entregou tudo. Ayrton pode não ter ocupado o primeiro lugar no pódio monegasco. No entanto, os aplausos que recebeu do público (francês em sua maioria, não por acaso) valem mais que o troféu dado a Prost. Muitos outros virão, sem dúvida. E muito mais aplausos pelo mundo, principalmente vindos do Brasil.

Espero que o brasileiro abrace esse craque das pistas como tem nos abraçado pelos ginásios e pelas quadras. E que Ayrton e nós também possamos ser um exemplo de perseverança e trabalho duro para os milhões que aqui vivem. Precisamos disso. Mais que as vitórias e as medalhas.

Bernardinho
técnico da seleção de vôlei

-

Bernardinho é referência nacional do esporte e acompanhou a trajetória do Senna como mais um fã brasileiro.

INÊS 249